



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO-CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

JOSEFA REJANE LUIZ FERREIRA

**O ARTIGO DE OPINIÃO: PRODUÇÃO DO GÊNERO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS
DIDÁTICAS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MAMANGUAPE-PB
2019

JOSEFA REJANE LUIZ FERREIRA

**O ARTIGO DE OPINIÃO: PRODUÇÃO DO GÊNERO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS
DIDÁTICAS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Carla Alecsandra de Melo Bonifácio, como requisito para obtenção do título de Mestra.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F383a Ferreira, Josefa Rejane Luiz.

O artigo de opinião: produção do gênero através de sequências didáticas no 9º ano do ensino fundamental / Josefa Rejane Luiz Ferreira. - Mamanguape-PB, 2019. 199 f. : il.

Orientação: Carla Alecsandra de Melo Bonifácio.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEE.

1. Artigo de opinião. 2. Produção textual. 3. Sequência didática. 4. Ensino. I. Bonifácio, Carla Alecsandra de Melo. II. Título.

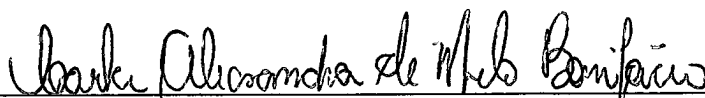
UFPB/BC

JOSEFA REJANE LUIZ FERREIRA

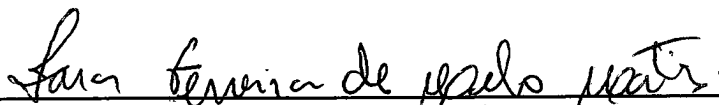
**O ARTIGO DE OPINIÃO: PRODUÇÃO DO GÊNERO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS
DIDÁTICAS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Aprovada em: 28 / 03 / 19

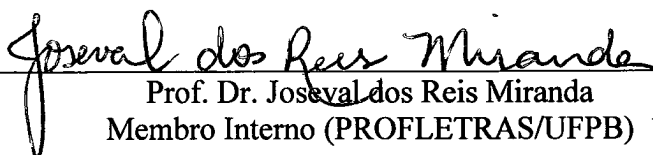
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Carla Alecsandra de Melo Bonifácio
Orientadora (PROFLETRAS/UFPB)



Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins
Membro Externo (PROFLETRAS/UEPB)



Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda
Membro Interno (PROFLETRAS/UFPB)

Aos meus pais, Júlio e Socorro, pelos ensinamentos transmitidos através do grande exemplo de vida que são, e a quem agradeço parte de minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

“Quem oferece um sacrifício de gratidão é que me glorifica, e a quem persevera em seu caminho eu farei ver a salvação de DEUS” (Salmos 50:23).

Agradeço à minha família, Alex Reis, Renata Ferreira e Laryssa Reis (minha filha, meu maior presente) pela compreensão, paciência e incentivo em todos os momentos do mestrado;

À minha professora e orientadora, Dra. Carla Alecsandra de Melo Bonifácio, pelo exemplo de grande profissionalismo, pela habilidade de transmitir as opiniões e críticas, pelo conhecimento, seriedade e praticidade em conduzir a orientação;

Aos alunos, diretores, professores e funcionários da Escola Professora Argentina Pereira Gomes, pelo acolhimento, colaboração e parceria;

Aos professores Dr. João Wandemberg e Dra. Roseane Nicolau, pelas sugestões ofertadas no Seminário de Pesquisa;

Às coordenadoras do Mestrado PROFLETRAS, Dra. Laurênia Souto e Dra. Marineuma Cavalcanti, pela proatividade demonstrada no exercício das suas funções;

Aos professores Dr. Joseval Miranda e Dra. Marluce Pereira, pelas contribuições dadas no Exame de Qualificação;

Aos professores e professoras do mestrado, pelo empenho e partilha de conhecimentos tão importantes para a minha formação acadêmica;

À turma IV do PROFLETRAS-UEPB, pela troca e construção de conhecimentos, especialmente à amiga Guia Pereira, minha companheira de viagem e parceira de estudos;

À UEPB e à CAPES, por incentivarem e acreditarem na melhoria do ensino público, e pelo investimento no Programa de Mestrado Profissional em Letras;

Enfim, agradeço a todos os que estiveram comigo na torcida, acreditando que a realização de um sonho é possível, para quem acredita nele.

“Ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu, de ver novos lugares e novas gentes. Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objeto singular, um amigo – é fundamental. Navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas, é mais preciso ainda!”

(Antoine de Saint-Exupéry).

RESUMO

Esta pesquisa surgiu da observação das dificuldades apresentadas na produção de artigos de opinião, realizada com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do centro de João Pessoa-PB. Essas dificuldades nos instigaram à elaboração de um trabalho com o referido gênero, que pudesse diminuir esses problemas. Assim, o nosso objetivo geral é possibilitar o desenvolvimento da escrita do gênero artigo de opinião, a partir de uma proposta de ensino e aprendizagem pautada em sequências didáticas. E, para realizarmos nossa investigação, adotamos como referencial teórico para o estudo dos gêneros as considerações de Bakhtin (2000), Marcuschi (2008), os PCN (1998) e BNCC (2017). Para uma abordagem específica do artigo de opinião, recorremos a Koch (2011) e Beltrão (1980). No tocante à escrita, Antunes (2003) e Koch e Elias (2006); e, para a sequência didática, seguimos o modelo proposto por Lopes-Rossi (2011). Com relação à natureza da pesquisa, evidenciamos uma abordagem qualitativa de natureza intervencionista e descritiva, constituindo-se em uma pesquisa-ação e, por se tratar de uma investigação de natureza aplicada, propomos uma atividade final de reescrita dos textos, para uma análise comparativa dos dados entre as produções iniciais e finais. O *corpus* da nossa investigação foi composto por doze artigos de opinião, que foram analisados em duas etapas. Na primeira, analisamos seis produções diagnósticas e identificamos problemas referentes aos elementos constitutivos do gênero: composição, estilo e conteúdo temático, que foram exercitados através das aplicações dos módulos didáticos da sequência. Após a aplicação da proposta de intervenção, realizamos a segunda etapa, em que fizemos a comparação entre as duas versões produzidas, seguindo o mesmo critério de análise das produções diagnósticas. Constatando a nossa suposição, os resultados alcançados demonstraram avanços significativos em relação à apropriação das características típicas do gênero, revelados na produção escrita do artigo de opinião.

Palavras-chave: Artigo de opinião. Produção textual. Sequência didática. Ensino.

ABSTRACT

This research arose from the observation of the difficulties presented in the opinion articles production, carried out with the students of the 9th grade of Elementary School, of a public school in the Center of João Pessoa - PB. These difficulties instigated us to elaborate a work with the aforementioned genre that could reduce these problems. Thus, our general objective is to enable the development of the writing of the genre of opinion based on a proposal of teaching and learning based on didactic sequences. In order to carry out our research, we adopt Bakhtin (2000), Marcuschi (2008), PCN (1998) and BNCC (2017) as a theoretical reference for the study of genres. For a specific approach to the Opinion Article, we refer to Koch (2011) and Beltrão (1980). With regard to writing, Antunes (2003) and Koch; Elias (2012) and for the didactic sequence, we follow the model proposed by Lopes-Rossi (2011). Regarding the nature of the research, we present a qualitative approach of an interventionist and descriptive nature, constituting an action research and, because it is an investigation of an applied nature, we propose a final activity of rewriting the texts, for a comparative analysis between the initial and final productions. The corpus of our investigation was composed of twelve articles of opinion, which were analyzed in two stages. In the first one, we analyzed six diagnostic productions and identified problems related to the constituent elements of the genre: composition, style and thematic content, which were exercised through the applications of the didactic modules of the sequence. After applying the intervention proposal, we performed the second stage in which we compared the two versions produced, following the same criterion of analysis of the diagnostic productions. Based on our assumption, the results achieved showed significant advances in relation to the appropriation of the genre typical characteristics, revealed in the written production of the opinion article.

Keywords: Opinion article. Text production. Following teaching. Teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Análise dos elementos constitutivos do poema e da tirinha	23
Quadro 02 - Tipos de argumentos.....	35
Quadro 03 - Exemplo de um artigo de opinião	36
Quadro 04 - Práticas de produção textual associadas ao contexto de utilização	44
Quadro 05 - Diagnóstico de Interpretação – Aluno 01	56
Quadro 06 - Diagnóstico de Interpretação – Aluno 02	57
Quadro 07 - Produção Inicial 1.....	59
Quadro 08 - Produção Inicial 2.....	63
Quadro 09 - Produção Inicial 3.....	66
Quadro 10 - Produção Inicial 4.....	69
Quadro 11 - Produção Inicial 5.....	73
Quadro 12 - Produção Inicial 6.....	76
Quadro 13 - Sequência Didática – Lopes-Rossi (2011).....	81
Quadro 14 - Questionamentos sobre o assunto polêmico: gravidez na adolescência.....	87
Quadro 15 - Questões para apropriação dos elementos constitutivos do artigo de opinião.....	89
Quadro 16 - Questões norteadoras para a produção escrita do artigo de opinião	92
Quadro 17 - Análise Comparativa - Produção Inicial 1.....	99
Quadro 18 - Análise Comparativa - Produção Final 1.....	100
Quadro 19 - Análise Comparativa - Produção Inicial 2.....	104
Quadro 20 - Análise Comparativa - Produção Final 2.....	105
Quadro 21 - Análise Comparativa - Produção Inicial 3.....	108
Quadro 22 - Análise Comparativa - Produção Final 3.....	109
Quadro 23 - Análise Comparativa - Produção Inicial 4.....	113
Quadro 24 - Análise Comparativa - Produção Final 4.....	114
Quadro 25 - Análise Comparativa - Produção Inicial 5.....	117
Quadro 26 - Análise Comparativa – Produção Final 5	118
Quadro 27 - Análise Comparativa - Produção Inicial 6.....	122
Quadro 28 - Análise Comparativa – Produção Final 6	123

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CCAE - Centro de Ciências Aplicadas e Educação

LD - Livro Didático

LP - Língua Portuguesa

OLP - Olimpíadas de Língua Portuguesa

PCNEM - Parâmetros Curriculares do Ensino Médio

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP - Projeto Político Pedagógico

PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras

RCEF - Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental

SD - Sequência Didática

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS	14
2.1 Um breve estudo acerca dos gêneros discursivos.....	14
2.2 Conteúdo temático, estilo e construção composicional	19
2.3 Relação entre texto, discurso e gênero.....	23
2.4 Gêneros discursivos como objeto de ensino nos documentos oficiais	26
2.5 O gênero discursivo artigo de opinião	30
3 ESCRITA E ENSINO: TEORIAS E PRÁTICAS	39
3.1 Concepções de escrita.....	39
3.1.1 Escrita com foco na língua	39
3.1.2 Escrita com foco no escritor	40
3.1.3 Escrita com foco na interação	41
3.2 A escrita no contexto escolar de acordo com os documentos oficiais	42
3.3 A escrita na abordagem prescritiva/normativa da língua	45
3.4 A escrita na abordagem sociointeracionista da língua.....	47
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	51
4.1 Contexto de pesquisa.....	51
4.2 Perfil da instituição e dos participantes.....	53
4.3 Delimitação do <i>corpus</i>	54
4.4 Atividade diagnóstica de produção escrita.....	54
4.5 Análise da produção inicial.....	58
4.6 Sequência didática proposta por Lopes-Rossi para a produção textual	79
4.7 Proposta de intervenção – os módulos didáticos	82
5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE PRODUÇÕES INICIAIS E PRODUÇÕES FINAIS	99
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS.....	130
APÊNDICES	133
ANEXOS	145

1 INTRODUÇÃO

Várias são as inquietações demonstradas pelos profissionais do ensino de Língua Portuguesa, doravante denominada LP, no que diz respeito ao trabalho com os gêneros discursivos em sala de aula, que por diversas ocasiões são escolhidos, apenas, como recurso para inserção das práticas de aplicação da gramática normativa. Aspectos como contexto de produção, circulação, funcionalidade e recepção dos textos são desconsiderados por serem trabalhados de forma mecanicista e descontextualizada.

Determinadas inquietações trazem, para o universo escolar, o desafio de promover condições que permitam inserir o educando em atividades de desenvolvimento das habilidades de leitura, de interpretação, compreensão textual e, sobretudo, de produção escrita com perspectiva de reescrita. Acreditamos que a progressão dessas habilidades facilita ao indivíduo o processo de atuação na sociedade como cidadão que age, reivindica, questiona, critica, diante de determinados contextos sociais.

Considerando esse desconforto e as competências discursivas que devem ser ampliadas, a justificativa que norteou nosso trabalho partiu da percepção das dificuldades espelhadas nas produções textuais dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, em relação à produção escrita do artigo de opinião, tendo sido gerada a seguinte questão problema: *Como o trabalho de intervenção, através de sequências didáticas, pode auxiliar na apropriação das características típicas, condições de produção e circulação do gênero discursivo artigo de opinião?*

Justificamos a escolha do referido gênero pelo fato de termos constatado as dificuldades já citadas em relação à sua produção, e também por ser um gênero de caráter argumentativo, podendo contribuir no desenvolvimento das habilidades dos alunos, no sentido de fazer com que estes possam se posicionar, entender e defender um ponto de vista, convencer, estabelecer críticas sobre assuntos de relevância social a que são expostos diariamente, argumentar e contra-argumentar sobre os mais diversos temas, entendendo que é através da linguagem que se compreende o mundo e se atua sobre ele.

Nesse sentido, desenvolvemos este projeto utilizando o gênero discursivo como objeto de ensino, de acordo com a proposta de Lopes-Rossi (2011), na intenção de conduzir o aluno ao entendimento da linguagem como processo sociointeracional e a escrita como registro verbal desse processo. Dessa forma, o trabalho foi desenvolvido em módulos, através da aplicação de atividades sequenciadas, mediante os problemas encontrados. Os participantes desta pesquisa foram alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede estadual, situada no centro da cidade de João Pessoa, estado da Paraíba, onde nos encontramos em exercício.

Para tanto, o objetivo geral é possibilitar o desenvolvimento da escrita do gênero artigo de opinião, a partir de uma proposta de ensino e aprendizagem pautada em sequências didáticas, doravante denominada SD, e tem como objetivos específicos:

- ✓ Discorrer sobre as concepções teóricas que servirão de fundamentação para o desenvolvimento da pesquisa – gênero, escrita, metodologia e SD;
- ✓ Efetuar uma atividade diagnóstica sobre a produção escrita do artigo de opinião, sugerida no livro didático, doravante denominado LD, do 9º ano;
- ✓ Apresentar uma proposta interventiva baseada na escrita do gênero artigo de opinião, com propósitos de reescrita, a ser realizada pelos alunos;
- ✓ Divulgar as produções finais escritas pelos alunos, através de um livro de artigos de opinião;
- ✓ Analisar comparativamente, as produções iniciais e finais, considerando os elementos constitutivos do gênero: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

A partir dos objetivos atendidos, o educando será conduzido ao entendimento da função social do gênero a ser trabalhado, ao se apropriar do conhecimento dos aspectos constitutivos: tema, estilo e composição e, ao finalizarmos as etapas da SD, esperamos que ele seja capaz de produzir o referido gênero atendendo aos seus elementos constitutivos.

Para fundamentarmos nossa pesquisa, no tocante ao estudo das concepções de gênero discursivo, recorreremos aos estudos de Bakhtin (2000, 2012), Cavalcante (2016), Koch e Elias (2006); e, no que diz respeito às distinções entre discurso, texto e gênero, referenciamos Marcuschi (2008). Buscamos nos PCN (1998) e na BNCC (2017) a importância dos gêneros como objeto de ensino da língua e, especificamente para o gênero artigo de opinião, as considerações teóricas de Koch (2011), Beltrão (1980) e Rojo (2000). No que diz respeito ao processo do trabalho com a escrita, utilizamos Antunes (2003) e Koch e Elias (2006). Como referencial metodológico, recorreremos aos estudos de Barbier (2004), Thiollent (1986) e Bortoni-Ricardo (2008), e quanto ao desenvolvimento da SD, utilizamos Lopes-Rossi (2011).

A pesquisa ajusta-se a uma abordagem qualitativa, de natureza intervencionista e descritiva, constituindo-se em uma pesquisa-ação, de natureza aplicada. Um trabalho que parte da investigação de um problema e recorre à prática em busca de possíveis soluções. Assim, o *corpus* da nossa investigação foi composto por doze artigos de opinião, seis produções iniciais e seis produções finais. Ao analisarmos as produções iniciais, encontramos inadequações referentes à estrutura composicional, ao estilo e ao conteúdo temático, relacionadas à produção escrita do gênero, que foram trabalhadas na aplicação das sequências didáticas. Finalizamos

com a escrita da versão final dos textos e a divulgação das produções de acordo com a forma de circulação do gênero.

Sobre a organização do nosso trabalho, o estruturamos em seis capítulos, iniciando pela introdução, que traz as razões que nos levaram a desenvolver esta pesquisa, bem como a justificativa pelo gênero escolhido, os objetivos a serem alcançados, os autores que utilizamos para a fundamentação teórica, a metodologia da pesquisa e a justificativa da nossa investigação. Em seguida, apresentamos a disposição dos capítulos subsequentes.

No segundo capítulo, discorremos sobre a concepção dos gêneros discursivos na perspectiva dialógica e sociointeracional da linguagem, e sobre a concretização desses gêneros nas situações de comunicação verbal nas esferas da sociedade. Comentamos sobre os três elementos constitutivos: conteúdo, estilo e composição, e trazemos uma breve descrição sobre os conceitos de texto, discurso e gênero. Também analisamos a importância dos gêneros discursivos como objeto de ensino nos documentos oficiais, voltada para o desenvolvimento da competência discursiva e, por último, apresentamos o conceito, as características e a função do gênero artigo de opinião, tratando dos seus aspectos sociais e verbais.

No terceiro capítulo, por sua vez, versamos sobre a escrita e suas concepções, apresentando-a no contexto escolar e na visão dos documentos oficiais. Por fim, realizamos uma abordagem do ato de escrever a partir de duas visões: prescritiva/normativa e sociointeracionista, para uma devida compreensão de uso da linguagem.

Já no quarto capítulo, traçamos os procedimentos metodológicos que foram utilizados na pesquisa, mostrando a contextualização, o perfil da instituição e dos participantes e a delimitação do *corpus*. Na sequência, tratamos da aplicação da atividade inicial diagnóstica, seguida da análise dessas produções e da apresentação do modelo de Lopes-Rossi (2011), utilizado para o desenvolvimento das atividades sequenciadas da nossa investigação; por último, tratamos da aplicação dos módulos das SD empregados na proposta de intervenção.

No quinto capítulo, procedemos com a realização de uma análise comparativa entre as produções iniciais e finais, com o intuito de comprovarmos se a nossa aplicação interventiva contribuiu para a solução dos problemas identificados nas primeiras produções.

Por fim, no sexto capítulo, apresentamos as considerações finais, em que colocamos nossas reflexões sobre a importância desta pesquisa e dos resultados alcançados com a execução da proposta de intervenção. E, considerando que este trabalho faz parte da nossa área de atuação, esperamos que as contribuições apresentadas sirvam de exemplo para pesquisadores e interessados na área de educação, sobretudo de LP.

2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Abordaremos, neste capítulo, uma noção de concepção acerca dos gêneros do discurso, apresentando a linguagem do ponto de vista dialógico, diante de um contexto sócio-histórico e cultural. Para isso, situamos como pressupostos teóricos para essa temática os estudos de Bakhtin (2000), Cavalcante (2016), entre outros.

Em seguida, destacaremos os três elementos constitutivos dos gêneros: conteúdo, estilo e composição, nas perspectivas de Bakhtin (2000) e Koch e Elias (2006); logo após, apresentaremos uma breve distinção sobre as noções de discurso, texto e gênero, com base em Marcuschi (2008).

Posteriormente, mostraremos a importância do trabalho com os gêneros discursivos, no ensino da LP, tomando por base os Parâmetros Curriculares Nacionais (2008), a Base Nacional Comum Curricular (2017), dentre outros documentos. Finalizaremos o capítulo citando alguns gêneros da esfera argumentativa e discorrendo sobre o artigo de opinião, de acordo com Bakhtin (2000), Rojo (2000), Koch (2011), Beltrão (1980).

2.1 Um breve estudo acerca dos gêneros discursivos

Antigamente, o estudo dos gêneros era determinado pela categorização dos domínios da retórica, da poética e da literatura. Segundo Marcuschi (2008), o primeiro conhecimento sistematizado sobre o termo gênero, referente à linguagem, remete à Antiguidade Clássica, a critério das contribuições de Platão e de Aristóteles, passando por outros filósofos e especialistas até o início do século XX.

Esse termo foi designado às concepções literárias visando a classificação de acordo com o conteúdo das obras e características equivalentes, em que poderiam ser observados, isoladamente, processos semânticos, morfológicos, sintáticos e fonológicos, e tais concepções foram agrupadas em três modelos: o épico, o lírico e o dramático, considerando-se, nessa tipologia, a maneira de ocorrência da enunciação dos textos, determinada pela reprodução transitória ou encenação da realidade.

Os gêneros literários, assim denominados, receberam para cada estilo designações que, a princípio, auxiliariam como parâmetros para as classificações posteriores; porém, Aristóteles (*apud* BONIFÁCIO, 2008, p. 29) propôs uma divisão em subgêneros: a epopeia, a tragédia e a comédia, que seriam ramificações, aparentemente, independentes dos modelos anteriores, por

apresentar uma individuação na questão do conteúdo. Assim sendo, a literatura clássica, que se importava em reunir os textos¹ de acordo com as semelhanças e diferenças neles encontrados, promove, a partir do referido autor, uma possível ampliação conceitual, com a proposta dessa subdivisão.

Com o passar dos anos, os gêneros passam a ser referência não só para a literatura, mas também para outras artes, como cinema e teatro, caminhando entre várias esferas de exercício da língua, sobretudo a partir de estudiosos da linguagem como Bakhtin (2000), que trata da questão dos gêneros com base no discurso, considerando as ocupações sócio-históricas e culturais, plausíveis de adequação e/ou modificação às situações exigidas pela sociedade, permitindo considerá-los infinitos na sua produção.

Notadamente, Bakhtin não considera que os gêneros do discurso tenham sido estudados na diversidade funcional, face ao estudo dado aos gêneros literários, e expõe para estes o seguinte:

Mas estes, tanto na Antiguidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais contudo têm em comum a natureza verbal (linguística). (BAKHTIN, 2000, p. 280).

Conforme podemos observar, os enunciados não recebiam análises específicas, mascarava-se a organização linguística em torno dos mesmos, em virtude das delimitações apresentadas em que o processo interacional da linguagem era desconsiderado.

Recorremos então a Bakhtin (2012) para apresentarmos, sócio-historicamente, os gêneros numa visão da linguística, e encontramos mediante essa teoria que o autor, assim como Saussure (2012), apresenta a língua como ocorrência indispensável para a comunicação; porém, na visão saussuriana, a linguagem é estabelecida como uma aptidão do ser humano e a língua como “parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2012, p. 46).

Em outras palavras, a língua para Saussure é considerada como emancipada do processo de interação verbal, independente do contexto sociointeracional, apresentada como individual e autônoma, sem ligação com a realidade.

¹ Na seção 2.3 apresentaremos uma discussão acerca da relação entre os termos *texto*, *discurso* e *gênero*.

Em contrapartida, observamos as considerações bakhtinianas que trazem uma análise da linguagem como resultado da atividade de interação entre o homem, o contexto social e histórico. Segundo ele:

A enunciação individual (a parole), contrariamente à teoria do objetivismo abstrato, não é de maneira alguma um fato individual que, pela sua individualidade, não se presta à análise sociológica. Com efeito, se assim fosse, nem a soma desses atos individuais, nem as características abstratas comuns a todos esses atos individuais (as “formas normativamente idênticas”) poderiam gerar um produto social. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2012, p. 126).

Diante dessa perspectiva, percebemos que o autor defende uma visão da linguagem amparada pela mutualidade verbal, em que a língua é um produto social, centrada em situações de interação comunicativa, funcionando, portanto, como herança histórica e cultural da raça humana, como ele afirma ao propor uma definição dos gêneros do discurso: “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Nesse sentido, os gêneros do discurso são a concretização daquilo que, habitualmente, ocorre nas situações de comunicação verbal, e são relativamente estáveis por apresentarem sucessivas mudanças ao longo do tempo, a fim de atender às exigências da sociedade em determinadas situações comunicativas. Diante disso, determina-se o caráter dialógico da linguagem, no sentido de que se constrói um discurso percorrendo-se outros enunciados, em um processo de interação verbal acionado pelo mesmo propósito comunicativo. Assim, Bakhtin considera que:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2012, p. 127).

A partir dessa exposição, podemos observar o caráter de retomada da linguagem, ressaltando a importância que a interação apresenta em relação ao processo de comunicação verbal, tendo em vista que todas as práticas sociais que dizem respeito à atividade humana estão associadas ao uso da língua, notoriamente diversas, constantes, variadas; necessitam, portanto, estar situadas sócio-histórica e culturalmente, resultando assim no surgimento da multiplicidade dos gêneros. Nesse sentido, Bakhtin fundamenta que:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Percebemos que os enunciados devem ser compreendidos como um legítimo diálogo, situado entre aquilo que fora dito e o que se espera dizer, condição fundamental para o processo de compreensão da interação verbal; verificamos ainda que o discurso, ao ser produzido, deve ser considerado quanto aos seguintes elementos: grau de formalidade ou de informalidade, o propósito da ação e os interlocutores envolvidos no processo comunicativo.

Cavalcante (2016, p. 44) aponta para a ocorrência de inter-relacionamento entre o gênero discursivo e o texto, afirmando que os gêneros discursivos “são padrões sociocomunicativos que se manifestam por meio de textos de acordo com necessidades enunciativas específicas.” Isso ratifica que o caráter dialógico e de adaptação dos gêneros é determinado por uma espécie de permuta, entre exigências e colaborações, em que se tenta assimilar a produção de sentidos nas trocas verbais. Ainda sobre uma conceituação dos gêneros, a autora complementa: “Trata-se de artefatos constituídos sociocognitivamente para atender aos objetivos de situações sociais diversas. Por esse motivo, eles apresentam relativa estabilidade, mas seu acabamento foi (e continua sendo) constituído historicamente (CAVALCANTE, 2016, p. 44).

Assim, como é possível perceber, para cada situação exigida pelo contexto, padrões diferentes serão utilizados na confecção do discurso, em virtude de que os gêneros surgem para suprir tais necessidades e são produzidos de acordo com os padrões fundamentais da utilização da linguagem nas diferentes esferas da atividade humana.

Na visão de Cavalcante (2016, p. 49), o processo de estabilidade e de instabilidade ocorre porque: “Os gêneros discursivos são, simultaneamente, formas estabilizadas (ou seja, regulares, passíveis de estruturação) e instáveis (ou seja, passíveis de sofrerem mudanças). Os gêneros são estáveis porque resultam de atividades sociais que são reiteradas ao longo do tempo”. Como já vimos, eles podem sofrer alterações, e assim permitem adequações, adaptações, quando necessário, o que pode resultar em uma *intertextualidade intergêneros*².

² Fenômeno em que um gênero pode assumir a forma de outro, considerando o propósito comunicativo (KOCH e ELIAS, 2006).

Destacamos, também, a caracterização de heterogeneidade pela diversidade de esferas de atividade da comunicação humana, defendida por Bakhtin (2000) diante do caráter infinito de classificação dos gêneros do discurso, aspecto que o conduziu a decompô-los em: gêneros primários e gêneros secundários.

Os primários (simples) se prestam a atuação do gênero na comunicação cotidiana, habitual, de ocorrência imediata, espontânea, como as práticas de conversação, a carta, o relato familiar, os diálogos corriqueiros, desprovidos de determinadas exigências de organização estrutural ou pretenciosa.

Os secundários (complexos) são elaborados para determinados fins de comunicação como: o teatro, o romance, os discursos científicos, religiosos, políticos, entre outros. Esses podem trazer consigo o processo de absorção e transformação dos primários, ou seja, uma simples conversa sobre o tema religião pode ser transformada num sermão de ordem religiosa. Partindo desse entendimento, Bakhtin assinala que:

A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões do mundo). (BAKHTIN, 2000, p. 282).

Depreendemos, assim, que ocupar-se com a heterogeneidade dos gêneros com base na classificação em primários ou secundários requer um conhecimento das especificidades de cada um, pois a negação do conhecimento de alguns aspectos, seja de origem, estrutura ou funcionalidade, acarretará prejuízos na elaboração de enunciados concretos, responsáveis pela sustentação e legitimação dos estudos linguísticos.

E, partindo para a elaboração do discurso, deve-se considerar, antes de tudo, a quem este se destina, pois fatores como o estilo, mecanismos composicionais, recursos de abordagem temática e escolha do gênero, quando se tem em mente o destinatário, facilitam a existência de enunciados concretos, como menciona Bakhtin (2000, p. 316): “Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera”.

Após uma noção sobre os gêneros do discurso e sua funcionalidade, passaremos ao estudo dos três elementos constitutivos dos gêneros, classificados por Bakhtin (2000) como: conteúdo, estilo e composição.

2.2 Conteúdo temático, estilo e construção composicional

Os gêneros do discurso são infindáveis, característica explicada pela pluralidade estabelecida em relação às práticas sociais realizadas pelo ser humano. Para Bakhtin (2000, p. 279): “A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”.

Assim, diante da diversidade das atividades comunicativas, os enunciados efetivam-se em forma de gênero, de modo a se adequarem às práticas sociais e culturais, como resultado de uma ação coletiva, seguindo um processo de organização que possa atender às necessidades imediatas do usuário, durante uma atividade comunicativa. Em seguimento ao critério dessa atividade e à formação dos gêneros, ancorados em Bakhtin (1992), temos:

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica [...]. (BAKHTIN, 1992 *apud* KOCH e ELIAS, 2006, p. 102).

Tomando por base o pensamento bakhtiniano, Koch (2004, *apud* KOCH e ELIAS, 2006, p.102), “defende a ideia segundo a qual os indivíduos desenvolvem uma **competência metagenérica** que lhes possibilita interagir de forma conveniente, à medida que se envolvem nas diversas práticas sociais” (grifo da autora).

Conforme podemos notar, essa competência é responsável pelos processos de construção e apreensão dos gêneros, permitindo uma classificação e identificação da categoria a que pertencem os enunciados já produzidos, bem como a criação de novos gêneros orais, sem o conhecimento de uma realidade teórica.

Cada enunciado efetuado é, pois, individual e contempla as marcas dos participantes de acordo com a propriedade e propósito de cada situação. Para melhor explicar o processo de estruturação dos gêneros, apresentamos os três elementos básicos de constituição, segundo Bakhtin: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

1. *O conteúdo temático* equivale ao assunto focalizado pelo enunciador, conforme a sua escolha, considerando a maneira como esse assunto é apresentado no texto e o sentido expresso através da seleção do gênero. Bakhtin (2000, p. 300) explica esse processo como o “intuito definido pelo autor”, a capacidade de percepção da intencionalidade do

autor, “o intuito discursivo ou o querer-dizer do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras” (*Ibidem*, p. 300).

Nessa perspectiva, o conhecimento dos fatores em relação à escolha do gênero ocorre não apenas pelo interesse do tema, mas também pela intenção discursiva do falante. Ao nos referirmos, por exemplo, ao gênero artigo de opinião, acreditamos encontrar textos de determinados temas, que tratam de eventos de interesse público, sócio-históricos, culturais, políticos, tais como: vantagens e desvantagens da internet; a importância de uma alimentação saudável; a questão do racismo no Brasil etc.

Devemos considerar que o tema é tratado de acordo com o interesse e a finalidade discursiva do enunciatador, fatores que devem estar ligados a uma categoria de informação que contribui para a seleção do gênero. Acerca desse assunto, Bakhtin esclarece:

O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p.134).

Podemos constatar que há uma correlação entre um (tema) e outro (significação), sendo, portanto, indissolúveis; o tema é tão importante na constituição dos gêneros quanto o segundo elemento, que apresentaremos a seguir:

2. *O estilo* condiz com a forma de utilização da língua, em torno das estruturas linguísticas (recursos lexicais e gramaticais), na definição de um gênero. Para Bakhtin, seria a relação que se faz da conexão entre o enunciado e as formas típicas de enunciado.

No entanto, ressaltamos a diferenciação apontada pelo autor em relação ao estilo individual e ao estilo linguístico do gênero. No primeiro caso, os enunciados transmitem a singularidade do enunciatador, seja na oralidade ou na escrita, porém nem todos os gêneros discursivos fornecem a possibilidade de expressão dessas particularidades; por se apresentarem de forma padronizada, exigem modelos preestabelecidos para sua construção, em que a individualidade participa como complementação. No segundo caso, o estilo linguístico ou funcional está ligado à expressividade específica do gênero. Por exemplo, na construção de uma piada, utilizamos um grau de informalidade que difere de um artigo de opinião, que por sua vez já se diferencia do estilo exigido por um artigo científico. No entanto, esses últimos se colocam no mesmo âmbito de reivindicação da formalidade, apenas um em menor grau que o outro. Com relação ao estilo como parte de estruturação dos gêneros, Bakhtin preleciona:

[...] tanto os estilos individuais como os que pertencem à língua tendem para os gêneros do discurso. Um estudo mais ou menos profundo e extenso dos gêneros do discurso é absolutamente indispensável para uma elaboração produtiva de todos os problemas da estilística. (BAKHTIN, 2000, p. 286).

A partir da citação anterior, podemos expressar que os gêneros devem ser elaborados em atendimento à esfera da atividade humana, considerando-se os interlocutores para quem se está elaborando o enunciado, a fim de adequá-lo ao tema, ao estilo e à construção composicional, que é o terceiro elemento, cujas características indicaremos a seguir.

3. A *construção composicional* corresponde à relação entre representação e enunciado, isto é, são propriedades estruturais responsáveis pelo ajuste dos diferentes tipos de textos, que permitem enquadrá-los em determinado gênero.

Quando desejamos, por exemplo, apresentar um gênero discursivo como o artigo de opinião, devemos considerar a forma de organização do texto, que consistirá de um título introdutório com a apresentação do assunto a ser abordado, o desenvolvimento, no qual encontraremos os argumentos, a exposição de pontos de vista, os elementos persuasivos dirigidos ao público leitor, entre outros. Por último temos a conclusão, onde serão apontadas soluções breves para a resolução da situação.

Observando a estrutura de um texto pertencente à esfera narrativa, como o conto, teremos um enredo (introdução, complicação, clímax e desfecho), personagens (que participam da ação), tempo (acontecimento dos fatos), espaço (local dos acontecimentos), conflito (determinado pelas ações) e a presença do foco narrativo (1ª ou 3ª pessoa).

Podemos perceber nos gêneros citados que a estrutura composicional de cada um é diferente; no entanto, poderá acontecer de um gênero assumir a forma de outro. Em outras palavras, um artigo de opinião poderá apropriar-se da forma de um conto, porém prosseguir com a sua função argumentativa. Essa ocorrência é apresentada por Marcuschi (2002 *apud* Koch e Elias, 2006, p.113-114) como “fenômeno alusivo à **hibridização** ou **mescla de gêneros** e denominado de intertextualidade” (grifos do autor), que ocorre quando há essa mistura de formas.

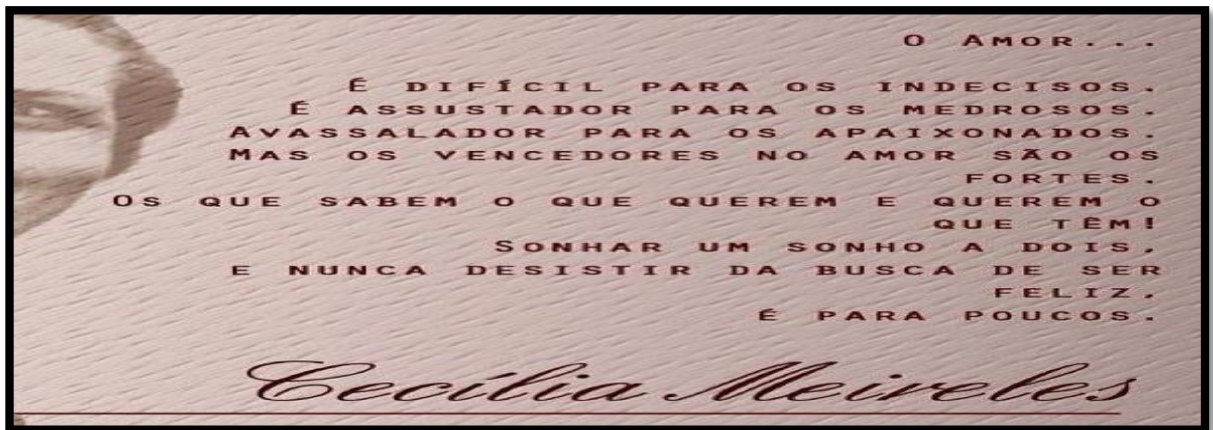
Essas três características estruturais dos gêneros correspondem à construção dos discursos, consoante à determinada situação, às transformações sociais, às intervenções culturais, conforme podemos evidenciar através do trecho abaixo:

O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da

comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). (BAKHTIN, 2000, p. 284).

Podemos notar que a determinação do gênero discursivo está ligada ao processo desses três elementos constitutivos: tema, estilo e composição, ou seja, da relação entre essas partes e o destinatário. Para auxiliar nessa compreensão, apresentaremos dois exemplos de gêneros discursivos, acompanhados de uma breve análise estrutural desses elementos.

Figura 01: Poema de Cecília Meireles



Fonte: <<https://br.pinterest.com/explore/poemas-de-cecilia-meireles/>>

Figura 02: Tirinha-amor



Fonte: <www.contioutra.com/sobre-o-amor-tirinha/>

Após a leitura dos dois textos, reconhecemos os gêneros discursivos de que se tratam: o texto 1 é um poema, o texto 2 uma tirinha. Isso ocorre devido à competência metagenérica que nos permite encaixá-los em modelos já estabelecidos, uma habilidade adquirida através do exercício da leitura e da escrita, como prática social, como podemos notar na análise a seguir:

Quadro 01 – Análise dos elementos constitutivos do poema e da tirinha

TEXTO 1 - POEMA	TEXTO 2 - TIRINHA
Conteúdo Temático: conduz o leitor ao exercício das sensações, através da expressão de um sentimento, o amor.	Conteúdo Temático: mostra, através do humor, o amor e a preguiça como práticas comportamentais e sociais.
Estilo: presença da seleção lexical adequada ao gênero, que requer o uso da linguagem figurada.	Estilo: discurso preciso, marcado pela linguagem informal e onomatopeias.
Composição: construído em versos e estrofes.	Composição: ocorre a consonância entre a linguagem verbal e não verbal, nos quadros sequenciados, e o uso de balões para marcar as falas.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Percebemos que os dois textos abordam o mesmo tema, o amor, porém cada um com a sua função social e especificidade de elementos lexicais; tais elementos são selecionados pelos produtores, que apresentam, em suas construções, individualidade no discurso e obediência a dois modelos estabelecidos pelos gêneros discursivos: o poema e a tirinha, cada um com seu estilo próprio.

Ressaltamos também a importância da consideração às necessidades do destinatário, por isso não podemos classificar os gêneros discursivos como estáveis, uma vez que devem atender ao contexto sociocultural nas mais diversas situações comunicativas, e assim assumir a forma de gênero.

Tomando por base esse entendimento, seguiremos com uma breve apresentação da relação entre texto, discurso e gênero.

2.3 Relação entre texto, discurso e gênero

Durante o percurso da nossa abordagem, quando nos referimos aos gêneros, apresentamos constantemente o termo *discurso*, nomeado por Bakhtin (2000). Marcuschi (2008), por sua vez, utiliza o termo “gênero textual”. Para efeito de esclarecimento, ressaltamos que, neste trabalho, ao nos referirmos aos gêneros, iremos tratá-los por gêneros discursivos.

Notamos dificuldades em se distinguir os termos texto/discurso, uma vez que especialistas da área costumam classificá-los como complementação um do outro. Na tentativa de elucidar essa questão, apresentaremos algumas noções de relação entre os dois conceitos, iniciando por Bakhtin, que apresenta a seguinte consideração: “A fala só existe, na realidade,

na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma concreta do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma” (BAKHTIN, 2000, p. 293).

Percebemos que o discurso não pode ser visto ou estudado como algo indeterminado; pelo contrário, deve ser delineado à maneira do enunciado, para que não se construa um distanciamento e sim uma compreensão entre os sujeitos que participam do ato comunicativo.

Quanto aos gêneros, estes se estruturam a partir dos enunciados (orais/escritos), em consequência da necessidade exigida pelo meio. Na visão de Marcuschi (2008) o discurso encontra-se articulado ao que se vai dizer, ou seja, encontra-se no domínio da subjetividade, por apresentar circunstâncias conceituais e convicções que poderão influenciar outros indivíduos envolvidos no processo comunicativo.

Com relação aos gêneros, o mesmo autor defende que a comunicação verbal por meio de algum gênero somente ocorre por meio de algum texto, e não apresenta discrepâncias entre um e outro, porém convencionou chamá-los de gêneros textuais, os quais, segundo ele: “são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos [...]” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Entendemos, assim, que os gêneros envolvem todo o exercício da comunicação humana, da oralidade à escrita, das situações simples às mais complexas e, para qualquer ação comunicativa, o gênero funciona como o meio de efetivação.

Para explicitarmos essa relação entre texto/discurso/gênero, recorreremos a Adam (1990 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 82), que apresenta o texto, inicialmente, definindo-o como uma unidade abstrata, desprovida da situação contextual. Nove anos depois ele reescreve seu conceito, por acreditar que o texto ocorre diante de situações que envolvem práticas discursivas, associadas à história e às circunstâncias de produção.

Diante desse reconhecimento, o referido autor considera a materialização do *texto* no âmbito conceitual da linguística, o *discurso* como uma prática individual e o *gênero* como mediador, intermediário; o gênero é situado sócio-historicamente e compreende uma variedade das práticas discursivas, de modo que estabelecer uma diferenciação entre os três elementos (texto, discurso e gênero) é uma prática metodológica adotada tradicionalmente.

Observemos a estreita relação entre texto e discurso, fator que nos favorece o entendimento sobre a organização dos gêneros do discurso como reguladores das atividades comunicativas, como expõe Coutinho:

Entre o discurso e o texto está o gênero, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva. Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula. (COUTINHO, 2004 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 84).

Sendo assim, reconhecemos que o texto é considerado mais que um acessório linguístico, a sua ocorrência se dá em concordância com a intencionalidade discursiva e a linguagem situacional em determinada circunstância comunicativa, e os gêneros são maneiras frequentes de atuação do indivíduo na sociedade, sendo fundamentais às atividades comunicativas.

Consideramos o vínculo entre o texto e o discurso como uma espécie de reciprocidade, que reforça a atividade comunicativa, tomando o gênero como essencial nessa cadeia comunicativa; por isso o caráter de multiplicidade, devido ao fato de que o falante se depara com numerosas ocasiões que exigem situações específicas de produção de enunciados, em que, para elaborá-los ou interpretá-los, necessita-se do conhecimento da relação entre o texto e a situação.

Observamos que, ao se realizar uma leitura de textos mais antigos, como a epopeia e os gêneros retóricos que atendem a uma determinada estrutura, estes se distanciam de alguns textos atuais, verbais ou não verbais. Os textos atuais configuram-se em gêneros como: *e-mails*, propagandas, anúncios publicitários, receitas culinárias, entre outros; em consideração a tais aspectos funcionais, contemplados na sua produção, também se diferenciam dos demais.

Tanto os textos mais antigos como os mais modernos determinam o grau de estabilidade dos mesmos, no sentido da mutabilidade e aplicabilidade, fatores que se destacam na definição sócio-histórica dos gêneros, como vimos, anteriormente, nos conceitos abordados por Adam (1999 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 82). Com base nessa relação interacional e aos “tipos relativamente estáveis de enunciado” (BAKHTIN, 2000, p. 279) ratificamos o princípio de que o gênero é suscetível a essas transformações, sob o ponto de vista do processo interacional.

Após essas considerações envolvendo os gêneros discursivos, responsáveis pela materialização da língua, evidenciaremos a importância do ensino de LP, situando os gêneros como objeto de estudo, a partir de alguns documentos oficiais.

2.4 Gêneros discursivos como objeto de ensino nos documentos oficiais

A preocupação de vários estudiosos da área de LP, no Brasil, vem se tornando crescente, e essa inquietação pode ser verificada diante das constantes pesquisas, estudos e documentos que buscam, cada vez mais, encontrar caminhos que possam favorecer uma melhoria na qualidade de ensino, que acompanhe os padrões exigidos pela reorganização da sociedade, pelos avanços tecnológicos e pelo surgimento dos novos meios de comunicação, entre outras formas de expressão do conhecimento.

Diante dessas exigências sociais, consideramos que o ensino de língua através dos gêneros discursivos pode ser facilitado e aprazível, no sentido de não separarmos os gêneros dos domínios sociais e pelo fato de que os indivíduos se encontram em processo contínuo de interação, dado que a comunicação verbal se efetiva por meio de textos orais e escritos.

Essa necessidade exige que a linguagem seja trabalhada como forma de divulgação e conciliação dos saberes, e não apenas como estímulo para fixação de regras gramaticais da língua. Nesse sentido, e embasados nessa mesma preocupação da sistematização da linguagem no processo comunicativo, alguns documentos oficiais, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), doravante denominados PCN, foram elaborados, apresentando como uma de suas propostas o trabalho com os gêneros em sala de aula.

Tal proposta pretende orientar e viabilizar o ensino da língua, promovendo a comunicabilidade e expressividade do aluno, mediante o contato e o estudo de diversos gêneros atrelados ao domínio da língua materna, enfatizando a linguagem no contexto situacional e estabelecendo sugestões de melhoria para o ensino tradicional, na visão de que: “o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social” (BRASIL, 1998, p. 19).

Nessa perspectiva, trabalhar a linguagem nas mais variadas formas de comunicação, dominando os símbolos linguísticos, aplicando-a conforme o contexto, o propósito comunicativo e os interlocutores envolvidos no processo, é uma forma de participação social em que o indivíduo pode expressar ideias, emitir opiniões, aprovar ou argumentar em determinados eventos comunicativos.

Ressaltamos também a importância do papel da escola em contribuir com estratégias e práticas diferenciadas de aquisição do conhecimento, em virtude da circulação, nesse ambiente, dos mais variados gêneros. É, portanto, nesse espaço, que o aluno deve adquirir a consciência da importância de reflexão que os gêneros trazem quando trabalhados de maneira sistematizada.

Quanto ao professor, este deverá providenciar situações que permitam o contato entre o educando e os diversos textos da trajetória social, selecionando os mais recorrentes para utilizá-los como objeto de ensino, na perspectiva de desenvolvimento da competência discursiva, como produção, disseminação e aplicabilidade do conhecimento nas diversas situações do cotidiano, das mais simples as mais complexas, pois, como já vimos, o processo de materialização dos gêneros ocorre mediante o exercício da comunicação, conforme estabelecem os PCN:

O discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão é o texto, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Em outras palavras, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados. (BRASIL, 1998, p. 21).

Notamos que atender às demandas sociais implica o conhecimento de práticas que ultrapassem as barreiras de estudo das unidades menores da língua, como os aspectos sintáticos, fraseológicos, sonoros, dentre outros, os quais, se forem trabalhados isoladamente, não passarão de aplicações desconexas, que inviabilizam o desenvolvimento da competência discursiva.

Diante disso, acreditamos que o ensino de LP partindo dos gêneros proporcionará aos alunos o conhecimento e a funcionalidade social da língua, uma vez que os estudantes se encontram cercados de textos diversos, inseridos em diferentes esferas sociais e participantes de atividades comunicativas distintas.

Ao escolhermos os gêneros como objeto de ensino, devemos considerar também a faixa etária do aluno, pois o grau de compreensão dos enunciados depende do grau de amadurecimento do educando, bem como da adequação ao conteúdo, ao estilo e à composição, elementos já apresentados anteriormente na visão bakhtiniana; isto é enfatizado também pelos PCN, como vemos:

Conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero; *construção composicional*: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero; *estilo*: configurações específicas das unidades de linguagem, derivadas sobretudo da posição enunciativa do locutor, conjuntos particulares de sequências que compõem o texto etc. (BRASIL, 1998, p. 21).

Comungando com a teoria bakhtiniana e a visão dos PCN, observamos que o processo de organização e de exercício dos gêneros relaciona a linguagem ao objetivo da atividade comunicativa, e que a seleção do gênero indicado para cada situação deve promover a interação discursiva dos envolvidos no processo, por isso:

Os textos organizam-se dentro de certas restrições de natureza, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (BRASIL, 1998, p. 23).

Contemplamos com essa discussão que os gêneros discursivos atendem a diversas finalidades comunicativas, por isso o caráter infinito e diversificado, devendo, pois, ser estudados de acordo com a variação histórico-cultural e social.

Partilhando da ideia de apropriação dos gêneros discursivos para o ensino de LP, o Projeto Político Pedagógico da nossa escola (CEPES, 2017), doravante denominado PPP, referencia a importância dessa ação, como uma das metas a ser alcançada. A proposta postula que o trabalho com os gêneros como objeto de ensino significa ir além da sala de aula. Para isso, o documento sugere a construção de parcerias com outros envolvidos na comunidade escolar, a exemplo dos professores readaptados que desenvolvem na biblioteca da escola um trabalho de leitura e prática de escrita, proposto pelos Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental do Estado da Paraíba (2010)³, doravante denominado RCEF-PB, através da Pedagogia de Projetos⁴.

Sendo assim, a escola desenvolve, anualmente, “o projeto ‘**Ligado na Leitura**’, que apresenta como objetivo: estimular o prazer de ler e escrever através de diversos gêneros textuais (ilustrativos, informativos, literários, poéticos, jornalísticos e etc.)” (PPP, 2017, p. 18), no sentido de facilitar a aprendizagem e reduzir a reprovação.

Percebemos as contribuições dos PCN (1998) e do PPP (2017) como subsídios relevantes ao trabalho com os gêneros no ensino de Língua Portuguesa, e apresentamos também a abordagem desse assunto nos RCEF-PB (2010).

Verificamos que o documento traz o mesmo propósito expresso pelos PCN, isto é, trabalhar a linguagem como processo de interação nas mais variadas formas de comunicação, partindo do texto, no sentido de alcançar o “desenvolvimento cognitivo e intelectual dos alunos da Educação Básica do nosso estado” (RCEF-PB, 2010, p. 42).

As diretrizes apresentam considerações acerca das linguagens verbais e não verbais aplicadas nas aulas de LP, no sentido de sinalizar, através de sugestões, propostas de contribuição para uma modificação do ensino tradicional ainda tão presente no contexto atual

³ Documento elaborado para o Ensino Fundamental do Estado da Paraíba, composto de material sugestivo a ser utilizado no desenvolvimento de atividades pedagógicas. (RCEF-PB, 2010).

⁴ Práticas sociais de letramento, articuladas aos usos específicos que fazemos da leitura e da escrita, através de projetos (RCEF-PB, 2010).

das nossas escolas. Para isso, apresenta a importância crucial do trabalho com a linguagem como referencial no desenvolvimento das competências comunicativas e expressivas, e assim expõe:

[...] é mobilizando várias competências e saberes sobre a língua(gem) nas diversas práticas de recepção e produção de textos que o aluno estará apto a transitar, buscar e transformar conhecimentos de diferentes áreas e, assim, estar preparado para exercer plenamente a sua cidadania, escalar os próximos degraus acadêmicos e vivenciar, com mais propriedade, as situações do mundo letrado. (RCEF-PB, 2010, p. 49).

Ancorado nesses pressupostos, como já apresentamos, o ensino de LP deve oportunizar situações interacionais que promovam a inserção e a atuação nas transições comunicativas com efetividade no exercício da cidadania. Para tanto, os RCEF-PB (2010), em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM, 2000) estabelecem três competências a serem desenvolvidas no ensino de LP: a *interativa*, a *textual* e a *gramatical*, que, quando aplicadas nas séries do Ensino Fundamental, devem considerar o desenvolvimento cognitivo dos alunos de acordo com a série. Para efeito de esclarecimento, apresentaremos uma breve explicação sobre cada uma dessas competências.

A competência *interativa* compreende os mais variados acontecimentos sociais, como a escolha do gênero propício a situações comunicativas e o uso das ocorrências linguísticas. O sujeito, enquanto locutor, deve considerar noções de espaço, saber o que vai falar e para quem; já na posição de interlocutor, o sujeito necessita de uma construção dos sentidos do texto, utilizando-se dos mecanismos linguístico-textuais utilizados na produção.

A segunda é a competência *textual*, que se refere à habilidade de assimilar e elaborar os mais variados textos do universo dos gêneros, além de reconhecer os elementos constitutivos de produção: conteúdo, estilo e composição. É nesta competência que o aluno apresentará a fruição das ideias com o direcionamento realizado pela escola, como mostram os RCEF-PB (2010, p. 54): “É preciso que a escola prepare o aluno, capacite-o, para produzir textos de gêneros da oralidade, da escrita e para ouvir e ler textos (verbais e não verbais)”. Partimos dessa habilidade para discorrer acerca de determinado tema, seja construindo, reconstruindo ou compreendendo o discurso.

A terceira competência é a *gramatical*, que diz respeito ao modo de arranjo da língua nos aspectos de estruturação, de conhecimento e aplicação das regras gramaticais, não como fator decisivo no processo de ensino e aprendizagem da LP, mas como instrumento essencial para a prática de construção e receptividade de textos (RCEF-PB, 2010).

Observamos, diante desse contexto, que o desenvolvimento dessas competências permite ao aluno a possibilidade de interagir de acordo com a situação em que se encontra, considerando que tanto as habilidades textuais como as gramaticais serão desenvolvidas mediante a competência interativa.

Podemos perceber que, em concordância com o que os documentos anteriores apresentam sobre o estudo dos gêneros, a Base Nacional Comum Curricular (2017)⁵, doravante denominada BNCC, também defende o uso do texto como objeto central de estudo da língua, e menciona que essa proposta:

[...] assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e **produção de textos** em várias mídias e semioses. (BRASIL, 2017, p. 65. Grifo nosso).

Dessa forma, o texto é tomado como ponto de partida para o ensino de LP, e as atividades desenvolvidas devem ser pautadas na relação entre o sujeito e as exigências sociais, para que o aluno desenvolva as habilidades de refletir e intervir, socialmente, nas situações que exigem participação sua como cidadão, a partir das atividades de leitura e escrita de textos.

E assim, tomando o gênero como objeto de ensino, selecionamos o artigo de opinião como ponto de partida para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Sobre ele, os RCEF-PB (2010) categoriza-o como um gênero a ser trabalhado no segundo segmento do Ensino Fundamental, e que apresenta a seguinte classificação – quanto ao domínio discursivo: *jornalístico*, e quanto à modalidade: *escrita*. Na sequência, apresentaremos uma discussão acerca do referido gênero.

2.5 O gênero discursivo artigo de opinião

O texto argumentativo faz parte do cotidiano das pessoas e é utilizado para expressar opiniões acerca de determinados assuntos, com apresentação de argumentos pertinentes para sustentação das opiniões apresentadas.

⁵ Documento norteador do ensino das escolas brasileiras, direcionado às seguintes fases da educação: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Como já vimos, os gêneros discursivos são apresentados como práticas linguísticas, concretas, que estabelecem funções sociocomunicativas, considerando o seu contexto de realização. Sobre a importância da argumentatividade nessas práticas, Koch (2011, p. 17) comenta que: “A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”.

Tomando o entendimento da palavra “argumentatividade” como sendo o ato de analisar e de defender proposições em que há uma discrepância de ideias, essa interação ocorrerá mediante a intencionalidade de persuasão, através da apresentação de opiniões que tentam induzir certa conduta em particular. Sobre esse comportamento, Koch afirma:

É por esta razão que se pode afirmar que **o ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. (KOCH, 2011, p. 17).

Percebemos, diante do exposto, que o exercício da linguagem entre os seres humanos promove a atividade comunicativa que se realiza com base em alguns aspectos, como: o conhecimento das pretensões um do outro, o julgamento, as críticas, as opiniões aos enunciados presentes, dentre outros, os quais colocam a argumentatividade como ação idealizadora do discurso, uma vez que a progressão deste ocorrerá mediante o encadeamento dos elementos articuladores argumentativos e os mecanismos de coesão e coerência textual (Koch, 2011).

De acordo com Bakhtin (2000, p. 279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua.” Sendo assim, os enunciados, tanto orais como escritos, transmitem as condições de utilização de dadas esferas da sociedade, sendo determinados pelo conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional.

Consideramos, a partir do conceito bakhtiniano, a classificação do artigo de opinião como gênero discursivo, pois este atende às formulações propostas pelo autor: quanto ao conteúdo temático, por tratar de assuntos recorrentes na sociedade; quanto ao estilo, por envolver a seleção dos elementos estruturais do léxico, da frase e da gramática, que são escolhidos em consideração ao público-alvo; e quanto à construção composicional, que apresenta estrutura argumentativa, na qual o gênero encontra-se inserido.

Segundo a BNCC (2017), o artigo de opinião ou artigo assinado encontra-se nos aspectos tipológicos do argumentar, configurando-se como um gênero da esfera jornalístico-

mediática, o qual se constrói em defesa de um ponto de vista, percorrendo um caminho que direciona o indivíduo ao exercício da cidadania. A fim de melhor apresentar algumas especificidades desse gênero, Rojo define:

O artigo de opinião é um gênero de discurso em que se busca convencer o outro de determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. (ROJO, 2000, p. 226).

Sendo assim, o artigo de opinião desenha-se como um gênero que atrai menos a imagem das ocorrências, e no qual prevalece o diagnóstico e a colocação do autor sobre o assunto, normalmente polêmico e de interesse social, em um processo constante de nutrição das declarações apresentadas, no intuito de persuadir o interlocutor com a apresentação de argumentos consistentes, com a produção de assertivas de efeitos e possibilidade de interação com o leitor.

Podemos encontrá-lo em suportes⁶ como: jornais, revistas, livros, *internet*, entre outros meios de comunicação. Quando colocado em um jornal, o artigo de opinião opera junto a outros de caráter opinativo, sendo afixado na seção destinada a editoriais, resenhas, crônicas, *charges*, cartas, os quais são assim selecionados por serem designados na esfera jornalística como gêneros associados ao jornalismo opinativo.

Percebemos também que, além da estrutura composicional argumentativa, nesse gênero figuram traços de outras tipologias, como trechos narrativos, expositivos e também de gêneros como os relatos, traços estes que são usados como habilidades discursivas que poderão auxiliar na consistência dos argumentos, concedendo-lhes veracidade na defesa dos pontos de vista.

Notamos que a interação entre articulista e leitor não ocorre de maneira instantânea, exigindo certo conhecimento antecipado e outras leituras acerca do assunto tratado; portanto, para que o aluno construa argumentos consistentes a respeito de determinado assunto, é necessário que ele tenha conhecimento de informações anteriores sobre a temática. Conforme enfatiza Bakhtin (2000, p. 331), “não há textos puros, nem poderia haver. Qualquer texto comporta, por outro lado, elementos que se poderiam chamar técnicos (aspecto técnico da grafia, da elocução etc.).” Assim, cada texto possui suas qualidades individuais, mas carregam consigo marcas de outros.

⁶ “Suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

Compartilhando da ideia bakhtiniana, Beltrão afirma que a estrutura composicional do artigo é semelhante a do editorial⁷ e “não implica diretamente em responsabilidade para o editor” (BELTRÃO, 1980, p. 65), ou seja, os artigos não transportam, obrigatoriamente, a opinião do jornal. A pretensão desse gênero é instigar o debate e conduzir a uma reflexão sobre o problema apresentado, organizando-se da seguinte maneira:

- 1) o título, que tem o propósito de despertar a atenção do leitor, deve ser preciso e relacionado com a tese que será defendida;
- 2) a introdução deve apresentar a contextualização do tema polêmico, promovendo o interesse pelo restante da leitura e evidenciando o seu ponto de vista sobre ele;
- 3) a discussão/argumentação é a parte mais importante, em que o articulista busca fazer uma análise e promover um debate acerca dos aspectos relativos ao tema, defendendo seu ponto de vista, através da argumentação e da contra-argumentação;
- 4) a conclusão é o encerramento do texto, em que a intenção é conduzir o leitor a pactuar com a argumentação apresentada ao longo da produção, transformando sua visão acerca do tema discutido.

Quanto aos articulistas, comumente, são profissionais e autoridades de determinadas áreas cujas opiniões, segundo Melo (2010, p. 102), “interessam ao conhecimento e divulgação do editor” e seu público específico. Além disso, eles se configuram como pessoas próximas do editor que são convidadas a produzir esse tipo de gênero para circulação nas páginas nobres de um jornal.

Após explicarmos o artigo de opinião na visão de Beltrão (1980), partimos para a abordagem do gênero em sala, evidenciando o fato de que é um gênero que integra a vida diária das pessoas, ligado ao aspecto da exposição do ponto de vista diante de temas habituais. Com o estudo desse gênero, o educando poderá desenvolver as habilidades de argumentar e contra-argumentar, bem como as estratégias para convencer e persuadir; ressaltamos que “a primeira estratégia conduz a certezas, ao passo que a segunda leva a inferências que podem levar o auditório⁸ - ou parte dele - à **adesão** aos argumentos apresentados” (KOCH, 2011, p. 18-19. Grifo da autora).

⁷ “O controle do editorial recai sobre o editor, que representa o grupo mantenedor. [...]. É considerado a voz do jornal, tendo direção ideológica” (MARQUES DE MELO, 2003, *apud* MELO, 2010, p.101).

⁸ Conjunto dos que assistem a um debate, acompanham ou se interessam potencialmente pelo assunto em questão. Nos grandes debates ele é o representante da *opinião pública*.

A citada autora pontua as marcas linguísticas argumentativas e discursivas que auxiliam na construção das especificidades do gênero artigo de opinião:

1. As pressuposições - as antecipações;
2. As marcas das intenções - as palavras de realce de cunho particular;
3. Os modalizadores - advérbios, modos verbais;
4. Os operadores argumentativos - os conectivos; as palavras denotativas, expressões retificadoras responsáveis pela orientação do discurso;
5. As imagens recíprocas.

Reconhecemos que esses elementos articuladores se coadunam na construção das teses a serem defendidas, e devem ser entendidos como pistas que serão utilizadas para a obtenção de um produto de sentido, ratificando o caráter dialógico defendido por Bakhtin (2000, p. 294): “O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal.” Sendo assim, ao utilizarmos determinadas marcas linguísticas, devemos considerar o público leitor, o contexto de produção, o auditório.

Constatamos ao longo da nossa pesquisa que, para a construção de um artigo de opinião, o articulista deve, preliminarmente, pensar na sua construção de defesa em torno de uma questão polêmica, pois a exposição de argumentos consistentes depende não só do conhecimento do assunto, conforme apresentam Rangel, Gagliardi e Amaral:

Assim, é necessário, para escrever um bom artigo de opinião, utilizar argumentos consistentes e bem fundamentados, pois são mais fortes e convincentes. O autor do artigo tem de informar ao leitor quais as razões que o levaram a tomar determinada posição, evitando motivos superficiais ou sem justificativa, do tipo “porque ninguém que eu conheço discorda”, “porque ouvi dizer”, “porque todo mundo pensa assim”, “porque na vizinhança todos dizem” etc. (RANGEL; GAGLIARDI; AMARAL, 2016, p. 114).

Nessa perspectiva, o autor de um artigo deverá conhecer o público leitor para que o seu discurso atenda às exigências do auditório. Por isso, é comum encontrarmos a presença de “vozes”, não só do autor, mas de outros que se pronunciam por ele, na intenção de reforçar as opiniões e pontos de vistas, em uma espécie de negociação de diálogo entre conhecedores do assunto, para que suas fundamentações sejam vistas como influentes no processo comunicativo, utilizando-se de estratégias competentes que sustentem o seu ponto de vista.

No sentido de viabilizar a construção de uma argumentação consistente, o material norteador das Olimpíadas de Língua Portuguesa apresenta, no Caderno do Professor: Pontos de vista (2016), um quadro que expõe os tipos de argumentos que podem ser selecionados pelo autor e utilizados de acordo com a pretensão de convencimento e adequação do discurso. E

assim, dialogando com Bakhtin (2000) em relação aos elementos constitutivos dos gêneros, esses tipos de argumentos encaixam-se na construção composicional, isto é, referem-se à estrutura argumentativa de produção:

Quadro 02 – Tipos de argumentos

TIPOS DE ARGUMENTOS	EXPLICAÇÃO
Argumento de autoridade	O auditório é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão defendida a respeito de certos dados, pela credibilidade atribuída à palavra de alguém publicamente considerado autoridade na área.
Argumento por evidência	Pretende-se levar o auditório a admitir a tese ou conclusão por meio de evidências de que ela se aplica aos dados considerados.
Argumento por comparação (analogia)	O argumentador pretende levar o auditório a aderir à tese ou conclusão, com base em fatores de semelhança ou analogia evidenciados pelos dados apresentados.
Argumento por exemplificação	O argumentador baseia a tese ou conclusão em exemplos representativos, os quais, por si sós, já são suficientes para justificá-la.
Argumento de princípio	A justificativa é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, estética etc.) aceita como verdadeira e de validade universal. Os dados apresentados, por sua vez, dizem respeito a um fato isolado, mas, aparentemente, relacionado ao princípio em que se acredita. Ambos ajudam o leitor a chegar a uma tese, ou conclusão, por meio de dedução.
Argumento por causa e consequência	A tese ou conclusão é aceita justamente por ser uma causa ou uma consequência dos dados.

Fonte: RANGEL; GAGLIARDI; AMARAL (2016, p. 116).

Enfatizamos que a construção de argumentos deve ser trabalhada pelo docente, através de estratégias argumentativas aplicadas em consonância com os elementos articuladores do discurso opinativo, através de propostas sistematizadas, para que o educando reconheça a importância e o reconhecimento dos mesmos, considerando que os alunos construirão argumentos posteriores de acordo com essa classificação.

Enfim, consideramos a produção do artigo de opinião como gênero propício para o ensino de habilidade da escrita, em função da circulação e atuação do gênero, já mencionados neste capítulo, e também pela sua relevância social. Para melhor demonstrarmos as relações dialógicas estabelecidas pelo gênero e as suas características estruturais, apresentaremos, como exemplo, um artigo de opinião da articulista, Vanessa dos Santos, publicado no *site* Brasil Escola, em seguida, faremos as respectivas considerações acerca do referido texto.

Quadro 03 – Exemplo de um artigo de opinião

O PROFESSOR E A EDUCAÇÃO SEXUAL

A iniciação sexual no nosso país ocorre cada dia mais cedo. No ambiente escolar, é comum observarmos jovens grávidas no auge de sua adolescência. Além disso, temos a televisão e a *internet*, que exploram a sexualidade de maneira tão exacerbada que é difícil aceitar que nossos alunos ainda precisem aprender alguma coisa. E é aí que devemos nos perguntar: **qual é o meu papel como professor no que diz respeito à educação sexual?**

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a sexualidade é parte integrante da personalidade de cada um e influencia pensamentos, sentimentos, ações, interações e a saúde física e mental. Diante disso, a sexualidade é um assunto que passou a ser incorporado no currículo como tema transversal.

Educação sexual não é apenas dizer quais são os métodos mais eficazes e quais doenças podem ser transmitidas através de um ato sexual desprotegido. Educação sexual é saber ouvir e ensinar livre de qualquer preconceito.

A sala de aula deve ser um local para que o aluno possa expor seus questionamentos, desmistificar alguns assuntos, quebrar tabus e, principalmente, poder colocar para fora todos os sentimentos. Devemos ter em mente que os alunos não são apenas meros ouvintes, eles devem ser ativos e participativos na discussão do tema. Isso normalmente não é levado em consideração, uma vez que é frequente a metodologia baseada em palestras sobre sexualidade.

Nós, professores, temos o papel de saber ouvir o que nossos alunos querem dizer. A sexualidade, tão explorada algumas vezes, ainda é tratada como um tema proibido nas escolas. É frequente a queixa de professores que acham que os alunos ficam incontroláveis após uma aula de educação sexual ou que o tema não deve ser tratado tão abertamente. São esses professores que não sabem ouvir ou que não querem ouvir, que atrapalham o processo de formação daquele aluno.

O tema tem que ser tratado como qualquer outro tema, uma vez que ele aparece frequentemente no ambiente escolar. Nós devemos construir um ambiente em que o aluno se sinta bem em dizer o que pensa e possa retirar suas dúvidas.

Devemos propiciar um local agradável para tratar do assunto. Entretanto, é papel do professor, ao tratar do tema, não permitir que os alunos utilizem linguagem imprópria ou ofensiva. Deve-se tratar o assunto com a seriedade que ele merece.

Geralmente o papel de realizar projetos em educação sexual é designado ao professor de biologia, porém, se outro professor possui maior intimidade com os alunos e consegue levar

as discussões para o lado correto, não há motivo para que ele não o faça. Todos os professores devem trabalhar juntos para que o tema seja abordado de forma agradável e respeitosa.

O sexo não deve ser banalizado como está acontecendo nos dias atuais. É importante que o adolescente aprenda todos os riscos e problemas ocasionados por uma iniciação sexual precoce ou por uma relação desprotegida. Ele precisa ser orientado! E é aí que nós, professores, entramos em ação, abrindo uma comunicação sem tabus e sem preconceito com nossos jovens. (SANTOS, Vanessa dos).

Fonte: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/o-professor-educacao-sexual.htm>. Acesso em: 03 out. 2018.

O primeiro parágrafo do artigo, correspondente à introdução, traz a contextualização do tema, relacionando a prática da sexualidade precoce ao possível resultado de uma gravidez na adolescência, como mostra o trecho: “A iniciação sexual no nosso país ocorre cada dia mais cedo. No ambiente escolar, é comum observarmos jovens grávidas no auge de sua adolescência”.

Após a contextualização do assunto polêmico, a tese é apresentada sobre o papel que o professor exerce em relação à educação sexual, uma vez que os meios de comunicação tratam de maneira intensa esse tema; apesar disso, ainda se observam, com recorrência, casos de adolescentes grávidas no ambiente escolar, sugerindo um questionamento sobre esse assunto.

A tese a ser defendida direciona a construção e escolha do título que, de forma precisa, insinua a relação entre o professor e a educação sexual, situando-o no decorrer do texto como um dos responsáveis pelo repasse de instruções sobre o tema para os adolescentes, como vemos no trecho: “Geralmente o papel de realizar projetos em educação sexual é designado ao professor de biologia, porém, se outro professor possui maior intimidade com os alunos e consegue levar as discussões para o lado correto, não há motivo para que ele não o faça.” A tese ressalta que nem todos os docentes cumprem essa missão.

Em relação à presença de vozes na construção dos argumentos, percebemos que a autora estabelece um processo dialógico com o leitor, ao mostrar que cabe aos professores ouvir os alunos para se trabalhar as possíveis dúvidas em relação ao tema; a autora justifica ainda o fato de que alguns docentes não realizam esse trabalho devido à falta de controle dos educandos frente ao assunto, colocando como argumento irrefutável: “São esses professores que não sabem ouvir [...] que atrapalham o processo de formação daquele aluno.”.

Verificamos a presença de uma citação de autoridade que expõe a relevância da sexualidade na formação da pessoa: “Segundo a Organização Mundial de Saúde, a sexualidade é parte integrante da personalidade de cada um e influencia pensamentos, sentimentos, ações,

interações e a saúde física e mental.” E, mediante essa exposição, a autora expõe a importância de se trabalhar com o tema, uma vez que ele já se encontra incorporado no currículo como tema transversal, sustentando o seu ponto de vista sobre a importância do ensino por parte do professor.

Encontramos também, como processo dialógico de estilo e composição, o uso de pronomes e verbos na primeira pessoa do plural, como o modalizador verbal “*temos*”, indicando obrigatoriedade. “Nós, professores, temos o papel de saber ouvir o que nossos alunos querem dizer.”

Identificamos na sentença “[...] eles *devem* ser ativos e participativos na discussão do tema. Isso *normalmente* não é levado em consideração, *uma vez que* é frequente a metodologia baseada em palestras sobre sexualidade”, a presença do auxiliar modal “*devem*”, e do advérbio modalizador “*normalmente*”. O primeiro indica obrigatoriedade, em virtude da atuação dos alunos quanto à importância do conhecimento sobre o assunto, e o segundo, usado na indicação de certeza, ratifica a lacuna existente entre como deve ser e como está sendo transmitido esse ensinamento na escola, e isso é confirmado pelo uso do operador argumentativo causal “*uma vez que*”.

No último parágrafo, temos a conclusão do artigo, parte do texto em que o leitor é convidado à adesão do ponto de vista defendido. É nessa seção que a autora mostra que os alunos devem aprender os riscos e problemas resultantes da iniciação sexual precoce ou desprotegida, e, por esse motivo, devem ser orientados. A referida autora finaliza o artigo de opinião mencionando que o professor deve agir “abrindo uma comunicação sem tabus e sem preconceito com nossos jovens”, utilizando como marca estilístico-composicional o verbo “*abrir*” com sentido de *dicendi*, próprio para a introdução de discursos.

Portanto, o texto analisado configura-se como um artigo de opinião por apresentar discussão sobre um assunto polêmico, interagindo com o leitor através de um processo dialógico e apresentando argumentos para sustentação da tese. Após essa análise, versaremos no capítulo seguinte sobre a importância do ensino da escrita e as suas concepções.

3 ESCRITA E ENSINO: TEORIAS E PRÁTICAS

Neste capítulo, discorreremos sobre a escrita e o ensino, apresentando, inicialmente, as suas concepções com base nos estudos de Koch e Elias (2006). Em seguida, discutiremos sobre o seu papel no contexto escolar, referenciando os documentos oficiais PCN (1998) e BNCC (2017), e, na sequência, abordaremos a escrita na visão prescritiva/normativa e sociointeracionista da linguagem. Para isso, recorreremos aos estudos de Antunes (2003), Geraldi (2002) e Travaglia (2008).

3.1 Concepções de Escrita

A escrita é uma das formas de expansão da competência comunicativa. Um registro que procura resguardar e consolidar as significações do ser humano, através de uma combinação de sinais habituais que necessitam de uma compreensão de vários aspectos, como: os conhecimentos linguísticos, os aspectos cognitivos e o envolvimento social, histórico e cultural, com a finalidade de reproduzir, graficamente, a linguagem. Sendo assim, o entendimento da escrita requer a compreensão da relação entre a linguagem expressa, o autor e o texto, enquanto concepções que interligam o modo de concebê-la, e a noção que se compreende da linguagem (KOCH e ELIAS, 2006).

Além disso, a leitura permite divergências pelo fato de suscitar questionamentos complexos e nomenclaturas diversas, em torno da pretensão de conceituá-la, considerando-se as várias concepções que circundam o termo: “escrita é inspiração; escrita é uma atividade para alguns poucos privilegiados; [...]; escrita é expressão do pensamento [...]; escrita é domínio de regras da língua; escrita é trabalho” (KOCH e ELIAS, 2006, p. 32).

Diante dessa complexidade, apresentaremos três concepções especificadas por Koch e Elias (2006) que mostram a escrita: com foco na língua, com foco no escritor e com foco na interação.

3.1.1 Escrita com foco na língua

Observamos, nessa concepção, a relevância dada à apropriação das regras gramaticais e à noção de um vocabulário adequado, para a aplicação desses elementos nas produções textuais. Esses dois aspectos são considerados, nessa perspectiva, como sinônimos de uma escrita

perfeita e, por muito tempo, constituíram uma prática instruída e estimulada pelos docentes, através da execução de exercícios mecânicos de estudo e reconhecimento do código linguístico, realizados de forma descontextualizada, exigindo-se do aluno a aplicação desses saberes nas produções textuais.

Nesse sentido, ao considerarmos a escrita com foco na língua, percebemos que a linguagem é considerada como um modelo completo, que exige do autor a adequação das regras ao produto elaborado; assim, “nessa concepção de **sujeito como (pré) determinado pelo sistema**, o **texto** é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado” (KOCH e ELIAS, 2006, p. 33. Grifos das autoras).

Entendemos, diante do exposto, que o texto é o resultado do processo de codificação e decodificação dos envolvidos nesse procedimento, e que compreende uma assimilação do que foi evidenciado, não permitindo redução ou extrapolação das ideias apresentadas, apenas a apropriação dos elementos linguísticos como suficiente para a compreensão do texto.

3.1.2 Escrita com foco no escritor

Nessa perspectiva, a escrita provém da significação do pensamento, surge como processo particular, próprio de um sujeito capaz de regular suas escolhas e suas atitudes, em virtude da liberdade de expressão e representação das suas ideias.

Podemos notar que, nesse contexto, os saberes e a compreensão do leitor são desconsiderados, e o objetivo dessa ação está centralizado na intencionalidade do escritor em representar suas ideias e reflexões e, mediante essa apresentação, fazer com que seu pensamento seja compreendido da forma que foi idealizado. “A escrita assim é entendida como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo”. (KOCH e ELIAS, 2006, p. 33).

Percebemos que esse procedimento da escrita implica em tratar o texto apenas como um mecanismo legítimo de transmissões, fundado nas representações mentais do seu produtor, que busca atender às necessidades individuais de produção.

3.1.3 Escrita com foco na interação

Essa concepção remete ao uso da escrita como produção de texto. Configura uma ocorrência que demanda do escritor a aplicação do conhecimento, com base em estratégias que promovam a interação entre o produtor e o leitor, ou seja, não há apenas a preocupação isolada com a apreensão das regras gramaticais ou com a expressão individual do pensamento, mas um acontecimento em que o sujeito escritor apresenta seu pensamento sem desconsiderar o conhecimento do leitor.

Observarmos que, desse modo, “o produtor, de forma não linear, ‘pensa’ no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante e *on-line* guiado pelo princípio interacional” (KOCH e ELIAS, 2006, p. 34). A leitura, sob esse prisma, constitui-se em um processo que exige um acervo de conhecimento do escritor e do leitor, atuando ambos como protagonistas sociais, através da perspectiva dialógica, em busca da produção de sentidos do texto, conforme podemos evidenciar nas considerações apresentadas por Koch e Elias:

O sentido da escrita, portanto, é produto dessa interação, não resultado apenas do uso do código, nem tão-somente das intenções do escritor. Numa concepção de escrita assentada na interação, o sentido é um *constructo*, não podendo, por conseguinte, ser determinado *a priori*. (KOCH e ELIAS, 2006, p. 35).

Podemos verificar que o exercício da escrita com foco na interação exige, de quem vai escrever, a aplicação de habilidades condizentes com o propósito dessa prática; verifica-se ainda que as estratégias devem atender a certos pressupostos, como: a identificação do interlocutor, o conhecimento do conteúdo abordado, a consonância entre os elementos da atividade comunicativa, o desenvolvimento gradativo das ideias e a apropriação dos elementos linguísticos, pois não basta, apenas, participar do processo interacional para se apreender o processo da língua escrita. Tais *constructos* devem ser aplicados no sentido de se estabelecer uma conexão entre as partes envolvidas, para assim consolidarmos a escrita como processo interacional.

Após a apresentação dessas três concepções, ressaltamos que, para o nosso trabalho, optamos pela escrita com foco na interação, por entendermos que o escritor deve conhecer o público alvo para garantir a interação, utilizando estratégias de seleção, organização e desenvolvimento das ideias. Na sequência, discorreremos sobre a importância da prática de escrita na escola, referenciando alguns documentos oficiais.

3.2 A escrita no contexto escolar de acordo com os documentos oficiais

Várias são as dificuldades relacionadas à prática da escrita na escola, não apenas por parte do educando, como por grande parte dos docentes, que ainda não compreendem a escrita como resultado de um processo social e interativo, que ocorre à medida que o indivíduo encontra-se inserido nas práticas letradas e sente a necessidade do seu uso em atividades comunicativas.

Partimos do pressuposto de que as atividades que contemplam a escrita, em sala de aula, são realizadas, em maioria, como mera aplicação da apropriação de regras gramaticais que quase nada auxiliam na construção da criticidade do educando, desconsiderando os coeficientes interacionais presentes na realização de um texto escrito.

Podemos observar que a escola, enquanto instituição social e ambiente propício para circulação de um vasto número de gêneros discursivos, deve, juntamente com os docentes de Língua Portuguesa, organizar eventos que possibilitem o desenvolvimento da habilidade escrita, no sentido de promover a interação e estabelecer propósitos para a realização dessa prática.

Em relação a isso, os PCN referenciam uma advertência a respeito da simplificação textual, ou seja, do recorte fragmentado de trechos de texto, utilizados em sala, como padrão a ser seguido, ressaltando que “para boa parte das crianças e dos jovens brasileiros, a escola é o único espaço que pode proporcionar acesso a textos escritos, textos estes que se converterão, inevitavelmente, em modelos para produção” (BRASIL, 1998, p. 25), daí a importância de se conhecê-los por inteiro.

Nesse sentido, destacamos dois aspectos importantes: o de trabalhar os textos por completo, para que o aluno reconheça o sentido de sua produção, e o de selecionar os mais recorrentes na sociedade, ou seja, os mais utilizados nas diversas esferas da atividade comunicativa em que o indivíduo atua, como já mencionado em Bakhtin (2000), no tocante à relação entre essas esferas e o uso da língua.

Seguindo essa perspectiva, trabalhar a escrita como produto social conduz o aluno-redator ao exercício de uma produção efetiva e receptiva, ultrapassando as barreiras da codificação e decodificação.

Diante dessa perspectiva interacional, podemos observar que a atividade de produção textual escrita não é um ato solitário, e que exige por parte dos professores a aplicação de estratégias diferenciadas, com atividades significativas relacionadas à apropriação dessa prática, pelo aluno.

Para tanto, os PCN, sugerem o conhecimento de uma sequência de instruções didático-pedagógicas, como “transcrição, reprodução, decalque e autoria” (BRASIL, 1998, p. 76), que permitam o exercício de produção textual e que viabilizem a associação entre o tema e a comunicação, no que diz respeito à elaboração de textos, concluindo que:

As categorias propostas para ensinar a produzir textos permitem que, de diferentes maneiras, os alunos possam construir os padrões da escrita, apropriando-se das estruturas composicionais, do universo temático e estilístico dos autores que transcrevem, reproduzem, imitam. É por meio da escrita do outro que, durante as práticas de produção, cada aluno vai desenvolver seu estilo, suas preferências, tornando suas as palavras do outro. (BRASIL, 1998, p. 77).

Podemos perceber a relevância da linguagem na aplicação dessas categorias – composicionais, estilísticas e temáticas – que se utilizadas de forma contextualizada, referenciando os conhecimentos anteriores aos que serão adquiridos, oportunizarão ao aluno a construção do seu estilo individual.

Não podemos desconsiderar como um aspecto importante, na construção desse processo, a permissão da reescrita, que deve ser realizada no sentido de reconstrução das ideias e da reformulação do pensamento, após a aplicação de exercícios relacionados, entre as produções iniciais e finais da elaboração, como preconizam os PCN: “Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões” (BRASIL, 1998, p. 77).

A importância da linguagem, no aspecto enunciativo-discursivo, que tem sido bastante discutida ao longo do nosso trabalho, não é abordada apenas pelos PCN; ela é apresentada, também, no Eixo da Produção de Textos da BNCC (2017).

O referido documento expõe que esse Eixo “compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual e coletiva) do texto **escrito**, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos [...]” (BRASIL, 2017, p. 74. Grifo nosso). Isso se refere à produção textual, mediante as condições de emprego e necessidade de utilização, que exigem do redator um pensamento reflexivo acerca do assunto.

Para melhor explicarmos tal conceito, apresentaremos, no quadro abaixo, algumas medidas que norteiam a prática de produção textual com base na BNCC (2017).

Quadro 04 – Práticas de produção textual associadas ao contexto de utilização

Observação relacionada às circunstâncias de elaboração textual que caracterizam a diversidade dos gêneros e a recorrência destes, na sociedade.
Vinculação entre os textos com a presença de elementos intertextuais.
Sustentação do assunto, através de elementos extraídos de referenciais de credibilidade.
Estruturação do texto, considerando o estilo e a organização composicional.
Ativação dos recursos gramaticais de acordo com o contexto.
Elaboração das técnicas de produção: escrita, refacção, aprovação, consideração do cenário situacional.

Fonte: Elaborado pela autora com base na BNCC (2017).

Inferimos, a partir do exposto, que as técnicas que envolvem a habilidade de produção textual devem estar condicionadas ao contexto de inserção dos participantes, que devem apropriar-se de medidas eficazes para a propagação do discurso, em busca da autonomia e da liberdade de expressão, através do registro escrito, sistematizado e apropriado às ocorrências de domínio da língua, nas diferentes esferas sociais, como declara a BNCC acerca da apropriação dessa competência:

Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social. (BRASIL, 2017, p. 85).

Nesse sentido, nos propusemos, a partir do artigo de opinião, a trabalhar a escrita do gênero como propósito de interação para a construção do conhecimento e envolvimento dos educandos nas questões sociais, que exigem tomadas de posição e exposição de pontos de vista, coerentes e coesos, corroborados pela construção de argumentos consistentes.

Evidenciamos que os Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental da Paraíba (2010) também enfatizam a relevância do trabalho com a escrita, entendendo e reconhecendo a utilização dessa prática como atribuição social, bem como o seu percurso nos domínios que apresentam interesses comuns. Um processo que exige correspondência entre as unidades linguísticas e o destino de circulação, com apresentação de uma construção lógica e compatível com todos os elementos envolvidos no processo comunicativo.

Ressaltamos que o reconhecimento desses elementos é importante para a receptividade dos textos, permitindo, como já apresentamos antes, o processo de verificação, passível de adequação, de correção, de reelaboração das ideias e reescrita do texto.

Posteriormente a essas considerações, faremos uma abordagem da escrita na visão prescritiva/normativa e interacionista da linguagem.

3.3 A escrita na abordagem prescritiva/normativa da língua

A língua, na abordagem prescritiva, ocupa-se das propriedades normativas de utilização, na visão de que o sujeito apresenta boa escrita se possuir um conhecimento aprofundado das regras convencionais, a serem aplicadas em suas produções.

Nessa perspectiva de ensino da escrita, o educando que não reconhece essas normas é conduzido a trocar os modelos particulares de emprego dos componentes linguísticos, vistos como inadequados, por exemplos opostos que se julgam adequados. “É, portanto, um ensino que interfere com as habilidades linguísticas existentes. É ao mesmo tempo proscritivo, pois a cada ‘**faça isto**’ corresponde um ‘**não faça aquilo**’” (TRAVAGLIA, 2008, p. 38. Grifos nossos).

Podemos verificar esse comportamento quando se exigem do educando exercícios de produção textual escrita em que o aluno tem, por responsabilidade, a necessidade de dominar a modalidade culta, para cumprir com a obrigação de realizar a atividade *corretamente*, e o texto apresentado apenas serve como escudo para a realização de tarefas de memorização e emprego dos recursos linguísticos, constituindo-se em uma visão “[...] predominantemente prescritiva, preocupada apenas com marcar o ‘certo’ e o ‘errado’, dicotomicamente extremados [...]” (ANTUNES, 2003, p. 33). Com isso, o fato de se expressar oralmente ou através da *escrita* está relacionado ao fato de se expressar corretamente, e a competência discursiva é, assim, desconsiderada.

É importante salientarmos que esse conhecimento padrão da língua não é desnecessário, entretanto deve ser aplicado conforme a finalidade do gênero e em consonância com o propósito comunicativo. A modalidade prescritiva, quando ensinada, deve atender a modalidade de instrução de uma “variedade de prestígio em nossa sociedade” (TRAVAGLIA, 2008, p. 64), com finalidades de ascensão e participação na sociedade, porém o referido autor ressalta que:

O prescritivo tem sido hipervalorizado e muito mais praticado nas aulas de língua materna [...], causando prejuízo na formação do aluno, em termos do conhecimento linguístico do que disporá em sua vida, sobretudo no que diz respeito à obtenção de uma competência comunicativa mais ampla, que é fundamental para viver melhor. (TRAVAGLIA, 2008, p. 40).

Podemos considerar que esse modelo de ensino, quando descontextualizado, demonstra uma predileção pelas regras superficiais da língua que apresenta desvantagem em relação ao tratamento sociointeracionista que deve assumir, pois, à medida que não se elabora um plano

de desenvolvimento da escrita, direcionado ao desenvolvimento da construção de sentidos, jamais se alcançará o propósito dessa prática, que é o de realização social e individual.

Caracteriza-se assim o processo prescritivo com o uso da linguagem no sentido abstrato, como o registro de nomenclaturas padronizadas, que ocasiona alguns prejuízos na formação da autonomia, na apresentação das ideias e reflexões. Enfim, essa abordagem afeta a formação do aluno-escriptor, porque não foi considerada do ponto de vista adequado, anulando o processo da aplicabilidade em situações reais de uso da linguagem.

Dessa forma, o processo prescritivo não evidencia o caráter comunicativo, pois rejeita a resposta da diversidade dos discursos em detrimento da padronização, em que o sujeito toma posse de um modelo, mentalizando a estrutura da maneira que precisa atuar, em vez de esclarecer sua atuação.

Essa abordagem traz para o aluno a dificuldade de registrar suas ideias, por se sentir incapaz de dominar a normatização da língua e, conseqüentemente, incapacitado de apreciar seu próprio texto, tomar suas decisões de julgamento, de troca, de refacção, esperando apenas que o ato de avaliar seja conduzido pelo apontamento dos *erros*, por parte do professor, o qual não exerce a sua função de regulador, sendo considerado apenas um legítimo identificador e retificador dessas *falhas*.

Observamos, como um exemplo disto em sala de aula, as dificuldades que os alunos encontram em apresentar suas ideias em defesa de um ponto de vista, ou mesmo em contestar um assunto controverso, porque lhes faltam argumentos consistentes. E, ainda que consigam reconhecer a tipologia dominante do gênero, encontram obstáculos que os impedem de refutar, sobrepor, corroborar.

Isso se deve ao fato de o trabalho regular de produção escrita, realizado em sala, vir sendo efetuado com exclusiva cobrança da língua padrão, como modelo de escrita perfeita, como menciona Geraldi acerca desse procedimento:

Isso porque na escola não se produzem textos em que um sujeito diz sua palavra, mas simula-se o uso da modalidade escrita, para que o aluno se exercite no uso da escrita, preparando-se para de fato usá-la no futuro. É a velha história da preparação para a vida, encarando-se o hoje como não-vida. É o exercício. (GERALDI, 2002, p. 128).

Consideramos então que o ensino prescritivo da língua é sinônimo de domínio da padronização, e o não cumprimento desta descaracteriza uma escrita de categoria exemplar, à medida que desconsidera o fato de que a língua é suscetível a transformações. Nesse sentido, percebemos a necessidade de orientarmos o ato de escrever sob o ponto de vista

sociointeracionista, em vez de mecanicista, com o objetivo de se alcançar um efeito positivo na construção de sentido e função social desse ato, conforme apresentaremos a seguir.

3.4 A escrita na abordagem sociointeracionista da língua

Ao referenciarmos o trabalho com a modalidade da língua escrita, em sala de aula, dispensando a sua importância no contexto das exigências da sociedade, deixamos de oferecer a oportunidade ao educando de construir seu próprio conhecimento, de se tornar um autor competente na habilidade de produzir e defender suas produções. Deste modo, à medida que a linguagem reproduz o pensamento e se faz presente em todas as circunstâncias da vida das pessoas, ela deve possibilitar a comunicação e a interação entre elas.

Devemos então considerar que o ato de escrever apresenta cunho interativo, quando há reciprocidade entre as ações praticadas, por quem escreve e para quem se escreve. São sujeitos participantes de uma situação comunicativa, em busca de objetivos afins. Um processo de dependência que necessita de reconhecimento das exigências do outro (ANTUNES, 2003).

Assim sendo, reconhecer essa prática como processo de cooperação é compreender o caráter dialógico da linguagem, expresso, anteriormente, por Bakhtin (2000). Corroborando o discurso bakhtiniano, Travaglia (2008, p. 23) menciona que “o diálogo em sentido amplo é que caracteriza a linguagem”.

Considerando o exposto, a interação constitui-se a partir da integração entre os indivíduos que compartilham dessa prática para estabelecer a comunicação devida, conforme Antunes apresenta em seu discurso sobre a dimensão interacional da linguagem, na perspectiva escrita:

Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas. Assim, por essa visão se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita a um outro alguém, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo. (ANTUNES, 2003, p. 45).

Nessa perspectiva, a escrita é considerada do ponto de vista interacional, porque escrevemos intencionalmente, pensando em alguém, um sujeito concreto ou imaginável, que se presume dispor de condições para a compreensão da atividade, consistindo em uma relação coadjuvante na divisão das ideias.

Podemos inferir que, nesse modelo de produção, está envolvida uma sequência de aspectos, como a reunião das informações acerca do tema, o propósito, as reflexões, as opiniões,

o estilo, a construção composicional e uma série de referenciais imbuída na intenção do que se deseja expressar para o outro, o que nos permite compreender que a escolha do ensino prescritivo, isolado, de nada contribui se falta ao aluno ideias para se expressar.

Destacamos, também, outro fator relevante além da concepção funcional escrita da língua, que é a variabilidade das produções quanto à forma de apresentação e efeito, em virtude das diferentes situações a que o sujeito-escritor é exposto. Sendo assim, os textos são estruturados, dispostos e arranjados de acordo com o suporte de divulgação. Essa variedade, segundo Antunes (2003), se coaduna com a diversidade de gêneros que atendem a determinadas funções sociais, discutidas ao longo deste trabalho.

Dessa forma, a escrita de um artigo de opinião, gênero escolhido para a nossa proposta, de uma carta argumentativa, de um editorial, ou de qualquer outro gênero, contempla padrões de organização relativamente estáveis, dispostos de maneira organizada, atendendo, cada um, as suas particularidades de produção.

Compete, portanto, ao professor de Língua Portuguesa, realizar atividades em sala que contemplem essas atribuições da escrita, na intenção de inserir o educando nas práticas sociais, nos diferentes domínios de comunicação, como preconizam os PCN quanto à função do professor em relação ao ensino da linguagem: “[...] mostrar ao aluno a importância que, no processo de interlocução, a consideração real da palavra do outro assume, concorde-se com ela ou não” (BRASIL, 1998, p. 47). Com base nesse pressuposto, notamos que o desenvolvimento de estratégias que proporcionem essa interação entre ele e o outro fará com que o ensino da língua, através do registro escrito, adquira resultados profícuos de aprendizagem.

Para a elaboração dessas estratégias, devem-se organizar estágios diferenciados, aos quais Antunes (2003, p. 57) denomina de “etapas distintas e intercomplementares implicadas na atividade da escrita”, que compreendem:

- *A elaboração de um plano* que permita instaurar no sujeito-escritor uma expansão do seu acervo; que lhe permita delinear o assunto; selecionar os argumentos de acordo com a visão que será abordada; adotar os métodos de organização para apresentação dos conceitos; antecipar o conhecimento dos leitores; ponderar as condições de circulação do gênero; tomar a posição de tornar o texto ajustado ao contexto e mostrar confiança em relação ao que vai expressar.
- *O processo do registro escrito*, que corresponde à transcrição da ideia para o papel, por meio do qual o educando irá cumprir o exercício do ato de escrever, atentando para o cumprimento das ações antes pensadas, estabelecendo uma visão comparativa entre a atividade de elaboração do plano e a produção final, com a possibilidade de revisão,

atentando para o processo funcional da escrita, não apenas para a utilização dos elementos gramaticais.

- *O processo de refacção dos textos*, que é o momento de revisão, o qual permite ao educando ratificar ou retificar os propósitos idealizados, julgar o prosseguimento do assunto e a interligação entre as partes constituintes, observando a objetividade e a correspondência entre o texto e o contexto, promovendo uma releitura quanto ao uso dos elementos linguísticos, paragrafação, dentre outros.

Constatamos, diante dessas etapas, que a escrita é processual, e que essa ideia de processo, também defendida por Koch e Elias (2006, p. 37), atribui para o desenvolvimento dessa prática uma “ativação de conhecimentos” considerada necessária, pois esses conhecimentos são resultantes das nossas vivências, como demonstraremos a seguir.

A primeira ativação trata do conhecimento linguístico, que corresponde ao comando das regras ortográficas, gramaticais e lexicais da língua, as quais, quando abordadas em uma visão interacional, contribuem efetivamente para os resultados desejados, considerando a importância da escolha das palavras.

A segunda engloba a recorrência do que compreendemos do mundo, um saber obtido através da parceria, da construção coletiva de conhecimentos adquiridos, classificados como conhecimento enciclopédico.

A terceira compreende o conhecimento de textos que exige a compreensão dos elementos constitutivos: conteúdo, estilo e composição, bem como a atribuição e base de fixação de circulação das produções.

Finalizando as categorias de ativação, apresentaremos, com base nos estudos de Koch e Elias (2006), o conhecimento interacional, que determina na escrita:

- I. a finalidade da sua produção, proporcionando ao outro a constatação dessa intenção através da situação de interação ilustrada;
- II. a definição do número de orientações precisas, durante uma prática comunicativa, no sentido de promover no outro a reconstituição do propósito da produção;
- III. o emprego dos elementos linguísticos, em consonância ao contexto situacional;
- IV. a conciliação do gênero ao contexto de produção da atividade comunicativa;
- V. a garantia que a escrita foi entendida para se obter a receptividade do outro, concernente ao propósito esperado, para isso usando diversas formas de apresentação na formatação dos textos, como: os procedimentos linguísticos, os traços articuladores, os “modelos”, as ações e a organização textual.

Podemos perceber, diante do exposto, o caráter histórico, sociocultural e interacional que a escrita assume, diante do fato de não se usar a mesma língua em todas as situações, igual por toda vida, em todos os eventos.

Notamos que realizar o trabalho com a escrita, do ponto de vista interacional, é uma atividade complexa que exige do professor uma série de inferências, as quais Antunes (2003) apresenta como “implicações pedagógicas”, conforme podemos evidenciar abaixo:

- uma escrita em que o aluno desempenhe a função de agente social, produzindo seus próprios textos;
- uma escrita com propósitos de construção da articulação comunicativa;
- uma escrita de textos mais recorrentes na sociedade;
- uma escrita que atenda ao grau de aplicação exigida pelo contexto de interação, na estruturação da forma, de acordo com o papel que deve cumprir;
- uma escrita que considere o outro em suas diversidades;
- uma escrita adequada à situação da atividade comunicativa;
- uma escrita em que os métodos estejam adequados aos processos de elaboração do planejamento, escrita e reescrita;
- uma escrita direcionada para a coerência global de apreensão do texto e dos seus componentes organizacionais;
- uma escrita ajustada aos elementos superficiais de construção, como: pontuação, ortografia, paragrafação.

Entendemos, assim, que a escrita trabalhada na perspectiva interacional possibilitará ao educando uma compreensão do mundo em que ele se encontra inserido, e, conseqüentemente, atuante no exercício das exigências sociais, das quais fazem parte quem conhece, quem expõe, aquele que argumenta, aquele que refuta.

Acreditamos que dessa forma diminuiremos a lacuna existente entre as práticas mecanicistas de ensino da língua e o real sentido do trabalho com a linguagem, que é promover a interação na atividade comunicativa. Para tanto, apresentaremos a seguir os procedimentos metodológicos que foram empregados nesta pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, considerando inicialmente a contextualização em que transcorreu nossa investigação, o perfil da instituição e dos participantes e a delimitação do *corpus* que foi investigado. Em seguida, dispomo-nos a mostrar como ocorreu a aplicação da atividade diagnóstica de produção escrita, seguida da análise dessas produções e da apresentação da sequência didática proposta por Lopes-Rossi (2011) a qual será utilizada para o desenvolvimento das atividades sequenciadas do nosso projeto. Por fim, discorreremos sobre a proposta interventiva que foi aplicada através de sequências didáticas sobre o gênero artigo de opinião.

4.1 Contexto da pesquisa

Esta pesquisa ajusta-se a uma abordagem qualitativa, de natureza intervencionista e descritiva, constituindo-se em uma pesquisa-ação de natureza aplicada, considerando que a pesquisa-ação, conforme Barbier (2004), é utilizada como mecanismo de transformação social, em que a preocupação é voltada muito mais para a prática do que para a teoria. Segundo Lapassade, “os membros de um grupo estão em melhores condições de conhecer sua realidade do que as pessoas que não pertencem ao grupo” (LAPASSADE, 1989 *apud* BARBIER, 2004, p. 53).

Nesse sentido, atuando como professora de Língua Portuguesa, buscamos uma aproximação entre a pesquisa e a nossa prática pedagógica, partindo da observação das dificuldades que os alunos demonstram, frequentemente, na produção do gênero discursivo artigo de opinião, por isso a escolha do trabalho com o referido gênero.

Em virtude dessa problemática, justificamos a escolha pela pesquisa-ação; como esclarece Lapassade (1989), esse tipo de pesquisa “reconhece que o problema nasce, num contexto preciso, de um grupo em crise” (LAPASSADE, 1989 *apud* BARBIER, 2004, p. 54). Nessa perspectiva, como docentes, devemos atuar não como instigantes do problema, mas como atuantes/mediadores que buscam no corpo social o reconhecimento deste, para aplicar sobre aquele sugestões de avanço que contribuam para a diminuição dos problemas levantados.

Observamos em Thiollent (1986) que a contribuição desse tipo de pesquisa é pertinente, considerando a operacionalização de orientar os educandos em face de determinada

problemática que exige um processo investigatório a ser elaborado e coordenado pelo pesquisador, nesse caso, o docente. Sendo assim, tal autor define:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Compreendemos, então, que nesse tipo de investigação o professor/pesquisador⁹ participa efetivamente do processo, elaborando estratégias que conduzam os alunos ao entendimento da necessidade de participação coletiva, na busca de soluções das dificuldades encontradas. Notamos, também, que essa participação do pesquisador é fundamental na construção das mudanças, a partir da realidade observada após a identificação do problema.

Sendo assim, nossa proposta traz uma abordagem em relação à escrita do gênero em questão, apresentando os aspectos estruturais a partir dos elementos constitutivos e sociodiscursivos, segundo Bakhtin (2000). Esses elementos foram trabalhados através de estratégias sequenciadas e sistematizadas, sugeridas por Lopes-Rossi (2011), caracterizando a proposta como intervencionista e descritiva, pelo fato de orientar os educandos a se tornarem produtores críticos e habilitados a construir seus textos a partir dos problemas levantados, seguindo o passo a passo das atividades planejadas.

Podemos atestar que a pesquisa é de natureza qualitativa, por compreender, previamente, um levantamento de dados:

Na investigação social, a relação entre o pesquisador e seu campo de estudo se estabelecem definitivamente. A visão de mundo de ambos está implicada em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto, aos resultados do trabalho e à sua aplicação. (MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005, p. 14-15).

É importante observarmos que o nosso trabalho, por se tratar de um estudo integrado à realidade, retrata um problema de ordem social, e em torno dele buscamos alcançar os resultados, corroborando assim a natureza qualitativa da proposta que segundo, Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), esse tipo de pesquisa “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto.” Dessa forma, apresentamos a referida proposta ao Conselho de

⁹ Aquele que não é visto apenas como reprodutor de conhecimento dos outros, mas como produtor do próprio conhecimento após uma análise dos problemas enfrentados, no sentido de reformar sua prática pedagógica. (BORTONI-RICARDO, 2008).

Ética da Universidade Federal da Paraíba – UFPB –, ressaltamos que a mesma foi aceita e que os participantes da pesquisa, cujas produções textuais foram aqui expostas, tiveram suas identidades preservadas.

Frisamos também que a escola foi informada da pesquisa e que o diretor concordou com o desenvolvimento da investigação, assinando um Termo de Anuência¹⁰ que se encontra no Anexo C. Além disso, entregamos os termos de autorização que foram assinados pelos pais/responsáveis e pelos alunos participantes (Apêndices H e I), e assim formalizamos o consentimento para a atuação dos educandos no desenvolvimento do trabalho.

E assim, para realizarmos um estudo sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos em relação à produção textual, em nosso caso do gênero artigo de opinião, é necessário o conhecimento do espaço e do perfil dos envolvidos na investigação, uma caracterização que abordaremos no tópico a seguir.

4.2 Perfil da instituição e dos participantes

Os sujeitos participantes do processo são alunos do Ensino Fundamental, de uma escola pública situada no centro da cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba. A instituição pertence à esfera estadual e, de acordo com informações obtidas no Projeto Político Pedagógico (2017), ela foi fundada em 1975, mas somente em 1977 recebeu autorização para o funcionamento. Possui 13 salas de aula, integrando 13 turmas, do 7º ano do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio. O estabelecimento escolar funciona em dois turnos, manhã e tarde, e atende à população do centro da cidade, de bairros circunvizinhos e da região metropolitana de João Pessoa.

O perfil do nosso alunado é bem diversificado, pelo fato de que, anualmente, a instituição recebe alunos de outras esferas, como a municipal e a privada, e, como na maioria das escolas, o público discente apresenta problemas com a leitura e a escrita.

A turma selecionada para a realização da pesquisa foi o 9º ano A, do turno da tarde, que comporta alunos da faixa etária dos 13 aos 15 anos, apresentando, em sua maioria, participantes oriundos de famílias de condições socioeconômicas desfavoráveis, assistidas por programas e benefícios sociais do Governo Federal.

A escolha por essa série fundamentou-se em torno de problemas relacionados à compreensão e produção textual escrita, do gênero discursivo artigo de opinião, considerando

¹⁰ O termo apresenta o título anterior da dissertação e vale ressaltar que este foi modificado, posteriormente.

que a maioria dos alunos, no ano seguinte, ingressará no Ensino Médio, modalidade que exige um maior grau de interpretação e compreensão dos fatos.

4.3 Delimitação do *corpus*

Faz-se necessário declarar que a turma era composta por trinta e três alunos, sendo dezessete do sexo feminino e dezesseis do sexo masculino, dos quais trinta aceitaram participar da investigação.

Selecionamos, para nossa análise, seis produções, considerando o fato de que foram seus autores os participantes de todas as etapas do projeto, bem como os que apresentaram problemas mais acentuados em seus textos, os quais foram analisados para a observação das dificuldades estruturais e funcionais do gênero. Sendo assim, o *corpus* da nossa pesquisa foi constituído por seis produções iniciais diagnósticas e seis produções finais, totalizando doze artigos de opinião.

Na sequência, apresentaremos a aplicação da atividade diagnóstica realizada com os alunos; em seguida, exporemos algumas observações acerca dessa atividade e, logo após, a análise das produções iniciais.

4.4 Atividade diagnóstica de produção escrita

No sentido de verificarmos as dificuldades relacionadas à escrita do artigo de opinião, em momentos anteriores de produção de textos com a turma supracitada, aplicamos uma atividade diagnóstica sobre o referido gênero, com o propósito de identificar, especialmente, as deficiências relacionadas à habilidade da escrita e sugerir, na prática, melhorias para a diminuição dos problemas encontrados, conforme assinala Barbier (2004).

Iniciamos nosso trabalho com a realização de uma aula expositiva-dialogada acerca do gênero em questão, conforme sugestão do livro didático “Português Linguagens 9” (CEREJA e MAGALHÃES, 2015) adotado para a série. Em seguida, dividimos a atividade em dois momentos. No primeiro momento, utilizamos uma aula de 50 minutos para a leitura do artigo “Eu não quero saber da sua vida”, de Luli Radfahrer, conforme Anexo D. Em seguida, os alunos realizaram a interpretação de quatro questões referentes ao texto, que se encontra no Anexo E.

No segundo momento, foram necessárias duas aulas de 50 minutos para executar a proposta da construção de um artigo de opinião sobre o tema “Gravidez na adolescência: o papel da família, da escola, da mídia e do governo na conscientização dos jovens”. Nesta

ocasião, o aluno deveria fazer o papel do representante adolescente, apresentando sua visão sobre o assunto abordado.

Essa atividade foi realizada da seguinte forma: entregamos aos alunos as folhas com as questões digitadas, pelo fato de não se poder escrever no livro didático, e pedimos para que eles procurassem o texto no livro, realizassem a leitura, respondessem os exercícios e em seguida elaborassem a produção sugerida.

Alguns reclamaram porque não compreenderam os enunciados, outros deixaram algumas questões em branco, mas a dificuldade maior que pudemos observar foi em relação à questão da produção, quando a maior parte dos aprendizes declarou que não sabia construir um artigo de opinião, por desconhecer a sua organização e não ter muito assunto para escrever sobre o tema proposto.

A fim de que iniciassem as produções, incentivamos os alunos a produzirem seus artigos e, de acordo com as dificuldades por eles apresentadas, alguns necessitaram apenas de uma aula para finalizar o seu artigo, enquanto outros precisaram de duas. Em seguida, relatamos como sucedeu essa atividade.

Realizamos, silenciosamente, a leitura do texto e logo após abrimos uma discussão sobre o assunto tratado. Prosseguindo, os educandos responderam as questões de interpretação e, por último, produziram os artigos. Salientamos que a definição de “gênero” já havia sido trabalhada previamente, quando introduzimos o estudo de outros gêneros, no início do ano letivo, como a notícia e o conto, através de exercícios de leitura e produção.

Ao término dos exercícios, coletamos os papéis com a resolução das questões e as referidas produções para realizarmos a primeira análise. Reconhecemos como pertinente, antes de analisá-las, apresentarmos algumas dificuldades encontradas pelos alunos ao interpretarem as questões sobre o artigo lido, considerando que as perguntas exigidas na atividade traziam uma abordagem dos aspectos estruturais do gênero: composição, estilo e tema, defendidos por Bakhtin (2000). Vale ressaltar que não nos aprofundaremos nessas considerações que antecedem a produção, porque vamos intensificá-las apenas no artigo produzido, que é o foco de nossa pesquisa.

Constatamos que algumas perguntas foram respondidas corretamente por todos os alunos, como a alternativa “a” da primeira questão e as três alternativas da quarta questão, que tratam do levantamento de hipóteses, um assunto já trabalhado em sala de aula. Em relação às demais, percebemos que a maioria deixou em branco ou respondeu de forma inadequada, como podemos atestar nos trechos abaixo selecionados:

Quadro 05 – Diagnóstico de Interpretação - Aluno 01

Atividade de Diagnóstico de Produção Escrita
O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO: ATIVIDADE I
Sobre o texto: Eu não quero saber da sua vida

1. O autor introduz o tema e seu ponto de vista sobre o assunto nos quatro primeiros parágrafos do texto.

a) No 1º parágrafo, ele começa citando um fato sobre o qual as pessoas em geral reclamam. Qual é esse fato? a invasão de privacidade.

b) Nos três parágrafos seguintes, ele expõe sua opinião sobre o fato mencionado. Qual é ela? Ele acha que as pessoas de hoje são narcisista, burra, voyeur e birrenta.

2. Nos parágrafos de 5 a 8, o autor traz exemplos e argumentos que sustentam o ponto de vista anunciado. Para dar mais peso a seus argumentos, ele utiliza algumas estratégias. Encontre, no texto, as estratégias abaixo:

a) menção a fatos do cotidiano; _____

b) utilização de vozes de autoridade; _____

c) comparação com situações reais. _____

Fonte: Elaborado pela autora a partir do livro didático de CEREJA e MAGALHÃES (2015).

Vemos que o aluno conseguiu identificar corretamente de que o texto tratava, da invasão de privacidade, e externou a resposta na alternativa “a”: “A invasão de privacidade”. Mesmo manifestando problemas de ortografia, o estudante conseguiu extrair o assunto. Diferentemente da primeira, na alternativa “b” ele não acertou a resposta e expressou que a opinião do autor era a de “que as pessoas de hoje são narcisista, burra, voyeur e birrenta”. No entanto, a opinião que o articulista expressou foi a seguinte: os que reclamam são os que expõem suas vidas nas redes sociais, e que só poderiam de fato reclamar os “desinteressados” pelas redes sociais. Em relação à segunda questão, o aluno a deixou em branco. Em seguida, apresentamos o segundo diagnóstico.

Quadro 06 – Diagnóstico de Interpretação - Aluno 02

2. Nos parágrafos de 5 a 8, o autor traz exemplos e argumentos que sustentam o ponto de vista anunciado. Para dar mais peso a seus argumentos, ele utiliza algumas estratégias. Encontre, no texto, as estratégias abaixo:

a) menção a fatos do cotidiano; Como ir em algum lugar sem ter dinheiro ou compartilhar a localização.

b) utilização de vozes de autoridade; forçando os mais carentes de Atitudes para que pareçam interessantes

c) comparação com situações reais. _____

3. Nos três últimos parágrafos, o autor finaliza sua argumentação, ratifica seu ponto de vista e conclui seu texto com uma sugestão que ele acredita ser interessante para minimizar os problemas levantados.

a) O autor faz uma constatação sobre o assunto em debate. Qual é ela?
Facebook é a rede da vez, e ninguém consegue viver em cartão de crédito, celular.

b) Em resumo, qual é a posição do autor a respeito do uso das redes sociais: ele é terminantemente contrário ou é favorável, ou busca uma posição intermediária? Explique. Ele é contra, porque ele não acha legal compartilhar 80% de suas vidas nas redes sociais.

Fonte: Elaborado pela autora a partir do livro didático de CEREJA e MAGALHÃES (2015).

Percebemos, nesse diagnóstico, que o aluno respondeu a alternativa “a”, mas não reconheceu as vozes de autoridade usadas no artigo para responder a alternativa “b”, uma vez que ele acabou emitindo uma resposta diferente da esperada: “forçando os mais carentes de Atitudes para que pareçam interessantes”. Verificamos também que o aluno não conseguiu identificar os conectivos responsáveis pelas estratégias de comparação, e deixou em branco a alternativa “c”.

Na terceira questão, o referido aluno tentou organizar a resposta para a alternativa “a”, citando que “o facebook é a rede da vez, e ninguém consegue viver em cartão de crédito, celular”. Notamos que a resposta está incompleta, pois ele deveria ter acrescentado, por exemplo: a inviabilidade do abandono das redes que não estão mais no auge, em virtude das atividades já registradas. Também identificamos inadequações ortográficas, como “[...] viver em cartão de crédito”.

Na alternativa “b”, o aluno não conseguiu entender o ponto de vista do articulista em relação ao uso das redes sociais e respondeu que: “Ele é contra [...]”. Porém, verificamos no artigo que a posição do autor é intermediária, visto que de um lado ele critica o uso das redes para exposição de intimidades e, por outro, defende que o uso das mesmas é inevitável, portanto é preciso que seja feito com limites e regras.

Mediante a análise que realizamos, pudemos perceber que a maioria dos alunos conseguiu responder as questões mais simples, e que as maiores dificuldades foram espelhadas na questão do reconhecimento da opinião do autor, na identificação das estratégias de argumentação, na organização das ideias e no uso da língua padrão, ratificando o que mencionamos anteriormente: a carência dos alunos do 9º ano em reconhecer os elementos constitutivos do gênero discursivo artigo de opinião.

Após essas breves considerações sobre as questões de interpretação do artigo, apresentamos a análise das produções diagnósticas que serviram de alicerce para a implementação da proposta interventiva, exposta mais adiante.

4.5 Análise da produção inicial

Convém ressaltar que os artigos produzidos pelos alunos-pesquisadores foram digitalizados e, para uma melhor identificação dos textos, utilizamos uma sequência numérica, ordenada de 1 (um) a 6 (seis). Esclarecemos ainda que decidimos denominar de PI a Produção Inicial diagnóstica.

Estabelecemos as três categorias de análise de acordo com os três elementos constitutivos do gênero, postulados por Bakhtin (2000): composição, estilo e conteúdo temático, iniciando pelos aspectos composicionais: o título, a introdução - contextualização e tese - a discussão/argumentação e a conclusão. E, quanto ao estilo: os recursos de coesão - conectivos, expressões modalizadoras - acentuação, ortografia, pontuação (uso da vírgula e do ponto final) e, por último, o conteúdo temático.

Destacamos que a intenção não foi apontar os desvios gramaticais encontrados nos artigos, mas identificá-los e tentar diminuí-los através de atividades sistematizadas, aplicadas de acordo com as deficiências encontradas.

É necessário salientar que, nesta análise, não focamos em todos os desvios porque algumas incidências foram pequenas. Sendo assim, abordamos as dificuldades mais recorrentes nas produções e algumas inadequações encontradas não foram vistas como problemas frequentes, questionadas ou apresentadas pela maioria dos alunos.

A seguir, procederemos à exposição das análises das produções iniciais.

Quadro 07 – PI-1

Eu acho que a mulher tem que ter filho quando já tiver madura e souber criar uma criança porque se ela não souber criar uma criança, ele pode adoecer ou algo pior. Uma mãe tem que ter muita responsabilidade com os filhos tipo dar banho, levar a escola etc. as mulheres tem que entender que não é muito bom ter filhos muito novas (elas tem que amadurecer ter experiência e com a pessoa certa ter um filho). A gravidez tem que ser muito bem cuidada porque a mulher fica muito sensível e quando o bebê vier ao mundo ele tem que ser bem cuidado. as crianças tem que ser bem cuidadas pelos professores e diretores da escola.

a) Quanto aos aspectos composicionais:

De acordo com Bakhtin (2000), a construção composicional refere-se à estruturação do texto que permite enquadrá-lo em determinado gênero. Nesse sentido, Beltrão (1980) apresenta a organização do artigo de opinião da seguinte maneira: título, introdução, discussão/argumentação e conclusão. O referido autor ressalta que na introdução de um artigo de opinião deve estar contida, primeiramente, a contextualização do tema polêmico, para que em seguida o autor possa evidenciar o seu ponto de vista sobre o assunto, e são esses dois elementos que determinam a escolha do título.

Com base nessas considerações, verificamos que na PI-1, o aluno não constrói o título do artigo e inicia o parágrafo introdutório apresentando seu ponto de vista sem realizar a contextualização do tema polêmico, conforme podemos evidenciar: “Eu acho que a mulher tem que ter filho quando já tiver madura [...]”. No mesmo parágrafo, notamos que o produtor do texto não é a favor da gravidez precoce, e já demonstra indícios de sustentação do seu ponto de vista ao escrever: “[...] se ela não souber criar uma criança, ele pode adoecer ou algo pior”.

Continuando a considerar a perspectiva de Beltrão (1980), frisamos que a discussão é a parte mais importante do artigo, em que se analisam e se debatem os aspectos relativos ao tema para a defesa da tese. Nesse sentido, não foram apresentadas informações relevantes nem significativas que pudessem enraizar a argumentação. Podemos comprovar essa imprecisão de

argumentos no trecho: “Uma mãe tem que ter muita responsabilidade com os filho tipo dar banho, levar a escola etc.”. Nessa passagem, encontramos argumentos simples, sem exigências de informações sustentadas, por exemplo, em autoridade, pesquisas ou vozes.

Averiguamos também que, no último parágrafo do artigo, que corresponde à conclusão, o aluno apresenta: “A gravidez tem que ser muito bem cuidada [...]”. Notamos o movimento dialógico de distanciamento do tema gravidez na adolescência para gravidez em geral. E, em vez de conduzir o leitor a transformar a sua visão em relação ao assunto abordado, conforme sugere Beltrão (1980), o referido aluno expõe: “[...] as crianças tem que ser bem cuidadas pelos professores e diretores da escola”, algo que se configura como uma conclusão sem sentido.

Também notamos a inadequação na estruturação dos parágrafos, uma vez que o artigo de opinião pertence à ordem do argumentar, conforme preconiza a BNCC (2017). Com base nesse pressuposto, a tipologia dissertativa a qual pertence o gênero sugere uma organização dos parágrafos de acordo com os elementos composicionais mencionados anteriormente, e, ao examinar essa questão, atestamos que não foi usado esse recurso gráfico entre a introdução e a discussão, o que dificulta a compreensão das ideias.

Partimos, agora, para a análise dos aspectos referentes ao segundo elemento constitutivo do gênero: o estilo.

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Atendendo às observações de Bakhtin (2000), os gêneros devem ser elaborados em consideração às esferas da atividade humana, vinculados ao contexto de produção e recepção, estabelecendo-se uma relação entre o enunciado e as formas típicas de enunciado, isto é, o estilo condiz com a maneira que a língua é utilizada na definição do gênero.

Segundo Antunes (2003) um texto é considerado coeso quando há conexão entre as partes, permitindo o encadeamento e a sua interpretabilidade. Ao nos referirmos ao artigo de opinião, que é um gênero em que prevalece a utilização de marcas linguísticas argumentativas e discursivas, Koch (2011) aponta que essas marcas são responsáveis pela construção das especificidades do gênero.

Percebemos assim, na PI-1, uma carência ou inadequação dos recursos de coesão, sobretudo na repetição de palavras e até de expressões inteiras, que deveriam ter sido substituídas por pronomes, palavras sinônimas ou expressões semelhantes, como no trecho: “[...] e souber criar uma criança porque se ela não souber criar uma criança [...]”.

Outro exemplo de repetição pode ser percebido na utilização do verbo “ter” em: “[...] a mulher tem que ter [...]” e “Uma mãe tem que ter [...]”. Mesmo que os verbos e advérbios modalizadores, de acordo com Koch (2011), sejam marcas linguísticas argumentativas, o modal

“ter” poderia ter sido substituído por outro verbo modal, a exemplo de “deve”, em uma das colocações.

Observamos também a falta de um elemento sequencial na passagem entre os parágrafos “[...] ele pode adoecer ou algo pior”, para “uma mãe tem que ter muita responsabilidade [...]”. A ausência do elemento coesivo sequencial impede a ligação das ideias, provocando problemas de coerência textual, e, segundo a supracitada autora, essa conexão é uma das marcas responsáveis pela progressão do discurso. Notamos ainda a ausência de um conectivo indicador para a introdução da conclusão.

Além disso, evidenciamos nessa produção alguns problemas relacionados ao uso da língua padrão; ressaltamos que em Bakhtin, teórico que embasa nosso trabalho, a obediência obrigatória à norma padrão não corresponde a um elemento constitutivo do gênero, mas, com o intuito de promovermos uma melhoria das habilidades linguísticas, enfocaremos algumas deficiências encontradas.

Quanto à acentuação, identificamos alguns problemas, por exemplo, “[...] elas tem que amadurecer [...]” e “[...] as crianças tem que ser bem cuidadas [...]”. O desvio encontrado nos dois trechos da produção refere-se à acentuação do verbo *ter*, que apresenta o sujeito no plural, devendo, portanto, receber o acento circunflexo.

No tocante ao vocábulo sublinhado na passagem “[...] quando ja tiver madura [...]”, notamos que o aluno desconhece a regra dos monossílabos terminados em “a”, que devem receber acento, nesse caso agudo, conforme Bechara (2007). Da mesma forma, o vocábulo destacado em “[...] elas tem que amadurecer ter consiencia [...]” deve ser acentuado por terminar em ditongo oral átono, segundo preconiza o mesmo autor.

Também observamos alguns problemas de ortografia como em “[...] ter consiencia [...]” e “[...] o bebê vinher [...]”; nesse fragmento, a primeira palavra escreve-se *consciência*, e a segunda *vier*, que é a forma conjugada do verbo *vir* no futuro do subjuntivo, na primeira e na terceira pessoas do singular.

Além disso, contabilizamos que no texto o aluno utiliza apenas duas vírgulas e três pontos finais. Os pontos finais, se colocados adequadamente, poderiam separar as partes estruturais do artigo, já mencionados nos aspectos composicionais, mas percebemos que eles delimitam, apenas, dois parágrafos. E, para comprovarmos a ausência da vírgula, apresentamos um dos trechos em que, segundo Bechara (2007), se exige a sua colocação: “[...] elas tem que amadurecer ter consiencia [...]”; a vírgula, aqui, deveria ter sido colocada para separar os termos coordenados da oração. Em seguida, faremos a análise do terceiro elemento: o conteúdo temático.

c) Quanto ao conteúdo temático:

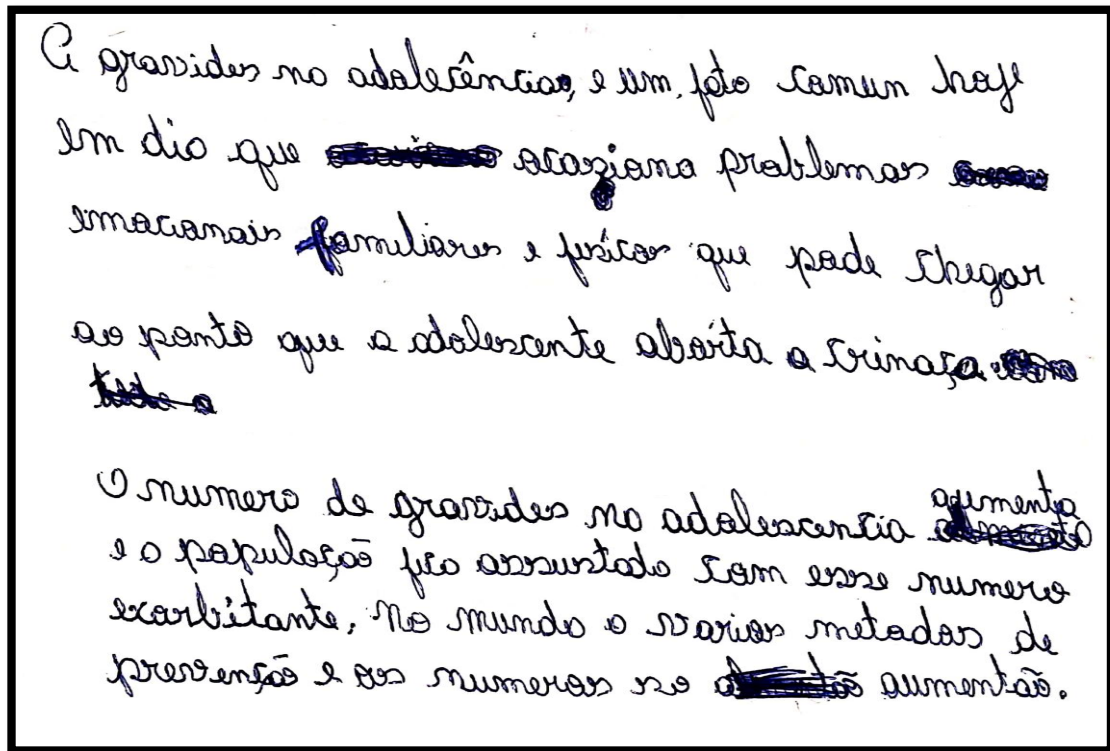
Na parte introdutória do artigo, constatamos o ponto de vista sem a contextualização do tema polêmico. Percebemos, com esse procedimento, que a compreensão do assunto focalizado foi comprometida, pois o artigo de opinião deve tratar de assuntos recorrentes na sociedade e, de antemão, situar o leitor a respeito do que vai ser transmitido, tendo em vista que Bakhtin (2000) afirma que a seleção do gênero ocorre não só pelo interesse do tema, mas também pela intenção discursiva do falante, que determina o todo do enunciado.

Devido ao conhecimento limitado sobre o assunto, as informações apresentadas na PI-1 são reduzidas, previsíveis e não provocam ampliação do conhecimento sobre o tema, pois, como afirmam Rangel, Gagliardi e Amaral (2016), para se escrever um bom artigo de opinião os argumentos apresentados devem ser consistentes e bem fundamentados. Para Koch (2011), são eles os responsáveis pelo movimento da persuasão e do convencimento, e, como vemos, isso não foi valorizado no texto.

Para melhor esclarecermos a falta dessas informações, apresentamos o seguinte exemplo: “[...] as mulheres tem que entender que não é bom ter filhos muito novas elas tem que amadurecer ter consiencia e com a pessoa certa ter um filho(a).” Essas afirmações não seriam tão óbvias se o aluno tivesse citado os aspectos negativos acarretados por uma gravidez na adolescência, como os problemas sociais, de saúde, dentre outros, e se tais afirmações fossem sustentadas a partir de resultados de pesquisas, leituras sobre autoridades no assunto, dados estatísticos.

Também vemos insuficiência em algumas informações como: “A gravidez tem que ser muito bem cuidada, porque a mulher fica muito sensivel [...]”. Que gravidez? A gravidez em geral ou de mulheres muito jovens? Esses aspectos identificados mostram a necessidade do aluno da apropriação de informações variadas, referentes ao tema solicitado, para a construção do artigo. Vejamos, a seguir, a segunda análise de PI.

Quadro 08 – PI-2



a) Quanto aos aspectos composicionais:

Foi possível observar que na PI-2 o aluno apresenta sinais da contextualização do tema polêmico ao apresentar que: “A gravidez no adolescência, e um fato comum hoje em dia [...]”. Se por acaso ele tivesse situado o local de ocorrência do fato, teria melhor contextualizado o assunto e, provavelmente, provocado maior interesse na leitura do restante do texto. Mesmo com inadequações, a PI-2 corrobora Beltrão (1980) sobre o fato de iniciar a introdução com a contextualização, mas o contraria na questão da ausência do título.

Ainda na parte introdutória, constatamos indícios de apresentação da tese que, de forma subjetiva, sugere uma posição contrária acerca do assunto, ao elencar uma série de problemas que uma gravidez precoce pode trazer para a adolescente: “[...] problemas emocionais familiares e físicos [...]”; outrossim, presenciamos a tentativa da construção de argumentos por causa e consequência, apresentados por Rangel, Gagliardi e Amaral (2016). Para esse tipo de argumento, os referidos autores explicam que a tese é aceita por ser uma causa ou consequência dos dados. Sendo assim, o aluno expõe que a gravidez na adolescência - a causa - ocasiona problemas ao ponto de conduzir ao aborto da criança - as consequências -, conforme podemos acompanhar no trecho: “[...] pode chegar ao ponto que a adolescente aborta a criança”.

Na sequência, inicia-se o parágrafo de apresentação da argumentação, que, de acordo com Beltrão (1980), é a parte adequada para o debate sobre o tema. Para tanto, identificamos

que o referido aluno coloca o seguinte dado: “O numero de grávidas na adolescência aumenta [...]”. Se a referência ao aumento no número de gravidezes precoces estivesse acompanhada, por exemplo, de uma exposição de dados estatísticos, o aluno-autor teria demonstrado veracidade ao argumento.

Ainda no mesmo parágrafo, encontramos a seguinte afirmação: “No mundo a varios metodos de prevenção e os numeros so aumentão”. Algumas sugestões que poderiam validar essa informação seriam a citação de autoridades no assunto ou argumentos de exemplificação, com a indicação de alguns métodos de prevenção.

Ressaltamos também que o texto da PI-2 apresenta conclusão embrionária, sem proposta de solução ou tomada de partido, anulando a possibilidade de o leitor pactuar com a argumentação apresentada ao longo da produção, como preconiza Beltrão (1980). Além disso, não encontramos a demarcação dos parágrafos, e a falta desse procedimento prejudica a construção de sentido. Tratamos em seguida da análise dos aspectos relacionados ao estilo.

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Considerando os estudos bakhtinianos em relação ao estilo de um determinado gênero, destacamos que a seleção dos elementos estruturais do léxico, da frase e da gramática é realizada levando-se em conta o público alvo. Sendo assim, o artigo de opinião, por pertencer à ordem do argumentar, exige na sua construção a presença dessas marcas linguísticas já comentadas anteriormente.

Na PI-2, assim como na PI-1, encontramos algumas inadequações em relação ao uso de recursos coesivos, responsáveis pela ligação das ideias no texto, quando o aluno escreve, por exemplo: “O numero de grávidas na adolescência [...]” e passa para: “No mundo a varios metodos de prevenção [...]”. A presença de um conectivo adversativo, nesse caso, funcionaria como um elemento articulador dessas ideias, além de evitar repetições desnecessárias e ratificar o caráter dialógico defendido por Bakhtin, segundo o qual um diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal.

Percebemos que no primeiro parágrafo o conectivo “*que*” foi repetido três vezes no mesmo período, com uma proximidade considerável, como podemos acompanhar: “[...] que ocasiona problemas [...] que pode chegar ao ponto que a adolescente aborta a criança.” Nesse trecho, o referido conectivo poderia ter sido substituído por outro de igual valor.

De acordo com Antunes (2003), a escrita do ponto de vista interacional traz como uma de suas implicações o reconhecimento dos elementos superficiais de construção, como: pontuação, ortografia, paragrafação. Em vista disso, o texto apresenta vários problemas de acentuação e de ortografia, como podemos constatar nas palavras destacadas: “No mundo a

varios metodos de prevenção e os numeros so aumentão” e “A gravides no adolecência, e um fato comun [...]”.

Para uma melhor compreensão, estabelecemos algumas dessas inadequações: o verbo *ser* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo deve estar acentuada; as palavras proparoxítonas também devem receber acento e o “a”, quando se referir ao verbo *haver*, deve ser acentuado e escrito com “h” inicial, assim como se encontra inadequado o registro das palavras “aumentão e gravides”.

Notamos também o uso da vírgula separando o sujeito do verbo: “A gravides no adolecência, e um fato comun [...]”, procedimento indevido, segundo Bechara (2007). Além disso, evidenciamos a ausência desse mesmo sinal de pontuação no fragmento: “[...] ocasiona problemas emocionais familiares e físicos [...]”, em que se justificaria o uso, em virtude da separação de termos coordenados na oração. Observamos, na sequência, as considerações em relação ao conteúdo temático:

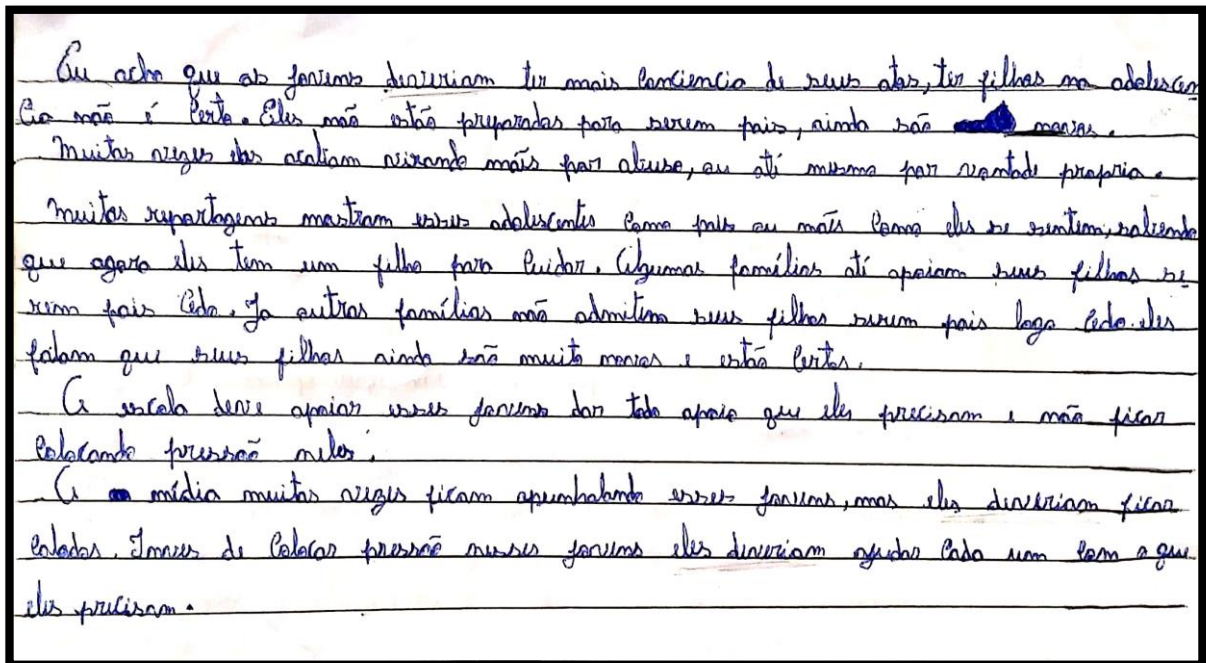
c) Quanto ao conteúdo temático:

Segundo Rojo (2000), o artigo de opinião é um gênero discursivo em que se busca convencer o outro de determinada ideia e, para isso, o conhecimento aprofundado sobre determinado tema trará base de sustentação, sendo responsável pela construção de uma argumentação consistente. Por essa razão, constatamos na PI-2 algumas dificuldades em relação ao desenvolvimento do tema proposto para o gênero; provavelmente, essa ocorrência se deu pela falta de informações sobre o problema social.

Logo no parágrafo introdutório, constatamos que não foi situado o espaço físico em que a gravidez precoce é um fato comum. O problema é que, da forma como foi citado, o argumento usado pelo aluno não permite que realizemos comparações dessas ocorrências com o tema “gravidez na adolescência” em outros espaços, e isso compromete a relevância temática, como podemos acompanhar no trecho: “A gravides no adolecência, e um fato comun hoje em dia [...]”.

Em seguida, apresentamos outro fragmento que revela escassez de informação: “No mundo a varios metodos de prevenção e os numeros so aumentão.”. Quais métodos podem ser usados? A intenção do aluno, ao apresentar que “os numeros só aumentão”, refere-se aos números de gravidezes na adolescência, porém falta uma reorganização das ideias nesse trecho, que em conformidade com o que dizem os PCN: “O conteúdo temático é o que é ou que pode tornar-se dizível por meio do gênero [...]” (BRASIL, 1998, p. 23). De acordo com tal recomendação, o produtor do texto deve mostrar com clareza o que se pretende através do gênero. Discorreremos, em seguida, sobre a terceira análise da PI.

Quadro 09 – PI-3



a) Quanto aos aspectos composicionais:

Assim como na PI-1, o aluno inicia o artigo apresentando a tese antes de contextualizar o assunto: “Eu acho que as jovens deveriam ter mais consciencia de seus atos, ter filhos na adolescencia não é certo”. Conforme já mencionamos, a contextualização deve ser colocada no parágrafo introdutório, antes do ponto de vista, para situar o leitor sobre o assunto a ser tratado; além disso, é preciso apresentar um título, elemento não evidenciado nesta produção.

Percebemos que, na tentativa de sustentar a tese, o referido aluno apresenta um argumento óbvio ao expor: “Eles não estão preparados para serem pais, ainda são novos”. Nesse trecho, identificamos que mesmo sem tanta relevância no argumento, o conhecimento prévio do aluno em relação à sustentação da tese sinaliza o entendimento de que não é necessário apenas se mostrar contra ou a favor, faz-se necessário também defender a sua opinião.

Ainda na construção de argumentos, o aluno cita que muitas reportagens mostram a opinião de adolescentes que são pais, como podemos conferir no trecho: “Muitas reportagens mostram esses adolescentes como pais ou mães como eles se sentem, sabendo que agora eles tem um filho para cuidar”. Esse procedimento da utilização de outras tipologias na produção argumentativa é um exemplo de habilidade discursiva que auxilia na veracidade dos fatos expostos; no entanto, se essa informação tivesse sido ampliada com a colocação dos aspectos negativos e/ou positivos, resgatados das falas dos adolescentes entrevistados, traria sustentação ao seu argumento.

Como vemos em Beltrão (1980), a argumentação e a contra-argumentação são importantes na defesa de um ponto de vista, logo devem ser embasadas em fontes de pesquisas, leituras, vozes, dentre outras. No trecho a seguir: “Algumas famílias até apoiam seus filhos serem pais cedo. Já outras famílias não admitem seus filhos serem pais logo cedo”. Essa citação constitui uma argumentação sem fundamento acerca do assunto e, para melhorá-la, o aluno deveria, por exemplo, ter promovido um debate entre as vozes que apoiam e as que não apoiam a paternidade de pessoas jovens, colocando esses motivos para o leitor poder compactuar, no final, com a sua proposta.

Constatamos que o texto encontra-se estruturado em cinco parágrafos, os quais precisam ser reorganizados. Nos dois últimos, ele traz o papel da escola: “A escola deve apoiar [...]”, bem como o papel da mídia: “A mídia [...] deveriam ficar calados”, mostrando como os dois setores devem agir em relação aos casos de gravidez na adolescência. Essas duas considerações poderiam ter sido unificadas, organizadas e colocadas como proposta para o problema social apresentado. Assim, o aluno reorganizaria o seu parágrafo de conclusão, que, segundo Beltrão (1980), é a parte do artigo que encerra o texto; é nela que o leitor toma partido. Vejamos, em seguida, os aspectos relacionados ao estilo.

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Conforme já mencionamos, os recursos de coesão são necessários para a construção de um texto coerente. Em relação ao artigo de opinião, destacamos que as marcas argumentativas e discursivas, segundo Koch (2011), são essenciais para a construção do estilo, e, conforme Bakhtin (2000), esse elemento constitutivo está intrinsecamente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciado, isto é, aos gêneros do discurso.

Na PI-3, percebemos a escassez de elementos de coesão em alguns trechos da produção como: “Algumas famílias até apoiam seus filhos serem pais cedo. Já outras famílias não admitem seus filhos serem pais logo cedo ‘eles’ falam que seus filhos ainda são muito novos e estão certos.”. Entendemos que as expressões destacadas, que se encontram repetidas, poderiam ser substituídas por sinônimos; além disso, se observarmos a expressão: “Já outras famílias [...]”, o emprego do pronome “outras” dispensa a repetição de “famílias”, pois o termo citado está bem próximo. Verificamos também um desvio no uso do pronome “eles”, destacado na expressão, pois o termo retomado refere-se a famílias, logo o correto seria ‘elas’, conforme evidenciamos na expressão. Ressaltamos ainda, como opção lexical, o uso de expressões informais: “[...] acabam virando mães por abuso [...]” e “Inves de colocar pressão nesses jovens [...]”, cujas expressões consideramos coloquiais em contraposição às palavras utilizadas no restante do artigo.

Continuando com a análise dos recursos semânticos e argumentativos, destacamos o processo de modalização, pontuado por Koch (2011) como marca linguística argumentativa. Nesse sentido, percebemos que o aluno emprega os termos: “Eu acho”, o qual expressa dúvida em relação ao enunciado; da mesma maneira, a forma do verbo modal “deveriam”, que demonstra a necessidade de se fazer alguma coisa, foi empregada no futuro do pretérito, e portanto não indica certeza da realização do fato.

Outras dificuldades que encontramos dizem respeito à acentuação e ortografia das palavras: “conciencia e adolescencia”, verificadas tanto nesta como em outras produções da turma. Em relação ao verbo “ter”, quando o sujeito está no plural a forma verbal deve ser acentuada, e esse foi um desvio recorrente: “[...] agora eles tem um filho para cuidar”. Os vocábulo “propria” e “Inves” também foram escritas sem acento. Observamos, por último, a falta de acentuação no monossílabo “ja”, ocorrência registrada em textos anteriores e evidenciada no seguinte fragmento escrito pelo aluno: “Ja outras famílias não admitem seus filhos [...]”. Evidenciamos ainda algumas inadequações em relação à pontuação; por exemplo, na passagem: “[...] ter filhos na adolescencia não é certo. Eles não estão preparados [...]”, notamos que, em vez do ponto final, um conectivo de explicação orientaria melhor o discurso.

Quanto ao uso da vírgula, identificamos a ausência desse sinal depois da locução adverbial “muitas vezes”, em: “Muitas vezes elas acabam virando mães [...]”; já no trecho: “A mídia muitas vezes ficam apunhalando esses jovens [...]”, percebemos a necessidade da vírgula para separar o adjunto adverbial que precede o verbo, segundo orienta Bechara (2007). Encerrando a análise do estilo, continuamos com as considerações sobre os aspectos referentes ao conteúdo temático.

c) Quanto ao conteúdo temático:

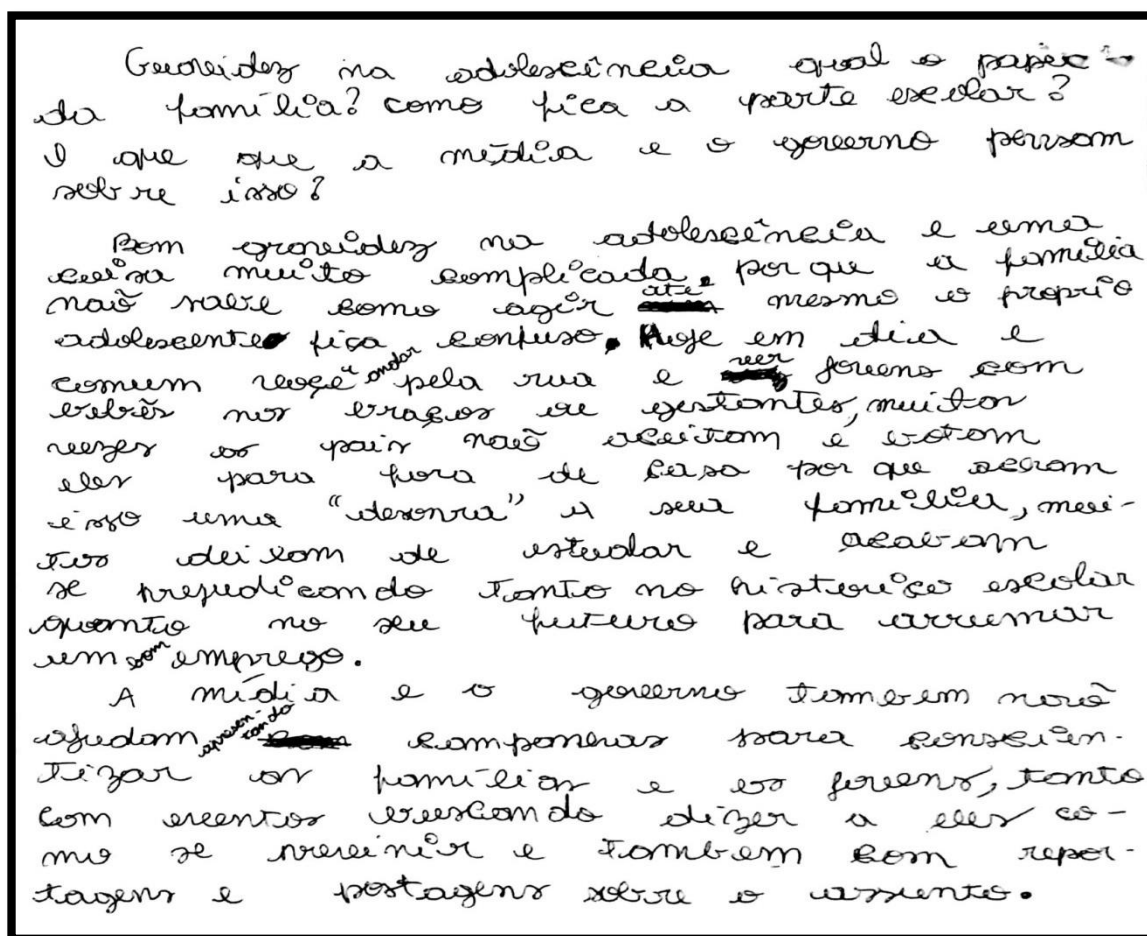
De acordo com a visão bakhtiniana sobre os gêneros do discurso, “se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível” (BAKHTIN, 2000, p. 302). Partimos desse pressuposto para mostrar que o conteúdo temático estabelece um processo dialógico entre o enunciado e outros textos.

Nesta PI, notamos que o aluno investe na busca de informações sobre o assunto para a construção da argumentação, por exemplo: “Muitas reportagens mostram esses adolescentes como pais ou mães como eles se sentem [...]”. E, como já afirmamos anteriormente, a informação requer detalhes, ou seja, deveria ser mostrada a posição desses adolescentes entrevistados em relação à gravidez precoce.

Percebemos também que algumas informações como: “Eles ainda não estão preparados para serem pais, ainda são novos”, não apresentam um grau relevante de informatividade e demonstram a escassez do conhecimento sobre o assunto. Talvez se o aluno tivesse incorporado ao exposto fatores resultantes da inexperiência, da responsabilidade de uma gravidez nessa fase, dos cuidados com a saúde, dentre outros, provavelmente essas informações dariam mais sustentabilidade ao seu ponto de vista.

Salientamos a importância entre a estrutura composicional e o tema de um gênero, pois à medida que o enunciado vai sendo desenvolvido, o texto vai se estruturando. Sendo assim, na PI-3 o assunto não foi contextualizado, como também a sua conclusão é embrionária; mesmo tendo apresentado algumas determinações, nos dois últimos parágrafos, o autor mostra dificuldades para definir com precisão a sua decisão sobre o problema. Finalizamos esta análise e agora trazemos as observações referentes à quarta produção inicial:

Quadro 10 – PI-4



a) Quanto aos aspectos composicionais:

Na visão de Beltrão (1980), a contextualização e a tese são responsáveis pela escolha do título. Na PI-4, o autor elabora um título para o artigo e inicia o parágrafo de introdução com

a tese sem a contextualização do assunto polêmico, como podemos ver: “Bom gravidez na adolescência e uma coisa muito complicada [...]”. E, na sequência, procura apresentar os motivos dessa complicação: “[...] por que a família não sabe como agir [...]”.

Ainda de acordo com o referido autor, no processo de construção da argumentação devemos convencer o leitor a aceitar o nosso ponto de vista, por isso ele a considera a parte mais significativa do texto.

Com base nesse pressuposto, percebemos que o autor da PI-4 não traz muitas informações relevantes sobre o assunto, apenas coloca situações cotidianas sem grau de informatividade, conforme demonstramos no trecho: “Hoje em dia é comum você andar pela rua e ver jovens com bebês nos braços ou gestantes [...]”.

Além disso, percebemos a omissão de informações nessa passagem e, pelo fato de não encontrarmos uma contextualização, a expressão destacada confunde o interlocutor no sentido de saber onde ocorre o evento “comum”.

Verificamos, em outro trecho, que o aluno traz um conhecimento superficial já adquirido sobre o fato polêmico, ao mostrar a relação entre a gravidez prematura e a evasão escolar. Faltam algumas vozes de especialistas no assunto para dar sustentação ao argumento, por exemplo: “Segundo o especialista na área”... Esse procedimento argumentativo dificultaria uma contestação adversa ao fato, colocada por algum opositor.

É possível verificar que o texto foi estruturado em dois parágrafos: no primeiro, a introdução e a discussão estão unificadas, quando deveriam estar separadas. No segundo, falta a reestruturação da conclusão, que foi apresentada de forma embrionária. Após essas considerações, partimos para a análise do segundo elemento constitutivo.

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Compreendendo que o estilo esteja ligado ao enunciado e às suas formas típicas, Bakhtin (2000, p. 326) diz que: “Uma análise estilística que queira englobar todos os aspectos do estilo deve obrigatoriamente analisar o *todo* do enunciado e, obrigatoriamente, analisá-lo dentro da cadeia da comunicação verbal de que o enunciado é apenas um *elo* inalienável”.

De acordo com as considerações bakhtinianas, o estilo deve ser interpretado em meio às relações dialógicas que vinculam o enunciado a outras vozes da cadeia discursiva. Sendo assim, observamos que, na PI-4, o aluno inicia a sua tese com a expressão: “Bom gravidez na adolescência e uma coisa muito complicada [...]”; o vocábulo destacado demonstra um movimento dialógico com textos em que predomina um grau de informalidade mais acentuado do que no artigo de opinião.

Logo após a apresentação da tese, foi introduzido um elemento conector para explicar a complicação da gravidez na adolescência: “[...] e uma coisa muito complicada por que a família não sabe como agir [...]”; nesse trecho, percebemos que o “por que” usado para explicação não se escreve separado, e que é preciso diferenciá-lo de outros empregos da palavra. É importante ressaltar que não houve problemas de sentido, apenas de coesão, pois ambas as formas possuem a mesma pronúncia.

Evidenciamos ainda que o aluno traz certo conhecimento sobre o uso dos conectores “tanto quanto” e “tanto como”, mas não identificamos a presença de verbos e advérbios modalizadores que são importantes para o direcionamento discursivo-argumentativo, bem como não encontramos um elemento articulador para iniciar a conclusão. É necessário, portanto, que ocorra apropriação desses recursos de textualidade por parte do aluno-produtor.

Em relação à acentuação, notamos algumas inadequações, como: “Hoje em dia e comum você andar pela rua [...]”. O “e”, nesse trecho, foi usado como conectivo e percebemos que este deve ser acentuado, conforme já mencionamos em outras produções. A palavra “proprio” também sem acento merece atenção, pois é um desvio recorrente em outros textos e encontramos outras ocorrências como em “família / tambem / historico / ate”.

Quanto à ortografia, registramos a palavra “voçê,” grafada com cedilha, porém não identificamos esse incidente em outros textos; no tocante à pontuação, computamos quatro vírgulas ao longo do texto e três pontos finais, o que nos chama a atenção para uma discussão com abordagem dessas deficiências, pelo fato de elas terem sido evidenciadas em outras produções.

No caso da colocação do primeiro ponto final no texto, este encerraria o parágrafo de introdução; contudo, o aluno deu continuidade ao texto, como podemos acompanhar no fragmento: “[...] até mesmo o adolescente fica confuso. Hoje em dia e comum você andar pela rua [...]”. E, quanto ao uso da vírgula, presenciemos a ausência do sinal para separar o adjunto adverbial anteposto ao verbo, inadequação, similarmente, encontrada em outras construções.

Discorreremos a seguir, sobre a análise dos aspectos relativos ao conteúdo temático.

c) Quanto ao conteúdo temático:

Analizamos nesta seção a intenção do enunciador, ou seja, a sua pretensão, o “dizer” através do gênero, como mostra o pensamento bakhtiniano: “O tema é uma reação da consciência em devir ao seu devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2012, p. 134).

Tomando por base essa definição, o aluno delimita o tema e tenta promover uma reflexão antecipada no leitor, ao selecionar o título acerca do assunto a ser tratado: “Gravidez

na adolescência qual o papel da família? Como fica a parte escolar? O que a mídia e o governo pensam sobre isso”?

Para tanto, o aluno supracitado deveria ter apresentado informações relevantes que sustentassem seu ponto de vista, e, como vemos, ele demonstra conhecimento limitado sobre o assunto quando expõe a tese, mostrando a gravidez precoce como “uma coisa complicada” e ainda como se, apenas, esse fato fosse satisfatório para a compreensão e transformação, “o devir” do pensamento do leitor sobre o assunto polêmico, sem ao menos contextualizá-lo.

O aluno dá prosseguimento ao texto, colocando informações vagas como: “[...] gravidez na adolescência e uma coisa complicada. Por que a família não sabe como agir ate mesmo o proprio adolescente fica confuso”. Percebemos que, se o produtor tivesse mostrado pesquisas sobre essas complicações, para em seguida apresentar o papel da família e o porquê da confusão psicológica vivenciada pelo adolescente, o argumento de explicação empregado teria mais força.

Evidenciamos, também, que se faz importante estabelecer a relação entre o tema, a estrutura composicional e o estilo. Sendo assim, no último parágrafo, correspondente à conclusão, percebemos falhas na apresentação de referências dialógicas da “mídia e do governo”, pois entendemos que o aluno infere uma proposta, mas, como utilizou o verbo na negativa, a conclusão ficou confusa, como podemos perceber no trecho: “A mídia e o governo também não ajudam apresentando campanhas [...]”.

Encerramos a análise da PI-4 e prosseguimos com as observações da quinta produção:

Quadro 11 – PI-5

Temos em vista muitos casos de gravidez na adolescência, sendo que muitas dessas meninas (ou meninos) não recebem orientação da família ou da escola, e acabam ~~se~~ enfrentando uma responsabilidade muito grande para esta ~~fase~~ fase da vida.

~~A adolescência, mais ou menos 21,~~

A adolescência tem os dias azuis, está ficando incrivelmente, pois os próprios adolescentes se dizem levar por uma responsabilidade que eles acham ser a certa. Usam vezes, a internet influencia: coisas que devia ter restritas são abertas.

A família tem um papel grande em relação a isso, buscar ajudar os jovens, conscientizar, mostrar consequências. Famílias que tem um histórico de gravidez na adolescência, buscar conversar sobre a experiência.

Embora pensamos que seja impossível "vencer" essa barreira, mas podemos enfatizar mais esse assunto que está quase sendo esquecido, pois é essencial lembrar esse assunto, para que possamos ajudá-los, tanto para dar conselhos se já aconteceu o fato com tal adolescente, como também ajudar a evitar esse responsabilidade tão grande.

Embora ~~tem~~ seja lindo o momento de um filho.

a) Quanto aos aspectos composicionais:

Observamos que na PI-5, o aluno-redator inicia o parágrafo introdutório com evidências de contextualização do assunto polêmico: “Temos em vista muitos casos de gravidez na adolescência [...]”, mas não situa o espaço onde ocorre essa problemática.

Em seguida ele apresenta, subjetivamente, o seu ponto de vista sobre o assunto, ao expor que: “[...] e acabam enfrentando uma responsabilidade muito grande para esta fase da vida”, confirmando a visão de Beltrão, que justifica essa sequência na organização de um artigo de opinião - contextualização seguida de tese - e corrobora Bakhtin, que trata esse aspecto como estrutura composicional do gênero discursivo. Lembramos que esses dois elementos são motivadores para a escolha do título e que não o evidenciamos nesta produção.

Verificamos, ainda, que o aluno tentou organizar o texto em quatro parágrafos, sem obedecer ao devido afastamento da margem e sem o controle ordenado das ideias, demonstrando uma grande dificuldade em estruturar os argumentos e contra-argumentos, devido, supostamente, à insuficiência de conhecimento, conforme notamos no trecho extraído

da produção: “Famílias que tem um histórico de gravidez na adolescência, buscar conversar sobre a experiência”.

Pelo exemplo apresentado no trecho anterior, podemos perceber a tentativa de construção de uma conclusão sem exposição da discussão sobre o assunto, ou seja, o autor do texto traz o papel da família sem antes ter promovido um debate sobre a questão das experiências, das responsabilidades de uma gravidez precoce. O procedimento de dialogar com outras “vozes” é uma condição permitida pelo gênero em questão e enriquece a produção.

Finalizamos a análise desse elemento constitutivo destacando a necessidade de leitura e pesquisa sobre o assunto, bem como a necessidade de conhecimento dos tipos de argumento, que deverão ser selecionados e utilizados de acordo com a pretensão de convencimento e adequação do discurso, conforme frisam Rangel, Gagliardi e Amaral (2016). Dessa forma, terminamos essa análise e passamos a examinar o estilo:

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Encontramos na PI-5, assim como em outras produções analisadas, a repetição desnecessária de expressões próximas umas das outras, como podemos atestar no fragmento: “[...] Podemos enfatizar mais esse assunto que está quase sendo esquecido, pois é essencial lembrar esse assunto”. Reconhecemos, nessa construção, a dificuldade da colocação de elementos coesivos para evitar a reincidência das expressões, e recomendamos, também, a substituição da segunda expressão destacada por uma informação que possa enfatizar o assunto citado no início do trecho, por meio de campanhas, palestras, aulas de educação sexual, dentre outras.

Localizamos trechos onde se observa a presença da informalidade, aspecto já explicado como sendo o processo dialógico obtido do estudo de outros gêneros, como em: “[...] seja impossível “vencer” essa barreira [...]” A palavra destacada reflete a linguagem figurada, muito utilizada pelos gêneros literários, e o uso de aspas é usado para dar a certa expressão sentido particular, segundo aponta Bechara (2007).

Também identificamos, logo no início da produção, um equívoco em relação ao uso do advérbio “aonde”, conforme explicitamos no exemplo: “Temos em vista muitos casos de gravidez na adolescência, aonde que muitas dessas menina (ou meninos) não recebem orientação da família [...]”. Esclarecemos que o referido advérbio deve ser usado como indicador de lugar, sugerindo movimento.

Percebemos ainda, no decorrer do texto, uma variedade de elementos utilizados para dar sequencialização às ideias, como podemos acompanhar no trecho a seguir: “Embora pensarmos que seja impossível “vencer” essa barreira, podemos enfatizar mais esse assunto que está quase

sendo esquecido, pois é essencial lembrar esse assunto para que possamos ajuda-los [...] embora seja lindo o momento de um filho”. Nesse sentido, analisamos que, mesmo com a presença de diversos elementos articuladores, as ideias se encontram desorganizadas e necessitam de uma reestruturação, bem como indicamos a necessidade da inserção de marcadores de introdução de argumentos.

Outro aspecto observado tem relação com o emprego do auxiliar modal destacado no trecho “[...] podemos enfatizar mais esse assunto [...]”, o qual indica a possibilidade de se fazer algo para vencer o problema da gravidez na adolescência, embora o tema não tenha sido discutido com relevância, em atendimento ao caráter argumentativo que exige o artigo de opinião.

Quanto à acentuação, encontramos o verbo *ter* no plural: “Famílias que tem um histórico de gravidez [...]” sem o respectivo acento, o qual deve ser usado para diferenciar o emprego da forma verbal *tem*, com o sujeito no singular. Também identificamos os vocábulos “*proprios*” e “*ja*” sem a devida acentuação, dificuldades já apresentadas por outros alunos.

Quanto à ortografia, verificamos algumas inadequações isoladas, como em: “Embora pensarmos que seja impossível”. E em relação à pontuação, encontramos uma inadequação quanto ao uso da vírgula antes da conjunção aditiva “e”, pois as orações são pertencentes ao mesmo sujeito, conforme o trecho: “[...] muitas dessas meninas (ou meninos) não recebem orientação da família ou da escola, e acabam enfrentando uma responsabilidade muito grande [...]”. Findamos essas considerações e, na sequência, tratamos da análise do conteúdo temático:

c) Quanto ao conteúdo temático:

De acordo com Antunes (2003, p. 45), uma visão interacionista da escrita “supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita a um outro alguém, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo”.

Dessa forma, o autor deve pensar no possível leitor e na maneira de compreensão do enunciado, reunindo informações sobre o tema que possam esclarecer, por exemplo, o seu ponto de vista sobre o assunto polêmico. Na PI-5, percebemos a carência dessa reunião de informações, pois o aluno-produtor apresenta uma escassez de ideias sobre o assunto, conforme evidenciamos no trecho: “Temos em vista muitos casos de gravidez na adolescência, aonde que muitas dessas menina (ou meninos) não recebem orientação da família ou da escola [...]”.

Ainda sobre o trecho mencionado, nenhum dado de pesquisa ou dado estatístico foi apresentado para sustentar o fato expresso em “muitos casos de gravidez”, nos fazendo entender mais um caso de insuficiência de informações. Acreditamos que tais deficiências sejam responsáveis pela falta da construção da argumentação no texto e também pelo afastamento do

tema, que passa de gravidez na adolescência para falar sobre a adolescência como fase da vida de uma pessoa. Vejamos: “A adolescência – nos dias atuais – está ficando incontrolável [...]”. Constatamos também que o segundo parágrafo apresenta como palavras-chave: “adolescência e internet”; porém, não foi apresentada uma ligação direta entre esses vocábulos e o assunto controverso, ou seja, se o aluno tivesse mencionado argumentos vinculando a questão polêmica ao uso da internet, acreditamos que teriam sido expostas informações relevantes ao leitor.

Por fim, o educando elenca uma série de determinações para diminuição dos casos de gravidez na adolescência e mais uma vez apresenta, de forma vaga, soluções para o problema. A próxima análise refere-se à sexta produção inicial que foi a última a ser analisada neste corpus:

Quadro 12 – PI-6

A Gravidez na adolescência é algo que vem ocorrendo bastante nos dias de hoje. Eu acho que culpa é um pouco da família. Pais os Pais dizem uma ligação nas relações com os filhos. Pais um adolescente não deve ignorar e nem buscar estudar para ter um futuro melhor e ter um bom emprego. Pais dizem incentivar os filhos a estudar e não a namorar e acho que a mídia e o governo ajudar nesse problema. Pais o governo deveria diminuir o preço da educação e mais o poder de comprar e mais mais com bons ensino e incentivar para incentivar os jovens continuarem na escola. Por que muitos desistem de terminar os estudos e isso faria a diminuir a gravidez na adolescência. mais acho que culpa não é tanto da mídia Pais os pais namoram companhos na internet sobre a vida da criança e então não tem o que falar da mídia.

a) Quanto aos aspectos composicionais:

Na PI-6, o aluno segue o que preconiza Beltrão, ao introduzir a contextualização do assunto antes da formulação da tese, mas não apresenta um título, o qual deveria ser elaborado consoante a tese a ser defendida.

Para tanto, o texto traz como contextualização a seguinte informação: “A gravidez na adolescência é algo que vem ocorrendo bastante nos dias de hoje”. Conforme o exposto, observamos que se trata de um assunto recorrente na sociedade, como preleciona Bakhtin acerca do trabalho com os gêneros discursivos. Em seguida, o educando expressa seu ponto de vista e presumimos que ele se mostra contrário ao fato, quando expressa: “Eu acho que a culpa é um pouco da família [...] pois um adolescente não deve engravidar e sim buscar estudar [...]”. Ao apresentar a tese, o autor tenta defendê-la com explicações básicas e previsíveis, ao citar que: “não deve engravidar [...] para ter um futuro melhor [...]”.

Como vimos, na parte introdutória o aluno apresenta dificuldades na ordenação das ideias, propondo sugestões para o problema antes de promover uma discussão sobre o assunto controverso, por exemplo: “[...] o governo deveria disponibilizar mais empregos e mais oportunidades de emprego [...]”. Além disso, o texto foi estruturado em apenas um parágrafo, e tal procedimento dificultou a nossa análise, pois o artigo de opinião é um gênero que evidencia a paragrafação de acordo com o desenvolvimento das ideias.

Encerramos a análise dos aspectos composicionais, relembrando que um artigo de opinião deve finalizar com a conclusão. Segundo Beltrão (1980), nesse momento do texto o autor deve conduzir o leitor à adesão da argumentação apresentada em defesa do ponto de vista, uma perspectiva defendida por Koch (2011), que coloca a argumentação como o ato de convencer ou de persuadir.

Sendo assim, averiguamos que o educando encerra o texto sem promover a direção do leitor à posição assumida no texto, como podemos conferir na passagem: “[...] vemos várias campanhas na internet sobre o uso de camisinha e então não tem o que falar da mídia”; portanto, verificamos que ele apresenta uma conclusão sem proposta de solução.

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Como na maioria das produções anteriores, a repetição sistemática das palavras se fez presente neste texto, conforme evidenciamos no excerto: “[...] o governo deveria disponibilizar mais empregos e mais oportunidades de emprego e mais ensino com bons ensino [...]”. Outros casos de repetição também foram detectados, como o uso do verbo auxiliar modal “dever” indicando obrigatoriedade, presente nos segmentos: “[...] os pais devem incentivar os filhos a

estudar [...]” e “[...] o governo deveria disponibilizar mais empregos [...]”; evidenciamos ainda o emprego exaustivo do conectivo “pois”.

De acordo com as considerações de Koch (2011), as conjunções são marcas linguísticas argumentativas, as quais devem ser utilizadas na construção do discurso para dar sequência às ideias. Dessa forma, esses conectores devem ser empregados corretamente para evitar os desvios de uso, como no fragmento seguinte: “[...] mais acho que culpa não é tanto da mídia [...]”. A forma destacada foi utilizada como advérbio de intensidade; porém, a relação de sentido é de adversidade, neste caso a grafia correta seria *mas*. Lembramos, mais uma vez, que não houve problema de sentido e sim de coesão, em virtude de ambas as formas apresentarem a mesma pronúncia.

Verificamos ainda a presença de uma expressão empregada no sentido informal, em: “[...] os pais devem esta ligado nos relacionamento dos filhos [...]”, a qual poderia ser substituída, por exemplo, pelo vocábulo “atentos”. Não desmerecemos a colocação da expressão em consideração ao público-alvo, os adolescentes, mas convém destacar que o gênero permite o uso de uma linguagem mais elaborada.

Assim como nas produções anteriores, analisamos a acentuação e notamos que as palavras “adolescência”, “varias” e “mídia” não foram acentuadas, bem como notamos a utilização do verbo *ser* como conectivo, conforme o excerto: “A gravidez na adolescência e algo que vem ocorrendo bastante nos dias de hoje.”.

Em relação à ortografia, destacamos a inadequação do “por que” na seguinte colocação: “[...] para incentivar os jovens continuar na escola por que muitos desistem [...]”. Tal vocábulo, nesse caso, não se escreve separado.

Quanto à pontuação, encontramos dois pontos finais no decorrer do texto: o primeiro após a contextualização e o último no final da produção; por fim, em relação ao uso da vírgula, nenhum sinal dessa natureza foi empregado no texto.

Após a análise do estilo, passaremos às observações sobre o conteúdo temático.

c) Quanto ao conteúdo temático:

Encontramos na introdução da PI-6 uma contextualização vaga sobre o assunto, quando o aluno-produtor expõe: “A gravidez na adolescência e algo que vem ocorrendo bastante nos dias de hoje”. A palavra destacada demonstra indeterminação, causada, possivelmente, pela falta de domínio do tema, que deve ser apresentado em um contexto situacional, para que o leitor adquira informações preliminares sobre determinado problema social.

Observamos também que, no esforço de construir a discussão, o educando apresenta argumentos insuficientes, extraídos de situações comuns, como por exemplo: “[...] buscar

estudar para ter um futuro melhor [...]”. Isso demonstra a carência de aprofundamento do assunto, bem como a necessidade de nutrição temática, que poderia ser estabelecida através de leituras, pesquisas e discussões a respeito do assunto focalizado, visto que, de acordo com as concepções bakhtinianas, o conteúdo temático é organizado a partir das relações dialógicas. Por fim, notamos a falta de progressão temática, inibida pela carência de informações e pelas dificuldades que o aluno apresenta na construção da discussão.

Encerramos, assim, a análise das produções iniciais, e concluímos, através desse procedimento, que os alunos manifestaram desconhecimento da estrutura composicional do gênero artigo de opinião, problemas de coerência e de coesão textual, além da insuficiência de informações sobre o conteúdo temático, o que nos levou à elaboração e aplicação de uma proposta de intervenção através de sequências didáticas. Dessa forma, apresentamos a seguir o modelo proposto por Lopes-Rossi (2011), que utilizamos, a fim de contribuirmos com a resolução dos problemas citados e analisados.

4.6 Sequência didática proposta por Lopes-Rossi para a produção textual

Utilizar os gêneros como mecanismos de desenvolvimento das habilidades discursivas permeia o discurso bakhtiniano e é incentivado por vários outros autores e documentos oficiais que pensam o ensino da LP, na perspectiva sociointeracionista da linguagem.

Nesse sentido, os PCN orientam o trabalho com as SD, as quais devem ser elaboradas e aplicadas no sentido de incentivar a leitura e a escrita como requisitos sociais que podem conduzir o aluno a apropriar-se dessas habilidades, proporcionando um entendimento acerca dos gêneros discursivos, utilizados em determinadas situações comunicativas. Para uma melhor compreensão sobre a utilização desse procedimento didático, os PCN apresentam o seguinte conceito:

Módulos didáticos são sequências de atividades e exercícios, organizados de maneira gradual para permitir que os alunos possam, progressivamente, apropriar-se das características discursivas e linguísticas dos gêneros estudados, ao produzir seus próprios textos. (BRASIL, 1998, p. 88).

Podemos perceber que as SD funcionam como um direcionamento demonstrado ao aluno, a partir da apresentação e execução de um conjunto de atividades em que o educando deve exercer a posição de sujeito-atuante na atividade comunicativa. Além disso, são

construídas de forma progressiva, à medida que vai se percebendo a necessidade de ampliação do repertório dos participantes.

Compreendemos, assim, que esse trabalho deve contemplar, inicialmente, as dificuldades básicas observadas a partir de uma investigação inicial, com o objetivo de se elaborar as atividades, mediante a exigência das dificuldades apresentadas, como preconizam os PCN: “O planejamento dos módulos didáticos parte do diagnóstico das capacidades iniciais dos alunos, permitindo identificar quais instrumentos de ensino pode promover a aprendizagem e a superação dos problemas apresentados” (BRASIL, 1998, p. 88).

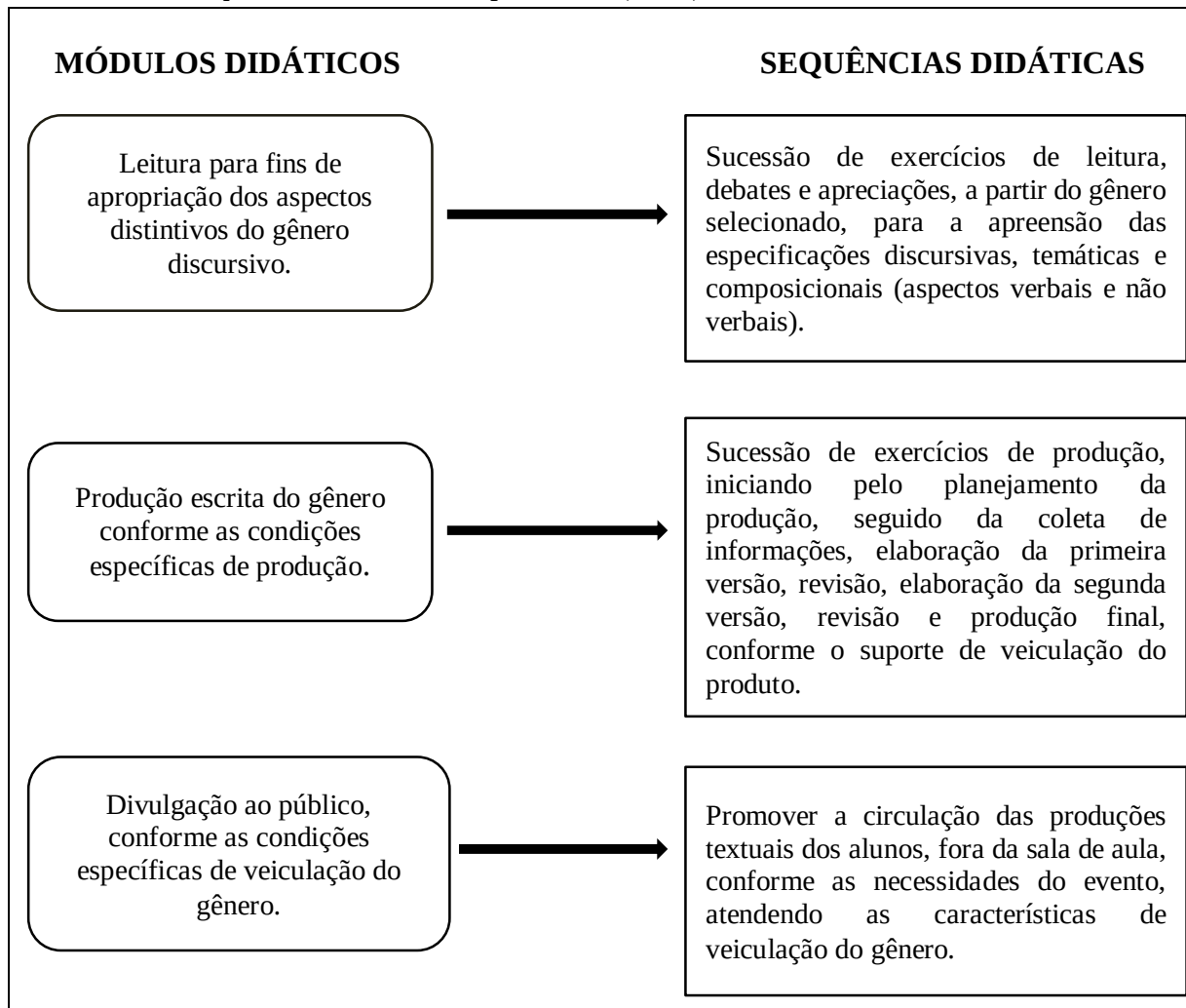
Partimos desse entendimento e, para efetuarmos nossa prática, escolhemos o modelo de SD proposto por Lopes-Rossi (2011), que apresenta orientações importantes direcionadas ao docente, no que diz respeito ao trabalho com projetos numa abordagem dos gêneros discursivos como objeto de ensino da escrita. Para isso, a autora menciona que o professor, diante desse processo, deve:

[...] criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Isso pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, **a sua produção escrita e circulação social**. (LOPES-ROSSI, 2011, p. 71. Grifo nosso).

Notamos que, nesse procedimento, o professor não é aquele que toma posse do conhecimento e o apresenta como mero transmissor de informações, mas aquele que, baseado no conhecimento, elabora estratégias que permitem ao educando construir o próprio entendimento e assim poder expressar-se com segurança e autonomia.

Para isso, as atividades sequenciadas de abordagem dos gêneros discursivos são sugeridas como estratégias didáticas que buscam a compreensão da funcionalidade social dos gêneros, através da leitura, da escrita e da veiculação do produto. Dessa forma, ao trabalhar essas habilidades, o professor ajusta sua prática pedagógica às necessidades do aluno, estruturando de maneira proativa, os objetivos a serem alcançados e o auxiliando positivamente, no processo de uma aprendizagem significativa.

Na utilização das sequências, o percurso metodológico é apresentado em módulos como podemos perceber na representação a seguir:

Quadro 13 – Sequência Didática – Lopes-Rossi (2011)

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Lopes-Rossi (2011).

Conforme verificamos, o módulo de leitura antecede o de escrita. É nesse primeiro módulo, sugerido por Lopes-Rossi (2011), que o aluno deve ser conduzido ao reconhecimento do gênero adotado para o projeto, através de debates, comentários, circunstâncias de produção e suporte de veiculação.

A autora considera indispensável, nesse processo, o contato do aluno com o suporte original que hospeda o gênero, bem como a importância de apresentá-lo apoiado em uma variedade de exemplos, para que possa, a partir da leitura, entender os fatores que compreendem as características discursivas, as razões de produção, o motivo de determinadas escolhas linguísticas, a preferência das informações, a escolha do assunto, os aspectos composicionais, a importância dos recursos verbais atrelados aos não verbais.

Ainda na perspectiva de Lopes-Rossi (2011), podemos inferir que, à medida que o aluno-leitor toma posse desse conhecimento, poderá realizar suas escolhas para melhor aplicá-las em suas produções. Mesmo que essa absorção aconteça gradativamente, reconhecer esse

processo é entender a relação dialógica da linguagem e o caráter histórico-social que o gênero discursivo selecionado apresenta. Tal entendimento também permite a compreensão do caráter parcial de estabilidade entre os gêneros, apresentados no discurso de Bakhtin (2000, p. 279) como “relativamente estáveis”.

Percebemos que o primeiro módulo funciona como uma estruturação e preparação para o módulo seguinte, que é o da produção escrita, e que esse resgate anterior comprova o efeito positivo que a leitura produz em relação à escrita.

No segundo módulo da SD, cabe ao professor construir o planejamento da produção, baseado em algumas considerações como a socialização, a permuta dos conhecimentos adquiridos, o fracionamento das tarefas, a interação dos alunos, através da divisão em grupos para a realização da primeira escrita que deve atender, sobretudo, ao caráter de funcionalidade social do gênero.

Sendo assim, professores e alunos, juntos, emitem julgamentos acerca da (in) viabilidade do gênero, avaliam a relevância do tema em função de critérios de progressão da idade e o grau equivalente de complexidade do gênero a ser trabalhado.

O professor exerce a função de regulador que conduz os momentos das atividades desenvolvidas, efetua a revisão e a correção participativa das produções textuais, profere comentários e coleta opiniões. Compete ao professor realizar o processo de intervenção, em relação à escolha dos recursos gramaticais exigidos pela escrita do gênero, direcionando os alunos para o processo de reescrita e revisão. Em seguida, cabe a ele direcioná-los para a elaboração da produção final, com adequação ao suporte de circulação.

O terceiro e último módulo é destinado à divulgação dos resultados, isto é, deve-se organizar um evento para propagação das produções que atenderá as especificidades de veiculação do gênero trabalhado, com a distribuição dos textos ao público.

Compreendemos, diante do exposto, a importância da organização de um projeto de escrita através das SD e o efeito positivo que ele pode resultar. A seguir, apresentaremos a proposta de intervenção, descrevendo os momentos da sequência didática e a divulgação.

4.7 Proposta de intervenção: os módulos didáticos

Após a análise das produções realizadas na atividade diagnóstica, percebemos que a proposta que o livro didático apresentou sobre a escrita do artigo de opinião foi válida, porém insuficiente para que os alunos se apropriassem das características discursivas e enunciativas do gênero, uma vez que o assunto foi tratado de forma vaga e resumida. Por esse motivo,

aplicamos a presente proposta de intervenção de trabalho, com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento da escrita do artigo de opinião, tomando o gênero discursivo como objeto de ensino.

Na visão de Lopes-Rossi (2011), os exercícios de leitura de gêneros discursivos não resultam, obrigatoriamente, em um produto escrito, porém a citada autora ressalta que uma associação entre essas duas práticas estabelecem melhor a compreensão das propriedades discursivas e linguísticas dos gêneros. Além disso, ela enfatiza que alguns gêneros são mais apropriados para o trabalho com a leitura, enquanto outros se adequam mais para a escrita, como é o caso do artigo de opinião.

Esclarecemos que, antes de trabalharmos com o módulo de escrita, seguimos a sugestão da pesquisadora em aplicar o módulo de leitura, e permanecemos com o tema “gravidez na adolescência”, sugerido na atividade inicial diagnóstica, por vivenciarmos casos recorrentes na escola, mais precisamente nas turmas de 9º ano. Diante disso, consideramos este trabalho como uma prática de ensino contextualizada, pelo fato de que o gênero foi trabalhado com função social de produção e circulação, a partir dos seus elementos constitutivos: estrutura, estilo e tema, conforme preconiza Bakhtin (2000).

A seguir, apresentamos como sucederam os quatro momentos deste primeiro módulo.

4.7.1 MÓDULO DIDÁTICO I: (Leitura para apropriação das características típicas do gênero discursivo artigo de opinião)

Este módulo foi desenvolvido em quatro momentos, descritos a seguir:

a) Primeiro Momento (duas aulas com duração de 50 minutos cada uma)

Em nossa primeira aula, apresentamos o projeto aos alunos, os quais se mostraram interessados em participar, porque o assunto polêmico “gravidez na adolescência” é bem recorrente no meio social em que eles estão inseridos; por exemplo, em 2017, constatamos quatro casos de adolescentes grávidas, e, em 2018, três casos. Salientamos que, em dois desses casos, as jovens desistiram dos estudos por enfrentarem problemas de saúde relacionados à gravidez.

A princípio, os estudantes foram informados de que a proposta implicaria na produção escrita de um artigo de opinião, que faria parte de um livro a ser construído, apresentado e apreciado pela comunidade escolar ao final do projeto. Após essas considerações, discutimos

sobre a importância da leitura e da escrita para a comunicação e participação no meio social e, sobretudo, enfatizamos a aplicação desse projeto pedagógico como meio de promover a interação e o reconhecimento do uso da língua nos diversos contextos sociais, uma vez que, ao realizarmos a atividade inicial diagnóstica, ouvimos de alguns educandos que eles não gostavam de ler, muito menos de escrever.

Em seguida, retomamos o conceito de gêneros discursivos, citamos alguns dos mais recorrentes na sociedade, como: poemas, notícias, reportagens, anúncios e relatórios, e aproveitamos a ocasião para abrir um debate sobre o gênero a ser trabalhado no projeto, discutindo, superficialmente, sobre os seus elementos constitutivos: estilo, estrutura composicional e conteúdo temático, de acordo com a perspectiva bakhtiniana.

Falamos sobre as circunstâncias de produção e de circulação do artigo de opinião, e preparamos algumas questões, com a finalidade de analisar o conhecimento pregresso dos educandos em relação a essas circunstâncias. Essas perguntas foram aplicadas na segunda aula, conforme demonstraremos a seguir.

Dando continuidade ao nosso trabalho, estabelecemos o contato físico entre os alunos, o gênero e o suporte; para isso, selecionamos o artigo de opinião “*Grávidas no contrafluxo*”, de autoria de Jairo Bouer, publicado no *blog* educacional do próprio autor, conforme Anexo F. Em seguida, reproduzimos e distribuímos os exemplares para cada educando, e pedimos que fizessem uma leitura silenciosa para responderem aos seguintes questionamentos, os quais foram realizados oralmente:

- a) *Quem escreveu esse texto que você está lendo?*
- b) *Ao ler o título, o que vocês esperam encontrar no decorrer do texto?*
- c) *A quem será que o autor direciona esse texto?*
- d) *Como será que ele obteve tanto assunto para escrever?*
- e) *Em que informações o autor se baseou para construí-lo?*
- f) *Quais os possíveis leitores desse gênero?*
- g) *Onde poderemos encontrar gêneros como esse?*
- h) *Qual o tema principal abordado nessa produção?*
- i) *Você acha que poderia emitir uma resposta a esse tema?*
- j) *Qual resposta daria?*
- k) *Qual a intenção do autor ao escrever o texto?*
- l) *Em que situações poderemos escrever um gênero como esse?*
- m) *Você acha que apenas as meninas devem ser instruídas em relação à gravidez precoce?*
Por quê?

- n) *Em relação à saúde de uma adolescente grávida, quais os possíveis riscos que ela pode correr?*
- o) *Em sua opinião, são apenas riscos à saúde que ela vai enfrentar? Que outros riscos ela pode enfrentar?*
- p) *Enfim, algum de vocês conhece o gênero do texto lido?*

Mediante a discussão das questões, pudemos constatar que boa parte da turma entendeu a temática de que tratava o texto e respondeu satisfatoriamente as questões mais simples, como: “Quem escreveu? A quem é direcionado? Qual o tema principal? Qual a intenção? Quais os riscos à saúde?”; porém, constatamos que a maioria dos alunos apresentou dificuldade em relacionar o título ao texto, pelo fato de não conhecer o significado da palavra “contrafluxo”. Observamos também que, para responder algumas alternativas como “j, l, p”, quase todos sentiram dificuldade em expressar as respostas.

No tocante ao reconhecimento do gênero, relacionado à alternativa “p”, apenas cinco alunos o reconheceram acertadamente, classificando-o como um artigo de opinião e justificando que o havia reconhecido pela semelhança composicional desse texto com o outro trabalhado na atividade inicial diagnóstica. O restante da turma não conseguiu realizar tal reconhecimento, de modo que quatro alunos classificaram o texto como sendo uma notícia, três como reportagem e os demais não opinaram.

Partimos do reconhecimento dessas dificuldades e, amparados nos estudos de Bakhtin, enfocamos os elementos constitutivos e enunciativos do artigo de opinião. Na sequência, instigamos um debate acerca da função social do gênero trabalhado, isto é, a divulgação da informação sob o ponto de vista do articulista, e exibimos o artigo no *site* em que havia sido publicado, para que os educandos percebessem o suporte em que o texto foi colocado em circulação; segundo Lopes-Rossi (2011), o contato com o suporte do gênero é fundamental para a compreensão organizacional do texto, compactuando com a ideia de Marcuschi (2008), que apresenta o suporte como espaço concreto, de forma específica para fixar determinado gênero.

Em seguida, solicitamos que os educandos realizassem uma pesquisa na *internet* sobre os principais suportes em que poderíamos encontrar o gênero em questão, e pedimos que eles trouxessem os resultados na aula seguinte, para discutirmos e darmos início às atividades do segundo momento, como evidenciamos a seguir.

b) Segundo Momento (três aulas com duração de 50 minutos cada uma)

Iniciamos a primeira aula do segundo momento solicitando os resultados das pesquisas, e constatamos que alguns alunos trouxeram, por escrito, os nomes de alguns suportes, como: revistas, jornais e *blogs*; outros nos surpreenderam, trazendo suportes físicos, a exemplo de revistas como: *Época*, *Isto É*, *Superinteressante* e alguns exemplares do *Jornal Correio da Paraíba*. Um deles encontrou o texto trabalhado na atividade oral, “Grávidas no contrafluxo”, em um livro didático do 9º ano, e aproveitamos esse dado para mostrar que um mesmo texto pode ser apresentado em suportes diferentes.

Outro fato que nos chamou a atenção foi o de que alguns interessados já buscavam nos suportes exemplos de artigos de opinião, na tentativa de reconhecimento do gênero; aproveitando esse interesse, pedimos que retomassem o texto “Grávidas no contrafluxo”, para discutirmos sobre a situação de produção, circulação e função social do gênero.

Como os alunos já haviam realizado a leitura silenciosa do artigo citado, solicitamos que formassem duplas e trocassem ideias a respeito do assunto, pois na aula seguinte responderiam as questões propostas no Anexo G, que foram elaboradas com base nos seguintes aspectos: questão polêmica de que trata o texto, o ponto de vista sobre o assunto, as pretensões do autor, o público a que se destina, o suporte de divulgação e a esfera de circulação.

Dessa maneira, conduzimos os educandos, a partir das questões trabalhadas, a diagnosticarem os elementos constitutivos do gênero, iniciando pela estrutura composicional. Nesse momento, eles puderam discutir sobre a importância da contextualização e da tese na elaboração da introdução, e notaram o vínculo estabelecido entre o título e a tese defendida.

Analisaram também o processo de apresentação da argumentação e/ou contra-argumentação, utilizado pelo articulista para defender e sustentar o seu ponto de vista, e constataram que, nessa parte, o autor pode recorrer a outras vozes para sustentar sua tese, como discorrem Rangel, Gagliardi e Amaral (2016) a respeito dos tipos de argumentos. Eles verificaram ainda que a conclusão é a parte final do texto, em que a tese é reassumida.

Paralelamente a esse estudo, os alunos observaram o estilo e os mecanismos linguísticos empregados no artigo, como os conectores e as expressões modalizadoras, além do conteúdo temático abordado e a relação deste com a estruturação dos parágrafos, percebendo que, à medida que o tema vai se desenvolvendo, a estrutura composicional do gênero vai acontecendo.

Na segunda aula, orientamos os educandos a responderem as questões apontadas anteriormente, a partir da leitura do artigo; quando a dupla encontrava dificuldades em respondê-las corretamente, nós realizávamos a leitura da questão e promovíamos uma discussão

sobre a pergunta, envolvendo toda a turma, para juntos redefinirmos a resposta de forma correta. Dessa forma, os alunos foram se apropriando das características funcionais do gênero, e assim encerramos a segunda aula.

Na terceira aula desse segundo momento, conduzimos os alunos à sala de vídeo da escola e usamos o *datashow* para exibirmos um documentário que abordou o tema “gravidez na adolescência”, do médico psiquiatra Jairo Bouer, o mesmo autor do artigo de opinião “Grávidas no contrafluxo”.

No documentário intitulado “Jairo Bouer afirma que a gravidez na adolescência é um problema de saúde pública”, trabalhamos dois dos aspectos identificados na diagnose: o primeiro relacionado ao conteúdo temático, principalmente à escassez de informação sobre o assunto, e o outro referente à construção de argumentação e contra-argumentação sobre a tese, uma vez que os educandos entenderam que o gênero artigo de opinião permite a busca de referenciação em outras vozes para sustentação do ponto de vista do autor.

No vídeo, o referido médico atesta que os casos de gravidezes precoces não estão relacionados à falta de informação, e argumenta que os jovens, hoje em dia, têm muito acesso às informações, só não as põem em prática. Paralelamente à opinião do especialista, uma contrariedade a esse argumento foi observada na fala de alguns alunos, durante as discussões promovidas em sala de aula, em que eles indicaram a falta de informação como um dos fatores relacionados aos casos de gravidezes em adolescentes.

Essa atividade de leitura acerca do vídeo foi realizada oralmente e ocorreu da seguinte maneira: os alunos assistiram ao vídeo, de apenas dois minutos e doze segundos de duração, e, em seguida, foi colocado na lousa um quadro com alguns questionamentos elaborados a partir das colocações feitas pelo psiquiatra, para que as duplas já formadas na atividade anterior expusessem suas posições sobre o assunto. Vejamos o quadro e os questionamentos:

Quadro 14 – Questionamentos sobre o assunto polêmico: gravidez na adolescência

QUESTIONAMENTOS	POSIÇÃO DOS ALUNOS
Considerar a gravidez na adolescência como um problema de saúde pública é acreditar que a prevenção desta compete aos setores da sociedade, como: família, escola, governo, dentre outros. Diante desse fato, você concorda que a gravidez precoce é um caso de saúde pública? Explique.	Dentre as respostas dadas, a maioria atribuiu os casos de gravidez precoce à falta de diálogo com os familiares, outros afirmaram que a escola deveria focalizar esse assunto durante as aulas de educação sexual, poucos colocaram o assunto como responsabilidade do governo.
Você acha que as adolescentes engravidam por falta de informação? Comente.	As respostas foram divididas: alguns responderam que sim e explicaram que as meninas mais novas e de classes menos favorecidas têm menos acesso às

	informações, outros disseram que não e alegaram que a causa seria a falta de conscientização das informações adquiridas.
A sua escola tem abordado esse tema nas aulas de educação sexual? Como?	Todos responderam que a abordagem do tema, quando feita, era de forma superficial.
Por que a maioria das adolescentes grávidas desiste de estudar?	As respostas foram variadas: problemas de saúde, vergonha dos colegas, falta de motivação.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Ao término da nossa discussão, percebemos que alguns alunos concordaram com a posição do médico, enquanto outros discordaram; entretanto, eles começavam a entender o tema “gravidez na adolescência” como fato social, bem como já iam formulando suas teses e demonstrando interesse em buscar mais informações para construção dos argumentos de sustentação. Aproveitamos o entusiasmo dos alunos e distribuimos mais um artigo: “Gravidez não planejada, um problema de saúde pública”, da ginecologista Carolina Sales, constante do Anexo H, o qual foi trabalhado no terceiro momento. Observamos, a seguir, como se sucedeu essa atividade.

c) Terceiro Momento (duas aulas com duração de 50 minutos cada uma)

Para a realização desta atividade, os alunos foram conduzidos à biblioteca da escola, em razão da organização do espaço, que dispõe de seis mesas redondas que acolheram cinco alunos em cada uma. Essa estruturação facilitou a discussão em grupo sobre os aspectos das condições de produção e de circulação dos gêneros, sugeridas por Lopes-Rossi a respeito das atividades de leitura, que “devem levar os alunos a perceber: a temática desenvolvida pelo gênero discursivo em questão; sua forma de organização (distribuição das informações) e sua composição geral [...]” (LOPES-ROSSI, 2011, p. 74). Tomando por base essa referência da autora, desenvolvemos as ações previstas para este momento.

Ressaltamos que foram utilizadas duas aulas para a conclusão dessa atividade, iniciando-se com a distribuição de cópias do texto “Gravidez não planejada, um problema de saúde pública”, de Carolina Sales. Na sequência, pedimos para que os alunos lessem o texto, individualmente; em seguida, sortearmos entre os grupos algumas questões referentes ao gênero artigo de opinião, lembrando que essas perguntas já haviam sido digitadas e elaboradas de acordo com os elementos constitutivos do gênero, teoricamente apresentados por Bakhtin e efetivamente baseadas em inadequações detectadas nas análises das produções iniciais.

Cada grupo recebeu duas questões aleatórias que foram elaboradas antecipadamente, obedecendo-se a um esquema para ordem de chamada dessas perguntas, as quais foram estruturadas de acordo com os elementos constitutivos do gênero: composição, estilo e conteúdo temático. Destacamos que algumas das referidas questões não foram delimitadas, devido ao elo que esses elementos apresentam, ou seja, encontraremos questões ligadas, ao mesmo tempo, à estrutura composicional, ao estilo e ao conteúdo temático.

À medida que as perguntas eram sorteadas e respondidas pelos educandos, discutíamos sobre a importância de cada elemento na construção do artigo de opinião, e, após essas colocações, os alunos questionavam, tiravam as dúvidas, concordavam e/ou contestavam as conclusões apresentadas pelos colegas.

Realizamos essa atividade oralmente, e, para melhor ilustrá-la, apresentamos o quadro a seguir:

Quadro 15 – Questões para apropriação dos elementos constitutivos do artigo de opinião

Qual o título do texto?
Qual o assunto a ser discutido? Há contextualização do tema polêmico?
Qual a tese defendida pela autora?
Quantos parágrafos há no texto?
Em qual(is) parágrafo(s) a autora apresenta a contextualização e a tese?
Apresente dois argumentos utilizados pela autora para sustentar seu ponto de vista sobre o assunto.
Em que parágrafo podemos encontrar a conclusão do texto? Como foi possível descobri-la?
No trecho “[...] uma vez que só 25% das jovens que engravidam continuam estudando”, o operador argumentativo “ <i>uma vez que</i> ” e o modalizador “ <i>só</i> ” apontam uma das maiores consequências para a adolescente que engravida. Apresente a causa e a consequência desse fato.
A autora lança mão de verbos, adjetivos e advérbios para processar a sua argumentação. Qual o propósito da autora ao usar a expressão destacada: “ <u>Por aqui</u> , os campeões são a pílula e o preservativo [...]”?
Que relação é apresentada pela autora entre o assunto polêmico discutido no texto e a temática “gravidez na adolescência”, a ser desenvolvida em nossa produção?
Para quem a autora se dirige ao apresentar a sugestão no final do texto?
A que gênero discursivo pertence o texto? Comente!

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Depois das discussões realizadas, entregamos aos alunos dois textos digitados: “Gravidez na adolescência: riscos e cuidados necessários”, do ginecologista Cláudio Basbaum, publicado no site “Minha Vida” (conforme Anexo I), e a reportagem “Números de adolescentes grávidas no Brasil cai 17% entre 2004 e 2015”, exibida no Jornal Folha de São Paulo, como

vemos no Anexo J. Em seguida, solicitamos que os educandos fizessem uma leitura prévia em casa, e, na aula seguinte, prosseguimos com as nossas atividades.

Acompanhemos como sucedeu este último momento do módulo de leitura.

d) Quarto Momento (duas aulas com duração de 50 minutos cada uma)

Para realizarmos esta atividade, a dividimos em duas partes: uma oral e uma escrita, e utilizamos dois gêneros distintos, porém da mesma esfera de circulação. É importante esclarecer que a nossa intenção não foi trabalhar os elementos constitutivos do gênero “reportagem”, mas fazer o educando reconhecer o artigo de opinião, mediante a semelhança com outros textos de cunho jornalístico, conforme declara Lopes-Rossi (2011, p. 75): “Uma sequência de atividades de leitura contribui para o desenvolvimento de habilidades de leitura dos alunos [...] e os prepara para a produção escrita no sentido de dotá-los dos conhecimentos, ainda que básicos, sobre o gênero”.

Dessa forma, em uma aula, organizamos um grande círculo na sala e discutimos sobre os elementos presentes nos dois textos, para que os educandos pudessem, a partir da comparação, identificar o artigo de opinião. Discorremos sobre a contextualização, elemento presente em três dos textos analisados nas produções iniciais, e resgatamos a importância da tese que, juntamente com a contextualização, deve compor o parágrafo introdutório do artigo de opinião, bem como deve determinar a escolha do título, que foi evidenciado em apenas uma das seis produções iniciais.

Mostramos que é fundamental situar os fatos, para que o leitor possa analisar se o problema é realmente de relevância social, e frisamos que, para uma boa contextualização, o articulista deve dominar o assunto. Explicamos, também, que a tese é a responsável pelo processo argumentativo; segundo Koch (2011, p. 18-19), essa discussão deve ser construída no sentido de levar “o auditório ou parte dele à adesão dos argumentos”. Assim, debatemos sobre a importância de uma discussão bem fundamentada, em defesa de um ponto de vista.

Nesse mesmo cenário de discussão, considerando a escassez e complexidade de argumentos colocados nas produções iniciais, enfocamos a seriedade de uma argumentação e/ou uma contra-argumentação sustentadas em leituras, pesquisas e evidências, e aproveitamos para destacar os efeitos de sentido que ambas as ações podem causar, quando bem alicerçadas. Encerramos as considerações e continuamos a discussão na aula seguinte.

Na segunda aula, pedimos que os alunos refizessem o círculo e retomamos as discussões. Na sequência, debatemos sobre as escolhas vocabulares usadas na introdução das

opiniões e sobre as avaliações em torno da questão polêmica; também identificamos alguns mecanismos linguísticos utilizados no texto de Cláudio Basbaum, e instigamos os alunos a descobrirem os meios que o autor buscou para desenvolver a temática e a construção da argumentação.

Ainda refletindo sobre a apropriação dos elementos constitutivos do gênero, trouxemos a importância de se propor sugestões para o problema, tomar uma posição, fazer uma constatação na conclusão do texto, tendo em vista que as produções iniciais apresentaram conclusões de forma embrionária.

Finalizamos essa parte oral com a seguinte pergunta, encontrada no roteiro de estudo, (Anexo K), e colocada neste momento apenas como uma reflexão: “Os dois textos pertencem a mesma esfera. Mediante essa informação, eles pertencem ao mesmo gênero?” Pedimos que os alunos não respondessem imediatamente a pergunta e entregamos o roteiro elaborado para a comparação dos dois textos. Em seguida, solicitamos que trouxessem as respostas na aula posterior, em que iniciamos as atividades da produção escrita do gênero.

4.7.2 MÓDULO DIDÁTICO II: (Produção escrita do gênero)

Segundo Lopes-Rossi (2011, p. 75), “a organização composicional típica do gênero a ser produzido e as condições que determinam sua produção e circulação são dois níveis de conhecimento básicos ao domínio da escrita de textos [...]”. Na perspectiva da autora, a apreensão desse conhecimento conduz o aluno a pesquisar e a escolher as informações para, em seguida, estruturá-las por escrito. Quanto ao professor, a ele compete:

[...] criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Isso pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, **a sua produção escrita e circulação social.** (LOPES-ROSSI, 2011, p. 71. Grifo nosso).

Diante dessa perspectiva, ao efetuarmos um trabalho a partir dos gêneros discursivos, devemos envolver os alunos em todas as atividades elaboradas, para que eles participem de todas as ações promovidas e assim possam se apropriar das características típicas de produção e circulação do gênero selecionado. Partindo desse pressuposto, apresentamos como se desenvolveram os seis momentos da produção escrita.

a) Primeiro Momento (uma aula com duração de 50 minutos)

Antes de iniciarmos as atividades deste momento, recolhemos os roteiros de estudo que encerraram o módulo de leitura e tecemos, oralmente, breves considerações sobre o assunto, em virtude de já termos explorado, detalhadamente, na etapa anterior.

Chegamos ao primeiro momento dedicado às produções e dividimos a sala em seis grupos de cinco alunos, conforme agimos em algumas ações do módulo de leitura. Dessa forma, corroboramos a visão bakhtiniana de classificar o artigo de opinião na ordem dos gêneros secundários em relação à sua complexidade. O procedimento da formação dos grupos propiciou a troca de informações, o diálogo e a organização das tarefas, e segundo Lopes-Rossi (2011) essa ação favorece a interação, facilitando assim o desenvolvimento das ideias.

Em seguida, instrumentalizamos os estudantes para a produção dos artigos de opinião e orientamos que eles construíssem os textos sobre o mesmo assunto polêmico trabalhado na produção inicial, pedindo também para que eles procurassem seguir os elementos constitutivos do gênero, trabalhados anteriormente em sala: composição, estilo e tema, de acordo com Bakhtin (2000).

b) Segundo Momento (duas aulas com duração de 50 minutos cada uma)

Distribuímos as folhas em branco e pedimos que iniciassem as construções. Para essa produção, os educandos puderam consultar uma tabela que foi afixada na lousa da sala de aula, com alguns elementos norteadores da produção argumentativa, os quais serviram de encaminhamento para a construção do artigo de opinião. Vejamos:

Quadro 16 – Questões norteadoras para a produção escrita do artigo de opinião

O QUÊ?	O que devo escrever?
PARA QUEM?	Para quem vou escrever?
CONTEXTUALIZAÇÃO	Iniciei o texto situando a questão polêmica?
TESE	Especifiquei o meu ponto de vista?
ARGUMENTAÇÃO	Apresentei mais de um argumento para sustentar meu ponto de vista? Utilizei argumentos variados? Observei uma posição contrária e contestei?
CONCLUSÃO	Apresentei uma solução para o problema?
CONTEÚDO TEMÁTICO	Adquiri informações necessárias para construção do meu texto?
COESÃO/COERÊNCIA	Evitei repetição desnecessária das palavras?

	Recorri aos organizadores textuais discutidos no módulo de leitura?
ACENTUAÇÃO, ORTOGRAFIA E PONTUAÇÃO	Utilizei as regras de acentuação, ortografia e pontuação?

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Nesse estágio do módulo, os alunos puderam colocar em prática o que haviam aprendido sobre o gênero, demonstrando a preocupação em organizar a paragrafação e colocar um título nas produções, tendo em vista que a maioria dos textos escritos por eles não traziam esses elementos.

Notamos que a maioria dos educandos recorria aos dados obtidos nas leituras e discussões anteriores e realizavam suas produções, mobilizando os conhecimentos adquiridos e organizando suas ideias; contudo, percebemos que alguns se mostravam tímidos em colocar seu ponto de vista e apresentar as informações assimiladas sobre o assunto. Diante desse fato, procuramos intervir, explicando para os educandos que todos os textos seriam válidos, que a escrita era processual e que eles iriam adquirindo essa habilidade de acordo com a execução das atividades dirigidas e sequenciadas.

Essa ideia de escrita como processo é defendida por Koch e Elias (2006, p. 37) como resultante de uma “ativação de conhecimentos”, baseada no conhecimento linguístico, na compreensão de mundo e no conhecimento de textos, que englobam os elementos constitutivos e a circulação das produções. Nesse sentido, esclarecemos que a escrita é produto das nossas vivências; ainda assim, ouvimos de alguns alunos comentários acerca do receio da divulgação dos textos sem a devida revisão. Aproveitamos e explicamos que os artigos não seriam divulgados sem a revisão colaborativa e sem a nossa monitoração.

Eles se sentiram motivados e continuaram a escrever. Ao terminarem as produções, coletamos os textos e nos organizamos para realizar a correção colaborativa da primeira versão dos artigos, atividade que ocorreu no terceiro momento, como demonstramos a seguir.

c) Terceiro Momento (duas aulas com duração de 50 minutos cada uma)

Iniciamos a primeira aula com a revisão e a correção coletiva dos textos produzidos, e, juntamente com a turma, analisamos as ocorrências que julgamos inadequadas, trocamos ideias em torno do acréscimo e/ou retirada de informações, organizamos as expressões que se encontravam desordenadas e nos habilitamos na intervenção de outros aspectos mais

aprofundados, no tocante ao domínio e função da escrita, considerando a relevância e a recorrência das dificuldades.

Diante da incidência de palavras escritas e acentuadas incorretamente, bem como da falta de pontuação na grande maioria dos textos, nos amparamos em Lopes-Rossi e elaboramos uma atividade que foi aplicada na segunda aula, a qual abordava os problemas de acentuação, ortografia e pontuação, conforme Anexo L. Segundo a referida autora: “A intervenção do professor em outros níveis de domínio da escrita - o gramatical, de organização de parágrafos, de coesão textual, de adequação vocabular - é prevista nesta fase” (LOPES-ROSSI, 2011, p. 77).

Salientamos que foram digitados alguns trechos das produções diagnósticas dos alunos que continham inadequações recorrentes, referentes à acentuação, ortografia e pontuação, para serem trabalhados em conjunto com a turma. Esclarecemos, ainda, que nos textos não havia a identificação do autor. Esse procedimento também é defendido por Lopes-Rossi (2011), quando a autora sugere que as dificuldades gramaticais dos alunos podem ser selecionadas e usadas em exercícios de análise linguística em outras aulas.

Evidenciamos que os alunos colaboraram com essa atividade, atenderam ao propósito de respeitar o trabalho um do outro e focalizaram, apenas, nas deficiências encontradas nas produções. Com essa atitude, eles demonstraram uma forma de preparação e maturidade que antecedeu a escrita da segunda versão.

d) Quarto Momento (três aulas com duração de 50 minutos cada uma)

Destinamos uma aula à produção da segunda versão dos artigos, e foi durante essa etapa que os educandos verificaram as adaptações que deveriam ser feitas, tomando por base a correção colaborativa que realizamos.

Em relação a essa etapa, notamos que aproximadamente metade da turma se sentia desmotivada para realizar os ajustes; ao conversarmos com esses alunos, identificamos que eles estavam com dificuldades para construir a argumentação, bem como para estabelecer uma conexão harmônica entre as ideias e os parágrafos. Por esse motivo, na aula posterior trouxemos mais um texto, intitulado “Índice de gravidez na adolescência no Brasil é um dos mais altos do mundo”, publicado no *site* “Papo de Mãe”. Esse texto traz a visão da *coach* familiar Valéria Ribeiro (constante do Anexo M) para se trabalhar o aspecto da argumentatividade e dos elementos de coesão, e estava acompanhado de um roteiro de estudo, presente no Anexo N.

Compreendemos que esses educandos não se mostravam confiantes em relação ao que deveriam expressar; segundo Antunes (2003), o processo de registro escrito que corresponde à transcrição da ideia para o papel consiste em atentar para o processo funcional da escrita e não apenas utilizar os elementos gramaticais. Sendo assim, considerando a função do artigo de opinião, concordamos com Rojo (2000, p. 226) quando a autora escreve que: “[...] é um gênero que busca convencer o outro de determinada ideia, por meio de um processo de argumentação em defesa de um ponto de vista do produtor”. Nesse sentido, buscamos trabalhar tais dificuldades, ainda demonstradas pelos alunos.

Na segunda aula, distribuímos os textos e solicitamos a um aluno que realizasse a leitura em voz alta; na sequência, desenhamos uma tabela na lousa para inserirmos os argumentos identificados no texto e relembramos a importância de embasar a argumentação em pesquisas, dados estatísticos, vozes de autoridades, e também a importância do uso dos articuladores argumentativos. Por fim, chamamos a atenção deles para a importância da contra-argumentação como uma das estratégias usadas pelo articulista ao refutar teses contrárias ao seu posicionamento. Encerramos esta aula com a discussão sobre as questões do roteiro de estudo.

Na terceira aula, retomamos a escrita da segunda versão dos artigos e notamos que houve um progresso por parte dos alunos, uma vez que eles conseguiram finalizar os seus textos.

e) Quinto Momento (duas aulas com duração de 50 minutos cada uma)

Este momento foi dedicado à correção colaborativa da segunda versão, em que os alunos fizeram mais alguns ajustes na escrita e, juntos, conferimos as colocações das sugestões dadas na primeira revisão colaborativa, bem como descartamos o que achamos desnecessário. Percebemos, também, que os alunos acrescentaram novas informações e combinaram títulos para as produções, bem como buscaram adequar, entre eles, as conclusões dos artigos.

Após essas correções, constatamos que alguns alunos necessitavam de uma terceira reescrita, como sugere Lopes-Rossi (2011, p. 77): “Para alguns alunos, uma terceira refacção pode ser recomendada”. E assim iniciamos o processo de reescrita dos textos; segundo Antunes (2003), é o momento da revisão que permite ao educando ratificar ou retificar os propósitos idealizados, observar a correspondência entre o texto e o contexto e fazer uma releitura dos elementos linguísticos. Dessa forma, finalizamos esta etapa atentando para as postulações da referida autora.

f) Sexto Momento (duas aulas com duração de 50 minutos cada uma)

Posteriormente à escrita da terceira versão dos artigos, atingimos o sexto e último momento do Módulo II. Durante a primeira aula, recolhemos os textos, revisamos pela última vez e pedimos para que os alunos reescrevessem a versão final, considerando o que Bakhtin evidencia sobre os gêneros discursivos ao defini-los como a concretização daquilo que ocorre nas situações de comunicação verbal. Desse modo, observamos que os ajustes haviam sido realizados e encaminhamos os textos para a digitação, tendo em vista que as produções fariam parte de um livro que se encontra no Anexo O, a ser entregue a cada aluno-participante, ao final do projeto.

Solicitamos que os educandos que tivessem habilidade para desenhar produzissem ilustrações referentes à temática da produção, para compor a capa do livro, e pedimos que as trouxessem na aula seguinte, para escolhermos uma através de votação. Pedimos também que elaborassem um título para a obra e, assim, finalizamos as atividades previstas para esta aula.

Na segunda aula, resolvemos algumas pendências referentes a três alunos que não haviam concluído os textos da terceira versão e recolhemos os desenhos solicitados. Destacamos que três modelos foram entregues para a votação e selecionamos o que se encontra na capa do referido exemplar. Nesse momento também definimos o título do volume: *Gravidez na adolescência: o começo e o... fim*, e questionamos a turma quanto ao significado do título; em resposta, o aluno que o elaborou proferiu a seguinte explicação: “É o começo de uma vida e o fim de uma liberdade”.

Seguimos com a entrega das produções iniciais a todos os participantes, para que eles pudessem comparar e julgar os avanços na escrita e no entendimento do gênero que produziram. Ao fazer as comparações, eles se sentiram realizados. Percebemos um grau de satisfação, principalmente, nos alunos que demonstraram mais dificuldades de entendimento e organização das ideias no início da aplicação das atividades.

E assim, com os artigos todos digitados, acrescentamos a arte da capa e enviamos o material à gráfica para a impressão de um livro, conforme já mencionamos. Descrevemos, em seguida, como ocorreu a divulgação das produções dos textos escritos pelos alunos do 9º ano A, dispostos em um livro de artigos de opinião.

4.7.3 MÓDULO DIDÁTICO III: (Divulgação do produto ao público)

Voltamos à escola e organizamos o espaço para a realização do evento, que ocorreu da seguinte maneira: na biblioteca, expomos um painel da temática “gravidez na adolescência”; organizamos a composição da mesa, formada pelos diretores, por um representante dos professores e por um representante dos alunos; dispomos outra mesa com o painel temático “Tarde de Autógrafos”, para que os alunos-produtores autografassem o nosso livro; por fim, abrimos o evento ao público e a toda a comunidade escolar e da circunvizinhança.

Justificamos a escolha desse espaço físico pelo fato de o considerarmos ideal para acolher o nosso suporte de circulação. Demos início ao evento com a apresentação de uma peça de teatro de instalação¹¹, contando com a participação de quatro alunos que interpretaram a produção do gênero artigo de opinião, posicionados atrás de cortinas coloridas. A cena foi disposta da seguinte maneira: o primeiro educando apresentou a introdução; o segundo e o terceiro apresentaram a argumentação e, o quarto, a conclusão. A cena foi finalizada com o grupo saindo de trás das cortinas e, juntamente com a participação do restante dos alunos da turma, que estava na plateia, pronunciaram em voz alta o título do livro: *Gravidez na adolescência: o começo e o... fim*.

Em seguida, abrimos espaço para as considerações dos educandos sobre o projeto e, nessa ocasião, eles puderam compartilhar a vivência, as dificuldades e as superações adquiridas durante a execução da pesquisa, bem como expressaram a satisfação pelos resultados alcançados. Também contamos com a participação de alguns pais e responsáveis, os quais expressaram a importância de trabalhos como este na vida do adolescente. Aproveitamos o cenário de retribuição pelos resultados atingidos para compactuarmos com Lopes-Rossi, quando a autora afirma que esse momento:

É uma etapa de grande satisfação para todos os envolvidos no projeto. Sentimentos como emoção e orgulho encerram um processo que, certamente, contribuiu muito para o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos e para a ampliação de seu conhecimento de mundo. (LOPES-ROSSI, 2011, p. 78).

¹¹ O termo instalação é incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, e diz respeito a uma manifestação artística composta por elementos organizados em um ambiente para apresentação de determinada cena. Para apreensão da obra é preciso percorrer suas dobras e aberturas, construídas por meio da disposição de peças, cores e objetos (Enciclopédia Itaú Cultural, 2015).

Assim, entusiasmados com a contribuição da nossa proposta pedagógica, finalizamos os módulos didáticos, entregando a cada aluno um exemplar do livro que patrocinamos, com as respectivas produções, e encerramos o evento com um coquetel servido a todos os participantes e familiares que participaram da ocasião. Dessa forma, seguimos motivados para desenvolvermos novas propostas e enfrentarmos novos desafios que poderão surgir no decorrer do nosso trabalho docente.

Para demonstrarmos os resultados da aplicação da proposta de trabalho com o gênero artigo de opinião, apresentamos, no capítulo seguinte, as comparações entre as produções iniciais e finais dos textos produzidos pelos educandos do 9º ano A.

5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE PRODUÇÕES INICIAIS E PRODUÇÕES FINAIS

Neste capítulo, analisamos a produção final em comparação à produção inicial, com a intenção de conferir se a aplicação da proposta de intervenção gerou mudanças nas dificuldades identificadas nas produções iniciais, e se os educandos conseguiram progredir em relação a essas dificuldades.

Para ilustrarmos as análises da Produção Final, digitalizamos os artigos, assim como na Produção Inicial (PI), e utilizamos a mesma sequência numérica, ordenada da mesma forma, de 1 (um) a 6 (seis), empregando a sigla PF ao nos referirmos à Produção Final. Para demonstrarmos esse procedimento de comparação entre as duas versões, expomos os textos iniciais e finais, lembrando que tecemos as observações pertinentes, seguindo a mesma categoria de análise das produções iniciais, quanto à composição - título, introdução, argumentação e conclusão; quanto ao estilo - coesão, acentuação, ortografia, pontuação - e quanto ao conteúdo temático. Vejamos, agora, como sucedeu a primeira análise comparativa.

Quadro 17 – Análise Comparativa - PI-1

Eu acho que a mulher tem que ter filho quando já tiver madura e souber criar uma criança porque se ela não souber criar uma criança, ele pode adoecer ou algo pior. Uma mãe tem que ter muita responsabilidade com os filhos tipo dar banho, levar a escola etc. As mulheres tem que entender que não é muito bom ter filhos muito novas elas tem que amadurecer ter experiência e com a pessoa certa ter um filho(a). A gravidez tem que ser muito bem cuidada porque a mulher fica muito sensível e quando o bebê vier ao mundo ele tem que ser bem cuidado. As crianças tem que ser bem cuidadas pelos professores e diretores da escola.

Quadro 18 – Análise Comparativa - PF-1

GÊNERO DISCURSIVO: ARTIGO DE OPINIÃO

TEMA: GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

PRODUÇÃO FINAL

Gravidez na adolescência é e agora?

Os casos de gravidez na adolescência vêm se agravando mais nos últimos anos e isso nos permite entender que as mulheres estão se tornando mães muito cedo, muitas vezes sem prática nenhuma para lidar de um filho.

De acordo com a pesquisa Saude Brasil, do Ministério da Saúde, divulgada em 2017, o número de bebês nascidos de mães adolescentes no Brasil teve uma queda de 11% entre 2004 e 2015, porém ainda vemos um grande número de meninas grávidas na sociedade e o que nos preocupa é que a maioria delas não planejou ou desejou ter um filho nesta fase.

Provavelmente, tanto as meninas como os meninos têm acesso às informações de prevenção, o problema é que não utilizam na hora que é necessário e acabam sofrendo as consequências. Para as mães, os problemas de saúde, e as disfunções familiares são os mais comuns e para os bebês, a malformação, a desnutrição e o nascimento antes dos nove meses, são os que mais prejudicam.

Alguns especialistas afirmam que, quando a escola passa mais explicações e ações de formação em Educação Sexual, há mais chance de diminuição desses casos, já se sabe que, antes da escola, deve vir a conversa com a

família e a escola como complemento dessas informações.

Então, se todos agirem com responsabilidade, a família fazendo o papel de orientação, a escola com a educação sexual, a saúde com a distribuição de métodos preventivos e os jovens seguindo os conselhos dados, quem sabe, vamos reduzir esses casos de gravidez antes do tempo.

a) Quanto aos aspectos composicionais:

Segundo Beltrão (1980, p. 65), “o artigo, cujas características quanto à topicalidade, estilo e natureza são idênticas às do editorial, e cuja estrutura (título, introdução, discussão/argumentação e conclusão) é também semelhante [...]”. Ainda tomando por base o referido autor, o parágrafo introdutório deve apresentar a contextualização seguida da tese.

Verificamos que na PF-1, diferentemente da PI-1, o aluno estrutura o parágrafo introdutório corroborando Beltrão, quando apresenta, inicialmente, que: “Os casos de gravidez na adolescência vêm se agravando mais nos últimos anos [...]”. Mesmo não indicando o espaço dessa ocorrência, ele demonstrou um avanço em relação ao entendimento de situar o leitor antes de expor o seu ponto de vista, que também foi reestruturado, como podemos observar no trecho: “[...] isso nos permite entender que as mulheres estão se tornando mães muito cedo, sem prática nenhuma para cuidar de um filho”. Além disso, o produtor do texto elaborou um título para o artigo.

Percebemos, também, um progresso em relação ao processo argumentativo que compõe o gênero, considerado por Beltrão como a parte mais importante da produção, em que “se interpreta, analisa, debate os diferentes aspectos do tema” (BELTRÃO, 1980, p. 59). Nessa parte, por exemplo, o aluno traz dados estatísticos apresentados pelo Ministério da Saúde para mostrar a queda de casos de gravidezes na adolescência, que, para o referido aluno, não parece tão significativa diante da realidade apresentada, conforme evidenciamos no trecho: “[...] porém ainda vemos um grande número de meninas grávidas na sociedade [...]”.

Ainda na construção da discussão, o aluno-produtor traz um argumento que não identificamos, de forma clara, na PI-1, explicado por Rangel, Gagliardi e Amaral (2016, p. 116) como sendo de causa e consequência, em que “a tese ou conclusão, é aceita justamente por ser uma causa ou consequência dos dados”. Dessa maneira, o aluno lista uma série de implicações - problemas de saúde para as mães, desavenças familiares, malformação dos bebês, desnutrição e nascimento antes dos nove meses - como consequências da falta de prevenção de uma gravidez precoce.

Notamos que ele encerra seu processo argumentativo utilizando um argumento de autoridade, com a seguinte colocação: “Especialistas afirmam que, quando a escola promove explicações [...] há mais chance de diminuição desses casos [...]”; o aluno igualmente contra-argumenta, mostrando que antes da escola vem a família, como podemos comprovar no trecho: “[...] já eu acho que antes da escola, deve vir a conversa com a família [...], procedimento que também não foi evidenciado na PI-1.

Por fim, apresentamos a conclusão, elemento que foi distanciado do tema na PI; na PF, o aluno apresentou uma proposta de solução, sugerindo o que deve ser feito pelos responsáveis de cada setor, como também estruturou todo o texto em parágrafos, facilitando o processo de análise dos aspectos composicionais. Encerramos a comparação de análise da construção composicional, que, segundo os PCN (BRASIL, 1998, p. 21), é a “estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero.” Seguimos, agora, com as observações do estilo.

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Podemos comprovar na PF-1 que houve uma evolução em relação ao uso dos elementos de coesão não utilizados na PI-1; por exemplo, quando o aluno emprega o pronome “isso” no fragmento: “Os casos de gravidez na adolescência vêm se agravando mais nos últimos anos e isso nos permite entender [...]”. Nesse exemplo, o educando retoma a expressão anterior e evita a repetição desnecessária das palavras, demonstrando o que Bakhtin (2000, p. 284) considera sobre esse elemento constitutivo: “O estilo entra como elemento na unidade do gênero de um enunciado.” Sendo assim, a técnica de retomada usada pelo aluno demonstrou um avanço significativo em relação à PI, que apresentou muitas repetições.

Notamos também a colocação de elementos sequenciais na introdução dos parágrafos; por exemplo, a presença do advérbio modalizador do discurso argumentativo: “Provavelmente, tanto as meninas como os meninos [...]”, como também a presença do conectivo indicador do parágrafo de conclusão: “Enfim, se todos agirem com responsabilidade [...]”. É importante ressaltarmos que esses elementos não foram detectados na PI-1, mas foram inseridos na produção final.

Em relação à falta da acentuação do verbo *ter*, quando usado no plural, pudemos perceber que foi solucionada na PF-1, quando o aluno expressa: “[...] tanto os meninos como as meninas têm acesso às informações de prevenção [...]”; ao nos referirmos ao monossílabo “já”, o aluno também se apropriou da regra traçada por Bechara (2007, p. 106), que diz: “Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em - a; as”, acentuando o vocábulo corretamente no trecho: “[...] já eu acho que [...]”.

Observamos, em relação à ortografia, que o educando aboliu da PF as palavras identificadas com inadequações na PI. E, quanto ao uso da vírgula, o aluno empregou o referido sinal corretamente na separação dos termos coordenados da oração, como vemos no trecho da reescrita: “[...] se todos agirem com responsabilidade, a família fazendo o papel [...]”. O aluno também fez uso do ponto final para separar as partes estruturais do artigo de opinião, fato que resultou em duas inadequações observadas na PI-1 e que foram sanadas na PF-1. Findamos essa etapa e passamos à análise comparativa do conteúdo temático.

c) Quanto ao conteúdo temático:

Constatamos uma melhoria na PF em relação à PI quanto ao desenvolvimento do conteúdo temático, elemento que, segundo a concepção bakhtiniana:

O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao seu devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 134).

Inferimos assim que, nessa última versão, o aluno trouxe uma gama de informações como fruto de pesquisas, discussões e leituras, que ajudaram na ampliação do conhecimento sobre o assunto polêmico, mostrando os aspectos negativos que uma gravidez precoce pode acarretar para a mãe e para o filho, bem como revelou a sua preocupação em relação ao fato, construindo um texto de acordo com a perspectiva bakhtiniana de mostrar através de estatísticas, exemplos reais e materializados no gênero, com o objetivo de convencer o leitor sobre o ponto de vista apresentado.

Finalizamos essa comparação e procedemos com a segunda análise comparativa.

Quadro 19 – Análise Comparativa - PI-2

A gravidez na adolescência, é um fato comum hoje em dia que ~~cria~~ cria problemas ~~em~~ emocionais familiares e físicos que pode chegar ao ponto que a adolescente aborta a criança ~~em~~ ~~tudo~~.

O número de gravidezes na adolescência ^{aumenta} ~~aumenta~~ e a população ^{está} ~~está~~ aumentando com esse número exorbitante, no mundo o maior número de gravidezes e os números ~~estão~~ ^{estão} aumentando.

Quadro 20 – Análise Comparativa - PF-2

GÊNERO DISCURSIVO: ARTIGO DE OPINIÃO

TEMA: GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

PRODUÇÃO FINAL

Os conflitos da gravidez precoce

No Brasil, o número de adolescentes que engravidam entre 15 e 14 anos é um assunto que tem um forte impacto em nossa sociedade, pois sabemos que a maioria dessas gravidezes ou não foram planejadas ou não seriam frutos de violência sexual.

Algumas pesquisas apontam que, anualmente, mais de um milhão de adolescentes ao redor do mundo dão à luz antes de completarem 15 anos. Sem dúvidas, o número de gravidez precoce é alto e cada vez maior, a idade para as mulheres engravidarem vem caindo. Mesmo com tantas coisas, é um problema considerado pela maioria das pessoas como uma realidade que nunca vai ser atingida e, assim, continuam a praticar as relações sexuais sem nenhuma proteção.

Isso provoca uma série de problemas para a mãe, como o aumento das chances de parto prematuro, doenças hipertensivas na gestação e anemia gestacional.

Muitas famílias já estão trabalhando com seus filhos em relação à gravidez precoce, alertando sobre as consequências desse ato impensado e algumas manifestações populares, também estão realizando projetos nas comunidades para ajudar as jovens a não começar a vida sexual tão cedo.

Enfim, o momento de uma criança deve ser planejado e para isso, a família e a escola têm um papel muito importante na formação do pensamento dessas jovens imaturas, não apenas para prevenir a gravidez antes do tempo, mas para mostrar que haverá o momento certo para tomar as decisões.

a) Quanto aos aspectos composicionais:

Sobre esta primeira categoria que utilizamos para analisar os artigos, as autoras Koch e Elias (2006, p. 109) observam que “do ponto de vista da composição dos gêneros, deve-se levar em conta a forma de organização, a distribuição das informações e os elementos não verbais [...]”. Tomando por base esse conceito, reconhecemos que houve um aperfeiçoamento na

construção do parágrafo de introdução, uma vez que o aluno enriqueceu a contextualização sinalizada na PI, situando o fato polêmico em uma determinada conjuntura, como podemos presenciar no trecho: “No Brasil, o número de adolescentes que engravidam entre 15 e 17 anos [...]”. Ainda na introdução, o educando apresenta o seu ponto de vista sobre o fato, argumentando que este é um assunto impactante, e acrescenta que a maioria das gravidezes não foi planejada ou é fruto de violência sexual; outrossim, é possível constatar que ele elabora um título para o artigo, elemento não colocado na PI.

Em se tratando do segundo parágrafo, notamos uma melhoria na apresentação dos argumentos, pois o aluno reforçou os dados apresentados na introdução, trazendo resultados apontados em pesquisas: “Algumas pesquisas apontam que, anualmente, dois milhões de adolescentes ao redor do mundo dão à luz antes de completarem quinze anos”. Embora tenhamos percebido que não houve identificação dessas pesquisas e que ele não estabeleceu uma comparação entre os percentuais apresentados no mundo e no nosso país, avaliamos que a evolução aconteceu, pois essa tentativa não foi identificada na PI.

Constatamos ainda que o aluno lança mão de um argumento de causa e consequência, não encontrado na PI. Dessa forma, ele mostra que, mesmo com a incidência desses casos de gravidez na adolescência, a maioria das jovens não costuma se prevenir durante as relações sexuais e isso traz consequências, como fica evidenciado no seguinte trecho: “Isso provoca uma fração de problemas para a mãe, como o aumento dos riscos de parto prematuro, doenças hipertensivas na gestação e anemia gestacional”.

De acordo com Beltrão (1980), a conclusão é a parte em que o leitor é convidado a aceitar o ponto de vista do articulista; portanto, ao compararmos as conclusões da PI-2 e da PF-2, inferimos que o aluno assumiu uma posição não detectada na PI, ao afirmar: “Enfim, o nascimento de uma criança deve ser programado [...]”, acompanhada da proposta de solução: “[...] a família e a escola têm um papel muito importante na formação do pensamento desses jovens imaturos [...] para mostrar que haverá o momento certo para tomar essa decisão”. Além disso, ele demarcou os parágrafos e, com a realização desse procedimento, facilitou a construção do sentido do texto, artifício não encontrado na PI. Concluímos esta seção e, na sequência, exibimos a análise comparativa do estilo.

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Ao compararmos a PF com a PI, percebemos que houve um avanço em relação à colocação dos elementos de coesão, ação que evitou a repetição desnecessária das palavras, como o uso da forma pronominal “las” para substituir o termo “jovens”, no trecho: “[...] é um problema considerado pela maioria das jovens como uma realidade que nunca vai atingi-las

[...]”. Outro exemplo de apropriação desse recurso destaca-se no uso de “para isso”, quando o educando utiliza a locução para retomar a expressão anterior, como podemos observar: “[...] o nascimento de uma criança deve ser programado e para isso, a família e a escola têm um papel muito importante na formação do pensamento desses jovens imaturos [...]”.

Diante dessa reação, entendemos a perspectiva bakhtiniana sobre a importância de se trabalhar a língua através do gênero discursivo, pois eles “organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero [...]” (BAKHTIN, 2000, p. 302).

Como já mencionamos no decorrer da nossa pesquisa, o artigo de opinião ajusta-se a uma linguagem mais elaborada e essa apropriação do conhecimento, por parte do educando, permitiu que ele percebesse a importância de se utilizar as locuções adverbiais modalizadoras, trabalhadas nas atividades da sequência, inserindo-as no seu discurso, como no excerto: “Sem dúvidas, o número de gravidez precoce é alto [...]”; além disso, notamos o uso do conector “enfim” na introdução do parágrafo conclusivo, procedimentos não revelados na PI.

No tocante à acentuação, também foi perceptível as mudanças positivas, como a colocação dos acentos nas palavras proparoxítonas, a exemplo do vocábulo “número”, não acentuado na PI, e a acentuação do “e” para diferenciar o emprego dessa palavra como verbo e como conectivo em: “[...] o número de adolescentes que engravidam entre 15 e 17 anos é um assunto que tem um forte impacto [...]”. Atentamos ainda para a correção ortográfica das palavras “gravidez e adolescência”, mostrando que o educando superou essas dificuldades apresentadas na PI.

Atestamos também o progresso quanto ao uso da vírgula, tendo em vista que o educando assimilou a regra de não separar o sujeito do verbo e aprendeu que deve utilizar a vírgula para separar os termos coordenados na oração: “[...] conversando com seus filhos em relação à gravidez precoce, alertando sobre as consequências [...]”, atitudes não encontradas na PI. Finalizamos esta parte e demonstramos, a seguir, a análise do terceiro elemento.

c) Quanto ao conteúdo temático:

De acordo com Cavalcante (2016, p. 44), “toda interação se dá por algum gênero discursivo que se realiza por algum texto”. Dessa forma, ao produzirmos o artigo de opinião, devemos considerar que ele atende à necessidade de convencer o outro; para isso, devemos buscar uma grande quantidade de informações que possam embasar o nosso ponto de vista em relação ao assunto tratado.

Vimos assim que, na PF-2, o aluno trouxe resultados de pesquisas, leituras e dados da sua vivência para superar a dificuldade da falta de informações identificada na PI-2. Esse procedimento pode ser evidenciado logo no primeiro parágrafo do artigo, quando o educando apresenta as possíveis causas da gravidez na adolescência: “[...] ou não foram planejadas ou são sérios frutos de violência sexual”. Nesse trecho há evidências de conhecimento prévio do assunto, uma ação não detectada na PI que demonstra a evolução do educando em relação à coleta de informações.

Apontamos ainda que, na PF, o aluno contextualiza o assunto e situa o problema em nossa sociedade, mesmo que no parágrafo seguinte ele tenha citado a expressão “ao redor do mundo,” sem estabelecer uma relação com a expressão anterior “no Brasil”. Também é perceptível a evolução na finalização do segundo parágrafo, quando ele estabelece um comparativo entre os “tantos casos” de gravidez precoce e o descuido de prevenção dos jovens, conforme o trecho: “Mesmo com tantos casos, [...] continuam a praticar relações sexuais sem nenhuma proteção”, uma conduta não identificada na PI. Encerramos a análise comparativa da segunda produção e seguimos com a terceira.

Quadro 21 – Análise Comparativa - PI-3

Eu acho que os jovens deveriam ter mais consciência de seus atos, ter filhas na adolescência não é certo. Elas não estão preparadas para serem pais, ainda são ~~meninas~~ meninas. Muitas vezes elas acabam virando mães por abuso, ou até mesmo por vontade própria. Muitas reportagens mostram essas adolescentes como pais ou mães como elas se sentem, sabendo que agora elas têm um filho para cuidar. Algumas famílias até apoiam seus filhos serem pais logo. Já outras famílias não admitem seus filhos serem pais logo. Elas falam que seus filhos ainda são muito novas e estão certas. O escola deve apoiar esses jovens dar todo apoio que eles precisam e não ficar colocando pressão neles. Com a mídia muitas vezes ficam apunhalando esses jovens, mas eles deveriam ficar calados. Jovens de colocar pressão nesses jovens eles deveriam ajudar cada um com o que eles precisam.

Quadro 22 – Análise Comparativa - PF-3

GÊNERO DISCURSIVO: ARTIGO DE OPINIÃO

TEMA: GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

PRODUÇÃO FINAL

Gravidez na adolescência no Brasil

A gravidez na adolescência é um problema muito comum em nosso país. São jovens que, atualmente, estão perdendo uma parte da sua vida, porque estão se tornando pais muito cedo. Segundo o relatório apresentado no g3-globia.com, o Brasil tem gravidez na adolescência acima da média latino-americana. Por que isso ocorre?

A média latino-americana é estimada em 65,5 bebês nascidos de mães adolescentes a cada mil meninas de 15 a 19 anos. O Brasil supera esta média com 68,4 bebês nascidos de mães adolescentes, diz o GMS (Organização Mundial da Saúde). O órgão também divulgou que a América Latina é a única região do mundo, com uma tendência crescente de gravidez entre adolescentes menores de 15 anos.

Este tipo de gestação também pode interferir na vida da mãe, prejudicando a sua saúde, a do bebê, podendo trazer muitas sequelas como: pré-eclâmpsia, eclâmpsia, parto prematuro, bebê com baixo peso ao nascer, complicações no parto que pode levar a uma cesárea, etc. Essas consequências são resultantes de causas como a falta de informação para iniciar um pré-natal adequado.

O filho não traz, apenas problemas de saúde para a jovem, pode também prejudicar a sua vida social. Ela pode se afastar das suas amigas e familiares, se sentir envergonhada, pelo fato de ter um bebê muito jovem e não saber lidar com a situação e ainda se sentir excluída da sociedade, se afastar dos estudos, e abandonar os projetos planejados para o futuro.

Concluímos que, a gravidez na adolescência é uma ocorrência que pode, de ser evitada, com conversas frequentes entre os jovens e os seus familiares sobre o uso de anticoncepcionais e contraceptivos. Os adolescentes devem procurar se informar o bastante para evitar este acontecimento que, infelizmente, é algo muito comum hoje em dia, mas que pode trazer sérias consequências, se não tiver sido planejado.

a) Quanto aos aspectos composicionais:

Na análise da PF-3, o educando corrobora a ideia de Beltrão (1980), ao apresentar um título para o artigo e contextualizar o assunto antes de apresentar a sua tese. Esta ação, inexistente na PI, mostra que houve um avanço considerável em relação às duas construções. Ainda neste parágrafo, o referido aluno menciona dados extraídos de um relatório para comprovar o seu ponto de vista e encerra a introdução com uma pergunta: “Você acha isso certo?”, para em seguida respondê-la.

Avaliamos, também, que o processo de discussão já iniciado na introdução é reforçado no segundo parágrafo, quando o aprendente procura responder a pergunta feita ao interlocutor, através de estatísticas apresentadas pela Organização Mundial de Saúde, mostrando a evolução em relação à busca de argumentos consistentes para embasar seu ponto de vista: “O Brasil supera esta média com 68,4 bebês nascidos de mães adolescentes, diz OMS (Organização Mundial de Saúde)”. Esse procedimento de argumentação foi iniciado na PI-3, com apresentação de informações óbvias, e posteriormente retomado na PF-3, com um aprimoramento dessas informações.

Assim, concordamos com a perspectiva de Cavalcante (2016), que apresenta a correlação entre gênero discursivo e propósito de comunicação, quando diz:

Para cada um dos diversos objetivos de comunicação, ou melhor, para cada **propósito comunicativo**, o indivíduo possui algumas alternativas de comunicação, com um padrão textual e discursivo socialmente reconhecido, isto é, um **gênero do discurso** que é adequado ao propósito em questão. (CAVALCANTE, 2016, p. 44. Grifos da autora).

Embasados nessa proposta, constatamos que houve progresso do aluno ao elencar uma série de problemas que a gravidez precoce pode trazer para a mãe e para o bebê. Ele mostra, através dessas colocações, que o propósito comunicativo do seu texto é convencer o outro sobre o seu posicionamento contrário à gravidez precoce. Sendo assim, a discriminação desses problemas foi uma escolha adequada ao gênero discursivo produzido, bem como o uso de argumentos de causa e consequência, presentes no exemplo: “Essas consequências são resultantes de causas como a falta de informação para iniciar um pré-natal adequado”.

Por fim, percebemos a reorganização dos parágrafos não identificados na PI, e que a conclusão, antes embrionária, foi reelaborada com proposta de solução para o problema social, como vemos no trecho: “Concluimos que, a gravidez na adolescência é uma ocorrência que pode e deve ser evitada, com conversas frequentes entre os jovens e os seus familiares sobre o

uso de anticoncepcionais e contraceptivos”. Focalizamos, a seguir, na análise comparativa do segundo elemento.

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Evidenciamos, na PF-3, que o aluno lança mão do conhecimento adquirido na aplicação das sequências de atividades quando dispensa a repetição de algumas palavras desnecessárias, usadas na PI-3, e quando traz o uso de elementos de coesão para enriquecer o seu texto, a exemplo do trecho: “[...] o Brasil tem gravidez na adolescência acima da média latino-americana. Você acha isso certo?”. O pronome isso retoma a expressão “gravidez na adolescência acima da média”. Esse cuidado não foi observado na PI-3.

Notamos ainda que, na PF, o discurso do aluno é permeado pelo uso dos verbos modais “poder e dever”, recurso utilizado na PI e que permanece nesta última versão, com várias repetições; por exemplo, no terceiro parágrafo da PF-3, encontramos a triplicação do verbo “poder”, com distâncias não tão consideráveis. Essa mesma ação ocorreu na PI, no último parágrafo, com o uso do verbo “dever” em duas ocorrências próximas. Sendo assim, nesse caso não percebemos evolução, mas apenas a troca dos verbos.

Segundo Koch (2011), os modalizadores, os operadores argumentativos - conectivos, palavras denotativas e expressões retificadoras - servem para orientar o discurso. Nesse sentido, entendemos que o uso do vocábulo destacado na expressão: “Concluímos que, a gravidez na adolescência [...]”, empregado como introdutor da conclusão na PF-3, representa uma evolução considerável, por não ter sido identificado na PI-3. E ainda, no mesmo parágrafo, encontramos um verbo modal indicador de obrigatoriedade e um advérbio usado como marcador de atitude do autor: “[...] devem procurar se informar o bastante para evitar este acontecimento que, infelizmente, é algo muito comum [...]”.

Em relação às outras categorias de análise do estilo, como a acentuação, observamos que houve apreensão de regras como a colocação do acento circunflexo no vocábulo “adolescência”, que é justificada na norma apontada por Bechara (2007, p. 108): “Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente”, aspecto não identificado na PI-3. E, com respeito ao registro do verbo “ter” sem acento no plural e dos vocábulos “propria”, “inves” e “ja”, identificados na PI-3, verificamos que foram desconsiderados na versão final.

Quanto à ortografia, a palavra “conciencia”, identificada na PI, não foi mais aplicada; em relação ao uso da vírgula, percebemos que o aluno apresentou um avanço ao isolar o advérbio para enfatizá-lo, como vemos na passagem: “Os adolescentes devem procurar se informar o bastante para evitar este acontecimento que, infelizmente, é algo muito comum hoje

em dia, mas que pode trazer sérias consequências [...]”. Encontramos outras ocorrências que não foram detectadas na PI, portanto não foram analisadas. Terminamos essa análise e partimos para as observações sobre o conteúdo temático.

c) Quanto ao conteúdo temático:

É importante destacarmos o avanço da PF-3 em relação ao conteúdo temático apresentado na PI-3. Nesta última versão, percebemos uma reunião de informações que demonstraram mais consistência ao processo argumentativo, na medida em que os dados citados trazem as fontes originais não encontradas, ou encontradas superficialmente, na PI, como podemos perceber no trecho: “O Brasil supera esta média com 68,4 bebês nascidos de mães adolescentes, diz OMS (Organização Mundial de Saúde)”.

Percebemos, também, uma evolução na exposição das informações, ao detectarmos que a PF apresentou esclarecimentos extraídos de fontes que foram além das trabalhadas nas sequências de atividades, como os resultados retirados do *site* “g1- globo.com”. Isso mostra o interesse do aluno em buscar informações relevantes não referenciadas na PI. Para Lopes-Rossi (2011, p. 72), essa “obtenção de informações” faz parte do processo de produção escrita do gênero e mesmo que ainda apresente algumas imprecisões, temos que considerar a condição processual da escrita.

Finalizamos essa análise comparativa acerca do tema concluindo que nem todos os problemas foram sanados, mas a evolução da qualidade das produções pode ser vista na ampliação das informações apresentadas na PF, diferentemente do que aconteceu na PI, que foi construída com informações imprecisas e reduzidas. Concluímos essa análise e tecemos as observações comparativas da quarta produção.

Quadro 23 – Análise Comparativa - PI-4

Gravidez na adolescência qual o papel da família? como fica a parte escolar? O que que a mídia e o governo pensam sobre isso?

Com gravidez na adolescência a vida se torna muito complicada, porque a família não sabe como agir ~~até~~ mesmo o próprio adolescente fica confuso. Foge em dia e comum ^{andar} revê-la pela rua e ~~ver~~ ^{ver} freios com elos nos braços de gestantes, muitas vezes os pais não aceitam e costumam levar para fora de casa por que acham isso uma "desonra" a sua família, muitos deixam de estudar e acabam se prejudicando tanto no histórico escolar quanto no seu futuro para arrumar um ~~com~~ emprego.

A mídia e o governo também não ajudam ~~com~~ ^{quando} ~~com~~ ^{quando} companhias para conscientizar os familiares e os jovens, tanto com eventos visando a dizer a eles como se prevenir e também com reportagens e programas sobre o assunto.

Quadro 24 – Análise Comparativa - PF-4

GÊNERO DISCURSIVO: ARTIGO DE OPINIÃO

TEMA: GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

PRODUÇÃO FINAL

Gravidez precoce

A gravidez na adolescência é um problema que atinge muitos jovens pelo Brasil. Muitos sequer são adolescentes que não têm a atenção suficiente dos pais. Já não receberam informações sobre o uso de preservativos, métodos e outros métodos. Se não sou a favor da gravidez nesta fase, porque os jovens não têm experiência com filhos, os aconselho a não terem.

Quando isso acontece, algumas meninas desistem dos seus estudos, outras buscam sustentabilidade a sua vida, tanto estudando quanto social e financeira. A maior preocupação é a minha própria mãe, sim, eu sou fruto de uma gravidez precoce. No começo ela pensou em desistir dos estudos e se tornar uma simples empregada doméstica, mas decidiu fazer uma faculdade e se formar em Técnica de enfermagem.

Para concluir, com todos os estudos e pesquisas que fizemos, aprendemos que a gravidez na adolescência é uma coisa prejudicial para os jovens, tanto na vida pessoal, quanto na social. É para prevenir, os jovens devem usar preservativos, anti-concepcionais e outros métodos a mais.

a) Quantos aos aspectos composicionais:

Em relação a esta primeira categoria de análise, mostramos a evolução da PF-4 no tocante à construção do parágrafo introdutório, no qual o educando apresenta a contextualização: “A gravidez na adolescência é um problema que atinge muitos jovens pelo

Brasil”, seguida da tese: “Eu não sou a favor da gravidez nesta fase [...]”. Conforme presenciamos, essa organização sequencial não foi evidenciada na PI-4 do referido aluno.

Também ressaltamos a presença do título, já mencionado na PI e reconstruído nesta versão, de acordo com a perspectiva de Beltrão (1980, p. 59), que preleciona: “Este deve ser composto em poucas palavras, incisivo, expressando a linha ideológica adotada”. Dessa forma, percebemos que o aluno demonstrou a apropriação deste primeiro elemento de composição do gênero, ao compor o título com duas palavras relacionadas à contextualização e a tese, conforme vemos no exemplo: “Gravidez precoce”. A evolução na PF foi perceptível, porque o aluno conseguiu condensar as ideias do título, o que não aconteceu na PI.

Verificamos que houve progresso do aluno em relação à PI ao buscar informações de sustentação da sua tese, trazendo, logo no primeiro parágrafo, uma explicação sobre a posição contrária que assume em relação ao fato polêmico: “[...] porque os jovens não têm experiência com filhos, os abandonam ou até abortam.”.

Em seguida, o educando promove uma discussão colocando um aspecto negativo em relação à gravidez precoce: “[...] algumas meninas desistem dos seus objetivos”; logo depois ele menciona que: “[...] outras buscam reestabelecer a sua vida”. Quanto a esse último ponto, o aluno traz um argumento de exemplificação que corrobora as considerações de Rangel, Gagliardi e Amaral (2016, p. 116): “O argumentador baseia a tese ou conclusão em exemplos representativos, os quais, por si sós, já são suficientes para justificá-la”.

Para comprovar que algumas meninas reestabelecem a vida, o educando exemplifica: “A maior prova disso é minha própria mãe, sim, eu sou fruto de uma gravidez precoce”. Considerando que o aluno é contrário ao fato, ele deveria ter citado algumas dificuldades enfrentadas pela mãe; como isto não aconteceu, percebemos que prevaleceu o desordenamento e/ou omissão de algumas informações detectadas na PI.

Encerramos com a análise do último elemento composicional, a conclusão, que, na PF, mostrou uma evolução considerável em comparação à PI. Constatamos que, aqui, o aluno retoma a ideia inicial, reafirmando seu ponto de vista: “[...] a gravidez na adolescência é uma coisa prejudicial para as mães [...]”, e apresenta a solução para o assunto controverso, como podemos notar: “E para prevenir, os jovens devem usar preservativos, anticoncepcionais e outros métodos a mais”. Outro avanço significativo pode ser visto na demarcação dos parágrafos, que foram redistribuídos de acordo com o desenvolvimento das ideias. Vejamos, na sequência, a análise comparativa do segundo elemento.

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Tomando por base as considerações bakhtinianas em relação à interpretação do estilo, é importante destacar uma das considerações do pesquisador acerca desse elemento constitutivo:

Assimilamos as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas de enunciado, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência juntamente e sem que sua estreita correlação seja rompida. Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas). (BAKHTIN, 2000, p. 302).

Partimos dessa teoria e averiguamos que o educando apresentou um progresso na PF em relação à estruturação do enunciado, na medida em que suspendeu o uso da informalidade usada no início da PI e adotou uma linguagem mais elaborada para iniciar o artigo de opinião, considerando que o gênero, em questão, permite o trabalho com a formalidade da língua, conforme apresentamos no segmento retirado da versão final: “A gravidez na adolescência é um problema que atinge muitos jovens pelo Brasil”.

Outro aspecto analisado na PF foi a melhora do emprego dos conectores; segundo Koch e Elias (2006), para se garantir que a escrita foi entendida e para se obter a receptividade do outro, devemos usar diversas maneiras para formatação dos textos, como os procedimentos linguísticos e os traços articuladores do discurso. Destacamos, então, o uso da expressão “para concluir”, presente no início da conclusão; por outro lado, observamos que se manteve a ausência dos verbos e advérbios modalizadores, uma ação já detectada na PI.

É importante salientar que na PF-4 foram superados os problemas de acentuação, como o verbo “ser” usado na terceira pessoa do singular e os vocábulos “própria / até”, conforme o trecho apresentado: “A gravidez na adolescência é um problema [...] / A maior prova disso é a minha própria mãe [...] / [...] os abandonam ou até abortam.” Notamos ainda que a grafia do “por que” usado para explicação também foi corrigida, como evidenciamos no trecho: “Eu não sou a favor da gravidez nesta fase, porque os jovens não têm experiência [...]”, isso mostra outro ponto positivo encontrado na PF-4 em comparação à PI-4.

Por fim, analisamos o emprego do ponto final e da vírgula, que apresentaram uma evolução aceitável em comparação à PI. O ponto final foi utilizado para demarcar os parágrafos da estrutura composicional do artigo e a vírgula foi colocada para separar o advérbio anteposto ao verbo, como preconiza Bechara (2007), e conforme demonstramos na passagem: “Quando isso acontece, algumas meninas desistem dos estudos [...]”. Apresentamos, a seguir, a análise do conteúdo temático.

c) Quanto ao conteúdo temático:

Verificamos que na PF-4 o aluno elaborou o título de acordo com o assunto a ser tratado, também expressou claramente o seu ponto de vista e mesmo não tendo apresentado uma variedade de informações, ele mostrou um avanço ao trazer argumentos como o de exemplificação: “A maior prova disso é minha própria mãe, sim, eu sou fruto de uma gravidez precoce”. A presença dessa informação, não presente na PI, exprimiu uma pretensão, por parte do educando, de interagir com o leitor, pelo fato de ele expor um acontecimento da sua vida; esse processo de interação da escrita é apontada por Antunes (2003) da seguinte forma:

Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas. Assim, por essa visão se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita a um outro alguém, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo. (ANTUNES, 2003, p. 45).

Assim, entendemos que houve na escrita do aluno uma determinada intenção, um pensamento no outro, um propósito comunicativo; mesmo que as informações tenham sido previsíveis, percebemos que ele superou, em parte, as lacunas deixadas na PI-4. Terminamos a quarta análise comparativa e seguimos com as observações sobre a quinta produção.

Quadro 25 – Análise Comparativa - PI-5

Temos em vista muitos casos de gravidez na adolescência, sendo que muitas dessas meninas (ou meninos) não recebem orientação da família ou da escola, e acabam enfrentando uma responsabilidade muito grande para esta fase da vida.

~~A adolescência, mais cedo, 21,~~

A adolescência tem dias alegres, está ficando mais complicada, pois os próprios adolescentes se dizem levar por uma pressão que eles acham ser a falta. Usam, às vezes, a internet influencia, coisas que deveria ter restritas são abertas.

A família tem um papel grande em relação a isso, buscar ajudar os jovens, conscientizar, mostrar consequências. Famílias que tem um histórico de gravidez na adolescência, buscam conversar sobre a experiência.

Embora pensarmos que seja impossível “evitar” essa barreira, podemos enfatizar mais esse assunto que está se sendo esquecido, pois é essencial lembrar esse assunto, para que possamos ajudá-los, tanto para dar conselhos se já aconteceu o fato com tal adolescente, como também ajudar a evitar esse responsabilidade tão grande.

Embora não seja lindo o momento de um filho.

Quadro 26 – Análise Comparativa - PF-5

GÊNERO DISCURSIVO: ARTIGO DE OPINIÃO

TEMA: GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

PRODUÇÃO FINAL

Mudanças Imprevistas

No Brasil, segundo o Sistema de Informações de Nascidos Vivos (Sinasc), a gravidez precoce entre meninas de 10 à 19 caiu 17% nos últimos anos. Enquanto que em 2004 o número era de 666.790 nascimentos, em 2015 diminuiu para 546.529 - 17% que parece uma boa notícia, do meu ponto de vista, ainda é preocupante, já que uma gravidez precoce da mesma idade é considerada de risco porque o corpo da adolescente ainda não se encontra formado.

O que tudo indica, a necessidade da liberdade que o adolescente busca e imagina que com filho pode lhe proporcionar, a falta de diálogo, um exemplo de um parente ou até mesmo da mãe da adolescente de ter parado por tal problema, além de pais que não dão a atenção que isso faz necessário, podem ser algumas das causas que levam a gravidez precoce.

Por isso, é importante que o histórico familiar seja considerado também, por parte da influência, a genética, a psicologia, a falta de função e o meio ambiente.

É possível que a vida econômica e social seja afetada, pelo fato de que uma gravidez de um filho requer muita atenção e que pode desviar a adolescente do meio escolar, sem contar com o julgamento de alguns amigos. Isso pode afetar a mente da jovem, pois a mesma sofre de um julgamento, sente-se desconfortável e sozinha, se isolando ou provavelmente adquirindo uma depressão. Sem dúvida esse isolamento da adolescente proporciona menos ajuda para o bebê, pois um acompanhamento pré-natal é essencial para o desenvolvimento saudável da criança durante a gestação e quando não é

realizado, tanto a mãe como o filho comem vários risos.

Então, para a diminuição desses números, incluem ser feitas atividades dentro e fora da escola para que os jovens tenham mais informações sobre a gravidez precoce de forma que não pareça ser um assunto chato de conversar.

Não podemos esquecer também de conscientizar os pais dos adolescentes para que eles possam realizar diálogos sobre esse assunto com os filhos, pois muitos deles, ainda alimentam a cultura dos tempos antigos em que esse assunto era tabu.

a) Quanto aos aspectos composicionais:

Ao analisarmos a PF-5, percebemos, nitidamente, a evolução da escrita quando o aluno apresentou a contextualização do fato polêmico e expôs percentuais para demonstrar a queda do número de gravidezes precoces no cenário brasileiro, aspecto não identificado no texto anterior. Além disso, ele elabora o seu ponto de vista com base nesses dados, como podemos notar: “O que parece uma boa notícia, do meu ponto de vista, ainda é preocupante, já que uma gravidez iniciada nessas idades é considerada de risco [...]”. Outro progresso é o de que ele construiu um título para o artigo, “Mudanças Inesperadas”, não apresentado na PI.

Ainda nesse ambiente de avanços significativos, ressaltamos uma observação feita pela BNCC (2017) sobre uma das práticas de produção textual, que é a sustentação do assunto através de elementos extraídos de referenciais de credibilidade. Nesse sentido, percebemos que o aluno construiu a discussão valendo-se de um argumento de autoridade, uma ação não revelada na PI, conforme se vê no trecho: “É importante que o histórico familiar seja considerado também, pois pode influenciar, afirma a psicóloga, Leila Cury Tardivo”.

Outro fato que evidenciamos foi o argumento de causa e consequência, perceptível quando o educando expõe: “[...] a falta de um diálogo, um exemplo de um parente ou até mesmo a mãe da adolescente [...], podem ser algumas das causas que levam meninas a engravidarem tão cedo”. Esse comportamento de utilização de argumentos variados na produção de artigos de opinião é citado pela Base Nacional Comum Curricular (2017) como uma das habilidades a serem adquiridas, por meio da qual o aluno deve:

Produzir artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, assumindo posição diante de tema polêmico, argumentando de acordo com a estrutura própria desse tipo de texto e utilizando diferentes tipos de argumentos – de autoridade, comprovação, exemplificação, princípio etc. (BRASIL, 2017, p. 177).

Dessa forma, percebemos que o aluno evoluiu, ao utilizar explicações e exemplificações para sustentar a tese, como também trazendo na conclusão uma proposta de intervenção para o problema social. Percebemos, ainda, que o referido aluno estruturou seu texto em parágrafos mais concisos; mesmo com algumas inadequações, ele mostra um avanço em relação à paragrafação, já que os parágrafos não apareceram na PI. Finalizamos a análise dos aspectos composicionais e nos detemos, em seguida, aos aspectos relacionados ao estilo.

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Demonstramos que na PF-5 houve progresso em relação aos elementos de coesão, que foram utilizados para evitar a repetição desnecessária das palavras. Além disso, foi observado o emprego dos elementos sequenciais na introdução dos parágrafos, como no exemplo a seguir: “Ao que tudo indica, a necessidade da liberdade que a adolescente busca e imagina que um filho pode lhe proporcionar isso [...]”. Essas são ações não detectadas na PI-5 e que enriqueceram a versão final. Nesse trecho, o aluno-produtor utiliza o pronome “isso” para retomar a expressão “a *necessidade de liberdade*” e o “*lhe*” para retomar a expressão “a *adolescente*”.

Percebemos também que o termo informal “barreira” usado na PI foi descartado, cedendo lugar para uma linguagem mais elaborada, com a presença de advérbios modalizadores, como: “provavelmente / sem dúvidas”. Constatou-se ainda a presença do verbo auxiliar modal, exercendo duas funções - a primeira indicando possibilidade: “[...] e imagina que um filho pode lhe proporcionar isso, [...]” e a segunda com sentido de obrigatoriedade “Não podemos esquecer de conscientizar os pais [...]”.

Esse comportamento do aluno-autor é reforçado nas palavras de Beltrão, em relação à escolha de um articulista para escrever um artigo de opinião, que se dá, sobretudo, pelo “reconhecimento do seu valor literário e uma homenagem ao seu talento crítico e expositivo. Por isso, o leitor espera que o articulista não incorra nos vícios estilísticos, notadamente no lugar-comum ou na redundância” [...] (BELTRÃO, 1980, p. 65). Partimos desse pressuposto e percebemos que essa conduta não realizada na PI-5 foi respeitada na PF-5, com a apresentação de uma linguagem mais cuidada.

Quanto à acentuação, a ausência do acento no vocábulo “já” foi superada, conforme evidenciamos no trecho da reescrita: “[...] já que uma gravidez iniciada nessas idades [...]”. As

demais palavras da PI que apresentavam problemas de acentuação foram dispensadas, assim como as inadequações referentes à ortografia. Quanto ao uso da vírgula, na versão final o aluno não separou o conectivo “e” na oração coordenada de mesmo sujeito, conforme regra indicada por Cereja e Magalhães (2012) e comprovada no trecho: “[...] pois a mesma sofrendo um julgamento, sente-se desconfortável e poderá se isolar [...]”. Tecemos, na sequência, a análise do conteúdo temático.

c) Quanto ao conteúdo temático:

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017, p. 85), uma das competências específicas da Língua Portuguesa é o fato de “reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias”. Dessa forma, percebemos que houve um progresso no desenvolvimento do tema, ao compararmos a PF-5 com a PI-5.

Nesta versão final do artigo, encontramos uma reunião de informações, resultantes de leituras e pesquisas, conforme comprovado no decorrer da produção com a apresentação de dados estatísticos e presença de vozes de autoridade da área, superando-se assim a insuficiência de informações detectadas na PI. Notamos ainda que algumas informações da PI foram substituídas por outras de maior relevância; por exemplo, a referência à opinião da psicóloga: “Por isso, é importante que o histórico familiar seja considerado também, pois pode influenciar, afirma a psicóloga, Leila Cury Tardivo”.

Por fim, o aluno busca uma adesão do leitor, ao apresentar propostas para a diminuição do número de gravidezes precoces, conforme vemos no trecho: “Enfim para a diminuição desses números, devem ser criadas atividades dentro e/ou fora da escola [...]”. Dessa maneira, ele resgatou o ponto de vista expresso no início do artigo, após exposição dos dados elencados pelo Sistema de Informações de Nascidos Vivos, mostrando que partiu em busca de informações para desenvolver o repertório de argumentos relativos ao tema e para a inserção da proposta interventiva, o que não ocorreu na PI.

Assim, encerramos a quinta análise comparativa e nos detemos às considerações da última produção analisada nesta pesquisa.

Quadro 27 – Análise Comparativa - PI-6

A Gravidez na adolescência é algo que vem ocorrendo bastante nos dias de hoje. Eu acho que culpa é um pouco da família. Pais os Pais devem estar ligados mais religiosamente com filhos. Pais um adolescente não deve ignorar e sim buscar estudar para ter um futuro melhor e ter um bom emprego. Pais devem incentivar os filhos a estudar e não se namorar. Acho que a mídia e o governo ajudam nesse problema. Pais e o governo deveria disponibilizar mais empregos, mais oportunidades de emprego e mais ensino com bons ensinamentos para incentivar os jovens continuarem na escola. Por que muitos desistem de terminar os estudos e isso faz com que aconteça a gravidez na adolescência. mais acho que culpa não, tanto da mídia Pais tem muitas companhias na internet sobre como se cuidar e então não tem o que falar da mídia.

Quadro 28 – Análise Comparativa - PF-6

GÊNERO DISCURSIVO: ARTIGO DE OPINIÃO
TEMA: GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA
PRODUÇÃO FINAL

Gravidez na adolescência: Problemas ocorridos

A gravidez na adolescência no Brasil é algo já bem comum há muito tempo, mas ainda assim permanece bastante pelo falta de planejamento. Para de acordo com a Ginecologista, Cláudia Barbraum, hoje, 66% das gravidezes em adolescentes são indesejadas.

Nesse período, muitas vezes fazem também a atitude de sair de casa ou até mesmo realizar o aborto. Há casos em que elas largam os estudos ou até abandonam a filha e assim acabam fugindo das suas responsabilidades.

O papel da família é essencial para amenizar os conflitos que surgem por uma gravidez precoce, não planejada como: a depressão, o baixo autoestima, e assim os outros problemas físicos e emocionais que podem ocorrer com esse tipo de gestação. É preciso passar bastante em formas de ajudar essas pessoas. Para a gravidez precoce é considerada como uma das maiores causas de renúncia das mães e isso pode acabar com o futuro dessas meninas.

Se no começo da adolescência uma boa educação direcionam a um bom caminho, é necessário. Portanto incentivamos o uso de preservativos durante as relações sexuais, para que as pessoas possam passar por uma fase de alteração de hábitos sem a experiência de uma gravidez precoce, mas se por acaso ocorre a situação, é preciso manter a situação sob controle.

A gravidez na adolescência sempre irá existir, mas podemos diminuir os números com a utilização de métodos contraceptivos e com a educação ofertada pelo País.

a) Quanto aos aspectos composicionais:

Ao analisarmos a PF-6, percebemos que o aluno avançou, consideravelmente, em relação à contextualização apresentada na PI-6, apresentando o espaço físico de ocorrência do fato polêmico. Vimos, também, que ele reformulou a tese, elaborou um título e organizou o seu discurso em parágrafos, elementos não encontrados na PI. Para ilustrar esse avanço, trouxemos o seguinte trecho retirado da PF do referido aluno: “A gravidez na adolescência no Brasil é algo que já vem ocorrendo há muito tempo, mas ainda vem preocupando bastante pela falta de planejamento [...]”.

As concepções bakhtinianas acerca do diálogo real como forma de comunicação verbal podem ser percebidas através da seguinte citação de Travaglia (2008, p. 23): “O diálogo em sentido amplo é que caracteriza a linguagem”. Partimos dessas concepções e observamos que o educando recorreu à construção de argumentos variados, como o de causa e consequência e o de autoridade, para, diferentemente da PI, sustentar o seu ponto de vista através do diálogo entre diferentes “vozes”, como podemos observar no fragmento: “[...] de acordo com o ginecologista Cláudio Basbaum, hoje, 66% das gravidezes em adolescentes são indesejadas”.

Presenciamos ainda um argumento por evidência; de acordo com Rangel, Gagliardi e Amaral (2016, p. 116), com esse procedimento “pretende-se levar o auditório a admitir a tese ou conclusão, justificando-se por meio de evidências de que ela se aplica aos dados considerados”. Tal argumento está presente na passagem: “Nesse período, muitas dessas jovens tomam a atitude de sair de casa ou até mesmo realizar o aborto”. Graças ao uso desse argumento, presumimos que o educando evidencia a atitude dessas jovens diante da falta de planejamento.

Por fim, analisamos a conclusão do texto, em que é apresentada uma proposta para a solução do fato social, revelando também uma progressão em relação à conclusão embrionária e sem proposta exposta na PI. Nesse sentido, podemos verificar o exemplo dessa evolução no excerto em que o aluno afirma: “[...] podemos diminuir os números com a utilização de medidas preventivas e com a educação ofertada pelos pais”. Após a finalização da análise comparativa dos aspectos composicionais, nos detemos aos aspectos do estilo.

b) Quanto ao estilo e uso dos mecanismos linguísticos:

Verificamos na PF que o aluno utilizou expressões sinonímicas e elementos de coesão para suprimir a repetição desnecessária de algumas expressões, repetição esta que foi bem acentuada na PI. Para comprovarmos essa evolução, apresentamos dois trechos retirados do segundo e terceiro parágrafos do texto: “[...] muitas dessas jovens tomam a atitude de sair de casa [...]. Há casos em que elas largam os estudos [...]”; o segundo trecho é: “É preciso pensar bastante em formas de ajudar essas jovens [...] e isso pode acabar com o futuro dessas meninas.”

Essa atitude enriqueceu a escrita do artigo de opinião, por ser um gênero propício para a aplicação de uma linguagem mais elaborada.

Contemplamos, ainda, nesse procedimento do aluno, uma aliança com a noção veiculada nos PCN no que diz respeito ao estilo. Segundo o referido documento norteador, o estilo se apresenta como “configurações específicas das unidades de linguagem, derivadas, sobretudo da posição enunciativa do locutor, conjuntos particulares de sequências que compõem o texto etc.” (BRASIL, 1998, p. 21). Dessa forma, a linguagem moldada na PF revela os arranjos realizados pelo aluno em cumprimento à escrita do gênero.

Também observamos, no decorrer da nossa pesquisa, que as marcas linguísticas argumentativas são importantes para a sequencialização das ideias. Nesse caso, o conector “mas” foi empregado corretamente pelo educando no sentido de oposição; de acordo com Cereja e Magalhães (2012, p. 394), as orações adversativas “estabelecem, em relação à oração anterior, uma ideia de oposição, contraste, compensação, ressalva”. Dessa forma, o equívoco expresso pelo advérbio de intensidade, na PI, foi desconsiderado na PF, como podemos observar: “[...] vem ocorrendo há muito tempo, mas ainda vem preocupando bastante [...]”; ao longo do texto, identificamos o uso de outros conectores.

Quanto ao uso dos auxiliares modalizadores, houve apenas uma troca de verbos, em que o aluno utilizou o auxiliar “poder”, na PF, empregando-o como possibilidade, e dispensou o verbo “dever” empregado na PI; ressaltamos ainda que, assim como na PI, a conclusão da PF não apresenta um conector sequencial, conforme o exemplo: “A gravidez na adolescência sempre irá existir, mas podemos diminuir os números [...]”.

Em relação à acentuação, o educando assimilou as regras trabalhadas e superou as inadequações reveladas na versão inicial, como podemos perceber na apropriação do acento do verbo ser, flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, conforme trecho destacado: “A gravidez na adolescência no Brasil é algo que já vem ocorrendo há muito tempo [...]”. Também foram acentuadas as palavras “adolescência” e “vários”, algo que não foi evidenciado na PI.

No que diz respeito à ortografia, o aluno desconsiderou a palavra “por que”, empregada na PI, e mostrou uma evolução significativa quanto ao uso da pontuação; fez uso dos pontos finais para encerrar ideias e demarcar os parágrafos, além de empregar as vírgulas, apropriando-se de algumas regras estudadas na aplicação das atividades sequenciadas, como o emprego do referido sinal para isolar o adjunto adverbial, no exemplo: “[...] hoje, 66% das gravidezes em adolescentes são indesejadas”. Ao término dessas comparações, apresentamos a análise do terceiro elemento constitutivo do gênero.

c) Quanto ao conteúdo temático:

Identificamos, na PF-6, uma reordenação das ideias apresentadas na PI-6, quando o aluno acrescentou informações mais precisas ao contexto situacional para sinalizar o espaço de ocorrência do fato polêmico. Isso mostra um processo de avanço da escrita; constatou-se também uma melhora na construção da discussão, pois encontramos a presença de outras fontes de conhecimento que consideramos importantes para a nutrição temática. Outro fato não encontrado na PI e que se fez presente na PF refere-se à presença de vozes de autoridade, uma estratégia usada para promover mais credibilidade ao assunto. Dessa forma, aliamos-nos aos Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental da Paraíba, quando citam que:

[...] é mobilizando várias competências e saberes sobre a língua(gem) nas diversas práticas de recepção e produção de textos que o aluno estará apto a transitar, buscar e transformar conhecimentos de diferentes áreas e, assim, estar preparado para exercer plenamente a sua cidadania, escalar os próximos degraus acadêmicos e vivenciar, com mais propriedade, as situações do mundo letrado. (RCEF-PB, 2010, p. 49).

Nesse sentido, percebemos que a versão final do artigo apresentou mais informações e explicações concatenadas do que a PI, demonstrando que o aluno melhorou a escrita após o contato com outros textos e documentos referentes à temática selecionada, que o permitiu extrair exemplos, considerações e conclusões sobre o assunto, conforme destacamos no fragmento: “[...] de acordo, com o ginecologista Cláudio Basbaum, hoje, 66% das gravidezes em adolescentes são indesejadas”.

Assim, encerramos as análises comparativas dos textos e constatamos que houve, no geral, uma evolução satisfatória em relação à produção escrita do gênero artigo de opinião, na medida em que presenciamos nos textos analisados a apropriação, por parte dos alunos, dos elementos constitutivos do gênero: composição, estilo e conteúdo temático. Com isso, chegamos às considerações finais sobre a nossa investigação, as quais serão expostas no capítulo seguinte.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrevermos como intercorreu a proposta de intervenção com o gênero artigo de opinião, aplicada após a análise das produções iniciais do *corpus* da nossa pesquisa, concluímos que a proposta de Lopes-Rossi (2011), de se realizar um trabalho com gêneros discursivos a partir da aplicação de módulos didáticos de leitura e de escrita, pode ajudar o professor no ensino de Língua Portuguesa, tomando-se como objeto de ensino os gêneros discursivos.

Ressaltamos que a utilização da sequência didática adaptada ao contexto e ao uso dos diversos gêneros discursivos recorrentes na sociedade, assim como a seleção dos referidos gêneros, de acordo com a necessidade dos educandos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, pode contribuir para o melhoramento do ensino de Língua Portuguesa, fazendo com que o método mecanicista e descontextualizado, ainda muito utilizado em nossa área, seja descartado.

Ao analisarmos as produções iniciais, identificamos que os participantes da pesquisa externaram várias dificuldades nas produções dos artigos de opinião: dificuldades relacionadas aos aspectos estruturais de composição, dificuldades da organização de ideias coerentes que ocasionaram problemas no uso da língua padrão, além de escassez e omissão de informações. Após a aplicação dos módulos da sequência didática, pudemos observar que eles haviam conseguido, em sua maioria, sanar as deficiências apresentadas nas produções iniciais, e os seguintes aspectos foram evidenciados: melhora na estruturação dos artigos, uso dos mecanismos linguísticos em adequação à linguagem do gênero e presença de informações variadas.

Dessa forma, constatamos que o trabalho da escrita como prática social e como atividade processual, exercitado através da leitura, da escrita e da reescrita, conforme desenvolvido na proposta de intervenção, conduziu o aluno à produção do gênero discursivo artigo de opinião, ao identificarmos que as atividades desenvolvidas através de sequências didáticas auxiliaram na apropriação das características típicas, condições de produção e circulação do gênero discursivo artigo de opinião, respondendo, assim, a questão problema apresentada inicialmente.

Destacamos também que nossa intenção não foi formar articulistas, mas conduzir o educando à apreensão dos elementos constitutivos do artigo e, assim, de posse dessas características, fazer com que ele pudesse elaborar o gênero de acordo com o conteúdo trabalhado, a fim de comprovarmos se o conhecimento adquirido foi, realmente, aplicado na prática da produção escrita.

Embora tenhamos nos deparado com algumas situações desafiadoras durante a execução da nossa pesquisa-ação, como: falta de motivação inicial dos alunos, dificuldades no decorrer da realização de algumas atividades, ausência de alguns educandos com/sem justificativas e reforma do ambiente escolar, atestamos que este foi um trabalho positivo, pois pudemos comprovar com o alcance dos objetivos propostos, ao verificarmos que os participantes da pesquisa desenvolveram avanços significativos, em relação à escrita do gênero discursivo artigo de opinião, partindo da aplicação de uma proposta de ensino e aprendizagem pautada em sequências didáticas, objetivo geral da nossa investigação.

Em uma visão mais específica alcançamos, também, os nossos objetivos secundários. Iniciamos com o levantamento das concepções teóricas que nos serviram de instrumentalização para realização da investigação, seguimos com a efetuação da atividade diagnóstica e tomamos por base a análise dessa atividade para aplicarmos uma proposta de intervenção com propósitos de reescrita, que resultou em avanços consideráveis, comprovados mediante a análise comparativa entre as produções iniciais e finais. Por fim, divulgamos os textos em um livro adequado para a circulação do gênero.

Em se tratando do trabalho com o artigo de opinião, nós o consideramos satisfatório, pois compartilhamos momentos de debates sobre assuntos polêmicos recorrentes em nossa sociedade, estreitando as discussões acerca do tema “*gravidez na adolescência*”, tratado em nossa pesquisa. As referidas discussões nos proporcionaram o contato com outras visões, pontos de vistas de especialistas no assunto e apropriação de novos saberes. Abordamos, também, a importância da construção de argumentos baseados em referenciais de credibilidade, para se oferecer mais possibilidade de aceitação da argumentação apresentada em defesa do ponto de vista.

Constatamos, ainda, que os artigos construídos pelos educandos foram exclusivos, e as informações colocadas nas teses, nas discussões e nas conclusões também foram diferenciadas, embora não possamos desconsiderar o fato de que encontramos traços comuns nas argumentações evidenciadas. Isso se deu pela realização de leituras afins, pelas colocações nos debates promovidos acerca do assunto e pelo contato com os textos trabalhados em sala. Assim, com base nos estudos e nas pesquisas realizadas, os educandos puderam extrair as ideias para a produção dos seus textos.

Sem dúvida, o nosso percurso como professora de Língua Portuguesa é extenso e ainda falta muito a perfazer, mas ressaltamos que, ao tomarmos como ponto de partida as dificuldades espelhadas pelos nossos alunos em sala de aula, a partir de uma diagnose, e daí elaborarmos um trabalho interventivo baseado em sequências didáticas, já demonstra um bom começo para o

desenvolvimento de um trabalho com possibilidades de aprendizagem significativa, ao se partir de um problema em busca de uma solução.

Consideramos ainda que, ao se realizar um trabalho pedagógico, escolhendo os gêneros discursivos como objeto de ensino da língua, o professor deve atuar como mediador do saber, formulando estratégias facilitadoras que permitam a construção do conhecimento, de forma que os alunos sintam-se atraídos e comprometidos com o determinado fazer. E, ao optar pelo trabalho com as sequências didáticas, os educandos devem ser envolvidos em cada etapa das atividades elaboradas, para que assim, através do processo interativo, as habilidades previstas sejam alcançadas.

É importante frisarmos que a pesquisa desenvolvida trouxe avanços significativos, não só para os alunos como também para a docente, pois, na medida em que as discussões eram estabelecidas, havia a permuta de informações, e isso nos proporcionou uma evolução, tanto profissional quanto pessoal.

Por fim, constatamos a contribuição do nosso trabalho em relação à escrita do gênero discursivo artigo de opinião, desenvolvido a partir da interação entre o professor e os alunos, do compartilhamento de ideias, da realização dos módulos da sequência didática e do esforço de cada aluno-participante. E foi nesse ambiente de interação que identificamos o que eles necessitavam de mais urgente e os auxiliamos no desenvolvimento da competência da escrita. Dessa forma, o nosso trabalho emergiu de atitudes pautadas, sobretudo, no exercício do diálogo, acerca das dificuldades encontradas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBIER, René. **A pesquisa-Ação**. Brasília: Liber Livro, 2004.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BELTRÃO, Luiz de. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BONIFÁCIO, Carla Alecsandra de Melo. **O uso de palavras da língua inglesa do gênero anúncio publicitário: uma questão de estilo?** 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base. Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CEREJA, William; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens 9**. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

CEREJA, William; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática, Texto, Reflexão e Uso**. 4 ed. São Paulo: Atual, 2012.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 3 ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10 ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. **Gêneros Discursivos no Ensino de Leitura e Produção de Textos**. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 24 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

RANGEL, E.; GAGLIARDI, E.; AMARAL, H. **Pontos de Vista**. 5 ed. São Paulo: CENPEC: Fundação Itaú Social; Brasília: MEC, 2016.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. *In*: ROJO, Roxane (org.). **A prática da linguagem em sala de aula**. São Paulo: Mercado das Letras, 2000, p. 207-248.

ROJO, Roxane. **A prática da linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2000.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental**. João Pessoa: [s.n.], 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Projeto Político Pedagógico**. CEPES JP-1. João Pessoa: [s.n.], 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 34 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 2 ed São Paulo: Cortez, 1986.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PLANO DE AULA - MÓDULO I

1º MOMENTO

OBJETIVO GERAL:

Compreender a proposta pedagógica de escrita do gênero discursivo artigo de opinião.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Entender o significado de gêneros discursivos;
Observar alguns gêneros mais recorrentes na sociedade;
Reconhecer as circunstâncias de produção, circulação e suporte do artigo de opinião;
Ler e compreender o propósito de um artigo de opinião.

CONTEÚDO:

O artigo de opinião e seus aspectos constitutivos e enunciativos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Aula expositiva e dialogada;
Leitura de um artigo de opinião;
Discussão sobre os elementos constitutivos, condições de produção e circulação do gênero;
Atividades de pesquisa do gênero em revistas, jornais, internet, dentre outros meios.

RECURSOS METODOLÓGICOS:

Exemplares das revistas *Isto É*, *Veja*, *Época* e do jornal *Correio da Paraíba*;
Texto digitado.

AVALIAÇÃO:

Atuação nas discussões promovidas e no cumprimento das atividades solicitadas.

REFERÊNCIA:

BOUER, Jairo. **Grávidas no contrafluxo**. Disponível em:
<http://blog.educacional.com.br/jairo_bouer/p74553/#cmnt>. Acesso em 21 out. 2018.

APÊNDICE B – PLANO DE AULA - MÓDULO I

2º MOMENTO

OBJETIVO GERAL:

Extraír informações que auxiliem na construção da argumentação e contra-argumentação para sustentação da tese, sobre o tema polêmico a ser abordado nos artigos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Reconhecer e avaliar os argumentos e contra-argumentos presentes no documentário;
Comparar os tipos de estratégias argumentativas apresentados no documentário e no texto, ambos do mesmo autor;
Organizar informações acerca do assunto controverso;
Distinguir os gêneros artigo de opinião e documentário.

CONTEÚDOS:

Elementos estruturais do gênero discursivo artigo de opinião;
Argumentação e contra-argumentação;
Apropriação de informações relevantes sobre o tema.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Exibição de um documentário sobre o assunto polêmico;
Debate sobre a importância da argumentação para o gênero selecionado;
Aplicação de um roteiro de estudo;
Construção de uma tabela na lousa para exposição dos questionamentos e opiniões dos alunos sobre o tema polêmico.

RECURSOS METODOLÓGICOS:

Computador e *datashow*;
Texto digitado;
Quadro branco.

AValiação:

Participação nas discussões orientadas pelo docente;
Assiduidade e realização das atividades.

REFERÊNCIAS:

BOUER, Jairo. **Grávidas no contrafluxo**. Disponível em:
<http://blog.educacional.com.br/jairo_bouer/p74553/#cmnt>. Acesso em 21 out. 2018.

Jairo Bouer afirma que a gravidez na adolescência é um problema de saúde pública. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V2IwxKrdIY>> Acesso em 22 out. 2018.

APÊNDICE C – PLANO DE AULA - MÓDULO I

3º MOMENTO

OBJETIVO GERAL:

Identificar os elementos constitutivos do gênero.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Apontar o título;

Indicar a contextualização e a tese defendida pela autora e a relação desses elementos com a escolha do título;

Atentar para a paragrafação e a importância desse recurso gráfico na construção de sentido do texto;

Verificar a importância do uso dos modalizadores e operadores argumentativos na construção dos argumentos;

Relacionar o assunto polêmico do artigo lido à temática de produção escolhida para o texto a ser produzido pelos alunos;

Reconhecer o gênero.

CONTEÚDO:

Aspectos composicionais do artigo de opinião;

O estilo e os mecanismos linguísticos;

O conteúdo temático.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Aula extraclasse;

Formação de grupos para discussão dos aspectos de produção e de circulação do gênero;

Realização de um sorteio com perguntas referentes aos elementos constitutivos do gênero.

RECURSOS METODOLÓGICOS:

Texto digitado;

Tiras de papel com perguntas sobre os elementos constitutivos do gênero.

AVALIAÇÃO:

Pertinência das respostas dadas pelos integrantes do grupo às perguntas sorteadas.

REFERÊNCIA:

SALES, Carolina. **Gravidez não planejada, um problema de saúde pública**. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/.../gravidez-nao-planejada-um-problema-de-saude-publica/>>. Acesso em: 8 mai. 2018.

APÊNDICE D – PLANO DE AULA - MÓDULO I

4º MOMENTO

OBJETIVO GERAL:

Reconhecer as características discursivas do gênero artigo de opinião.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Obter dados sobre o tema a ser discutido;
Distinguir o artigo de opinião dentre outros de mesma esfera de produção (reportagem);
Identificar a finalidade/objetivo do artigo de opinião e da reportagem;
Observar a função dos elementos linguísticos presentes na argumentação;
Diagnosticar os elementos constitutivos do gênero.

CONTEÚDO:

O artigo de opinião e seus aspectos constitutivos e enunciativos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Leitura individual para estabelecer um paralelismo entre os textos;
Discussão sobre os elementos: apropriação do título, conteúdo temático, recursos da argumentação e sugestão para conclusão do artigo de opinião.

RECURSOS METODOLÓGICOS:

Cópias de textos;
Entrega de roteiro de estudo.

AValiação:

Atuação nas discussões promovidas e no cumprimento das atividades solicitadas.

REFERÊNCIAS:

BASBAUM, Cláudio. **Gravidez na adolescência: riscos e cuidados necessários**. Disponível em: <<https://www.minhavidacom.br/saude/materias/31542-gravidez-na-adolescencia-riscos-e-cuidados-necessarios>>. Acesso em 11 out. 2018.

Número de adolescentes grávidas no Brasil cai 17% entre 2004 e 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1882762-numero-de-adolescentes-gravidas-no-brasil-cai-17-entre-2004-e-2015.html>>. Acesso em 03 out. 2018.

APÊNDICE E – PLANO DE AULA - MÓDULO II

3º MOMENTO

OBJETIVO GERAL:

Empregar corretamente as regras de acentuação, ortografia e sinais de pontuação, especificamente, a vírgula e o ponto final.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Acentuar o verbo ter na terceira pessoa, quando o sujeito estiver no plural;
Empregar corretamente os acentos dos monossílabos tônicos, das palavras paroxítonas e proparoxítonas;
Escrever corretamente as palavras;
Utilizar a vírgula para separar os termos coordenados da oração e para separar o adjunto adverbial anteposto;
Evitar o uso da vírgula entre o sujeito e o predicado;
Utilizar o ponto final para demarcar os parágrafos e encerrar determinadas ideias.

CONTEÚDO:

Acentuação;
Ortografia;
Pontuação: uso da vírgula e do ponto final.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Roteiro de estudo;
Trechos de textos em processo de produção.

RECURSOS METODOLÓGICOS:

Cópia do roteiro de estudo.

AValiação:

Cumprimento dos objetivos específicos previstos no plano de aula.

REFERÊNCIA:

CEREJA, William; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática, Texto, Reflexão e Uso**. 4 ed. São Paulo: Atual, 2012.

APÊNDICE F – PLANO DE AULA - MÓDULO II

4º MOMENTO

OBJETIVO GERAL:

Elaborar argumentos e contra-argumentos de sustentação para a tese apresentada, utilizando os mecanismos de coesão para estabelecer sentido entre as partes.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Aplicar estratégias variadas de argumentação;
 Distinguir argumentação de contra-argumentação;
 Defender seu ponto de vista com argumentação coerente;
 Identificar as relações de sentido promovidas pelos operadores argumentativos;
 Utilizar expressões modalizadoras em seus artigos de opinião;
 Empregar, corretamente, conectores variados e elementos de coesão referencial e sequencial.

CONTEÚDO:

Argumentação e contra-argumentação na construção do gênero discursivo artigo de opinião;
 Tipos de argumentos;
 Elementos de coesão;
 Operadores argumentativos;
 Expressões modalizadoras como enriquecimento da linguagem.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Leitura e discussão de texto;
 Aplicação de um roteiro de estudo;
 Reescrita de trechos em processo de produção.

RECURSOS METODOLÓGICOS:

Cópias de textos acompanhadas de roteiro de estudo.

AValiação:

Assiduidade na realização das atividades propostas.

REFERÊNCIA:

Índice de gravidez na adolescência no Brasil é um dos mais altos do mundo. Disponível em: <<https://www.papodema.com.br/2018/09/18/indice-de-gravidez-na-adolescencia-e-um-dos-mais-altos-do-mundo/>>. Acesso em 02 out 2018.

APÊNDICE G – PLANO DE AULA - MÓDULO III

OBJETIVO GERAL:

Realizar a divulgação do produto ao público.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Divulgar o produto de acordo com as características típicas do gênero.

CONTEÚDO:

Artigos de opinião.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Peça teatral de instalação;

Tarde de autógrafos com os alunos;

Leitura de artigos;

Considerações finais realizadas pelos alunos e responsáveis, acerca do projeto;

Entrega dos livros aos alunos, com os artigos produzidos por eles.

RECURSOS METODOLÓGICOS:

Utilização da biblioteca;

Instalações de TNT para construção do ambiente da cena;

Painel com a temática abordada;

Organização do espaço de acordo com a temática da produção.

AValiação:

Participação dos alunos nas atividades elaboradas.

REFERÊNCIAS:

INSTALAÇÃO. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3648/instalacao>>. Acesso em: 03 nov. 2018. Verbete da Enciclopédia.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. **Gêneros Discursivos no Ensino de Leitura e Produção de Textos**. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

APÊNDICE H – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Orientação para Pais ou Responsáveis)

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

O seu filho/dependente está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**O ARTIGO DE OPINIÃO: PRODUÇÃO DO GÊNERO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**”, da aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS: JOSEFA REJANE LUIZ FERREIRA, sob orientação da Profa. Dra. CARLA ALECSANDRA DE MELO BONIFÁCIO, cujo objetivo geral é possibilitar o desenvolvimento da escrita do gênero artigo de opinião a partir de uma proposta de ensino e aprendizagem, pautada em sequências didáticas (SD), tendo como objetivos específicos: discorrer sobre as concepções teóricas que servirão de fundamentação para o desenvolvimento da pesquisa – gênero, escrita, metodologia e SD; efetuar uma atividade diagnóstica sobre a produção escrita do artigo de opinião, sugerida no livro didático do 9º ano; apresentar uma proposta interventiva baseada na escrita do gênero artigo de opinião, com propósitos de refacção, a ser realizada pelos alunos; divulgar as produções finais escritas pelos alunos, através de um livro de artigos de opinião; e analisar comparativamente as produções iniciais e finais, considerando os elementos constitutivos do gênero: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Solicitamos a colaboração do seu filho/dependente para **participar das aulas que ministraremos, produzindo textos e submetendo-os a um processo de avaliação formativa e somativa**; solicitamos ainda sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da Linguística Aplicada e publicá-los em revista científica (se for o caso). Enfatizamos que, por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que a participação do seu filho/dependente no estudo é voluntária e, portanto, ele(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou a colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Informamos que a pesquisa visa ao aperfeiçoamento de um procedimento metodológico, não oferece riscos previsíveis para a saúde e ocorrerá em local tranquilo, sem a interrupção de pessoas alheias ao estudo; informamos ainda que a autora da pesquisa estará à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para que meu filho/dependente participe da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do Responsável pelo Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

Testemunha



Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Josefa Rejane Luiz Ferreira

Endereço (Setor de Trabalho): Av. Camilo de Holanda, sn - Centro - João Pessoa/PB

Telefone: (83) 98801-0787

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☐ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Obs.: O responsável pelo sujeito da pesquisa e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

APÊNDICE I – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Orientação para Alunos)

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **“O ARTIGO DE OPINIÃO: PRODUÇÃO DO GÊNERO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL”**, da aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS: JOSEFA REJANE LUIZ FERREIRA, sob orientação da Profa. Dra. CARLA ALECSANDRA DE MELO BONIFÁCIO, cujo objetivo geral é possibilitar o desenvolvimento da escrita do gênero artigo de opinião a partir de uma proposta de ensino e aprendizagem, pautada em sequências didáticas (SD), tendo como objetivos específicos: discorrer sobre as concepções teóricas que servirão de fundamentação para o desenvolvimento da pesquisa – gênero, escrita, metodologia e SD; efetuar uma atividade diagnóstica sobre a produção escrita do artigo de opinião, sugerida no livro didático do 9º ano; apresentar uma proposta interventiva baseada na escrita do gênero artigo de opinião, com propósitos de refacção, a ser realizada pelos alunos; divulgar as produções finais escritas pelos alunos, através de um livro de artigos de opinião; e analisar comparativamente as produções iniciais e finais, considerando os elementos constitutivos do gênero: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Solicitamos a sua colaboração para **participar das aulas que ministraremos, produzindo textos e submetendo-os a um processo de avaliação formativa e somativa**; solicitamos ainda sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da Linguística Aplicada e publicá-los em revista científica (se for o caso). Enfatizamos que, por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, e que a nossa pesquisa terá caráter intervencionista e descritiva, constituindo uma pesquisa-ação de natureza aplicada, por meio das seguintes etapas: aplicação de atividade diagnóstica, elaboração de sequências didáticas a partir dos resultados da atividade inicial, aplicação das sequências e análise comparativa dos dados entre as produções iniciais e finais. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Informamos que a pesquisa visa ao aperfeiçoamento de um procedimento metodológico, não oferece riscos previsíveis para a saúde e ocorrerá em local tranquilo, sem a interrupção de

peessoas alheias ao estudo; informamos ainda que a autora da pesquisa estará à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto e tendo o meu responsável assinado o Termo de Consentimento, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e concordo em participar da pesquisa, bem como dou o consentimento para a publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Josefa Rejane Luiz Ferreira

Endereço (Setor de Trabalho): Av. Camilo de Holanda, sn - Centro - João Pessoa/PB, Telefone: (83) 98801-0787
Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I -
Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☐ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Obs.: O sujeito da pesquisa e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TALE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

ANEXOS

ANEXO A – Declaração de Aprovação no Exame de Qualificação

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

https://sigaa.ufpb.br/sigaa/stricto/banca_pos/escolher_banca.jsf

 Portal Coordenação Stricto	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS EMITIDO EM 27/03/2018 09:27	 SIGAA
--	--	---

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o aluno **JOSEFA REJANE LUIZ FERREIRA** foi aprovado(a) na QUALIFICAÇÃO de DISSERTAÇÃO em LETRAS/PROFLETRAS - Rio Tinto - MESTRADO PROFISSIONAL do Curso de MESTRADO, no dia 27 de Março de 2018 às 09:30, no(a) UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA- UFPB/Centro de Ciências Aplicadas e Educação- CCAE- Campus IV, UFPB, cuja banca examinadora fora constituída pelos professores:

Doutor (a) CARLA ALECSANDRA DE MELO BONIFACIO

(Presidente)

Doutor (a) JOSEVAL DOS REIS MIRANDA

(Interno)

Doutor (a) MARLUCE PEREIRA DA SILVA

(Interno)

A sua DISSERTAÇÃO intitulou-se:

POLÊMICA EM SALA DE AULA: A PRODUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Esta declaração não exclui o aluno de efetuar as mudanças sugeridas pela banca nem vale como outorga de grau de MESTRADO, de acordo com o definido na Resolução 072/2004-CONSEPE.

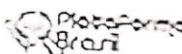
João Pessoa, 27 de Março de 2018.


Laurenia Souto Sales
 Coordenadora do PROFLETRAS/UFPB
 Matrícula SIAPE 3334167

LAURENIA SOUTO SALES
 COORDENADOR(A) PROGRAMA EM LETRAS EM REDE NACIONAL

SIGAA | STI - Superintendência de Tecnologia da Informação da UFPB / Cooperação UFRN - Copyright © 2006-2018 |
 sigaa-b.bbn.ufpb.br.sigaa-b | 3.8.8

ANEXO B – Folha de Rosto do CONEP para pesquisa envolvendo seres humanos

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP
FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Título da Pesquisa:
O ARTIGO DE OPINIÃO: PRODUÇÃO DO GÊNERO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

2. Número da Periodicidade da Pesquisa: 10

3. Área Temática:

4. Área do Conhecimento:
Grande Área 5: Linguística, Letras e Artes

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

5. Nome:
JOSEFA REJANE LUIZ FERREIRA

6. CPF:
022.468.714-09

7. Endereço (Rua, n.º):
RAUL HENRIQUES DE SA TAMBIA 084 - Bloco C - Apto. 306 JOAO PESSOA PARAIBA 58020673

8. Nacionalidade:
BRASILEIRO

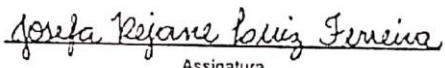
9. Telefone:
63988010767

10. Outro Telefone:

11. Email:
rejacore@hotmail.com

Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.

Data: 01 / 04 / 19


Assinatura

INSTITUIÇÃO PROPONENTE

12. Nome:
Universidade Federal da Paraíba

13. CNPJ:
24.098.477/0001-10

14. Unidade/Orgão:
CCAIE

15. Telefone:
(83) 1316-7791

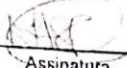
16. Outro Telefone:
(83) 3292-9470

Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.

Responsável: Maria Angeluce Soares Perônico Barbotin CPF: 023.489.414-81

Cargo/Função: Diretora do CCAIE/UFPB

Data: 01 / 04 / 2019


Assinatura

PATROCINADOR PRINCIPAL

Não se aplica.

 Scanned with
CamScanner

Profª Maria Angeluces S. P. Barbotin
Diretora do CCAIE/UFPB
SIAPE: 2517224

ANEXO C –Termo de Anuência

GOVERNO
DA PARAÍBA*viva o trabalho.*Secretaria de Educação da Paraíba
E E E F Profª Argentina Pereira GomesGOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
E.E.F. PROFª ARGENTINA PEREIRA GOMES
CNPJ: 017.998.807/0001-07
Av. Cantanhede Holanda, s/n - Centro
EP: 58013-000 - João Pessoa - PB
TEL: (81) 3218-5850

Termo de Anuência

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução da pesquisa intitulada "**ARGUMENTAÇÃO EM SALA DE AULA: A produção do Artigo de Opinião no Ensino Fundamental**", a ser desenvolvida pela aluna **Josefa Rejane Luiz Ferreira**, do curso de Programa de Mestrado Profissional em Letras - **PROFLETRAS** do Centro de Ciências Aplicadas e Educação - **CCAE**, sob orientação da Profª. **Drª Carla Alecsandra de Melo Bonifácio**, nesta instituição.

Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso em verificar seu desenvolvimento para que se possa cumprir os requisitos de Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, como também, no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para garantir de tal segurança e bem-estar.

Igualmente informamos que para ter acesso à coleta de dados nesta instituição, fica condicionada à direção da mesma, da Certidão de Aprovação do presente projeto pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. Tudo como preconiza a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

João Pessoa, 11 de julho de 2018.

Manoel Geraldo da Costa
DIRETOR
CNPJ: 017.998.807/0001-07

Manoel Geraldo das Costa

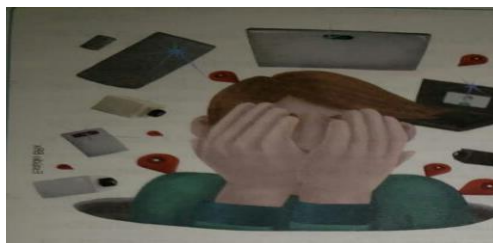
Diretor Geral

CPF: 288.557.604-91

CNPJ: 017.998.070001-07

ANEXO D – Artigo de opinião utilizado na atividade inicial

Eu não quero saber da sua vida



Reclama-se de invasão de privacidade, mas quem tem vida privada hoje em dia?

Quando foi a última vez que você comeu em um bom restaurante, viu uma bela obra de arte ou foi para uma balada sem tirar uma foto e postar on-line? Quando foi a última vez que um amigo seu o surpreendeu com algo que tenha feito que não foi fofocado pelo Facebook?

Um tipo de privacidade muito desrespeitada é a dos desinteressados, que não se comovem com a vida de seus vizinhos, não leem a revista "Caras", não assistem a big brothers, domingões, caldeirões ou vídeo shows e mal conseguem guardar os nomes dos atores e diretores dos filmes que veem.

Para estes pobres, alheios a quem dorme com quem, quando e onde, as redes sociais devem parecer ferramentas desenvolvidas para uma multidão narcisista, burra, voyeur e birrenta, pronta para dar opiniões impensadas a respeito dos assuntos mais bestas possíveis, cuja única regra parece ser a do "compartilho, logo existo".[...]É praticamente impossível entrar em uma rede social e não ficar sobrecarregado com o volume de imagens e dados demasiadamente pessoais. A necessidade que alguns têm de falar do seu desejo por uma roupa nova, de sua higiene pessoal, de seu mau humor quando serviços e/ou serviços falham parece patológica.[...]

Tudo o que deveria ser guardado para si parece material de divulgação. O que é essa compulsão por dividir? Esse ataque coletivo de ansiedade cujo único antídoto parece ser compartilhar ainda mais?

Psicólogos dizem que um dos motivos principais para a troca de informações é o contato emocional, que demanda um esforço razoável para administrar a opinião do outro e tentar impressioná-lo. Quando isso é feito o tempo todo, é fácil provocar situações embaraçosas precisamente entre as pessoas que mais queremos impressionar. [...]

Como a noiva na festa de casamento, cada usuário precisa dar atenção a todos, mesmo que de forma efêmera e rasa. Com isso boa parte da riqueza das relações interpessoais é perdida, desumanizando seus atores e forçando os mais carentes de atenção a exagerarem suas atitudes para que pareçam interessantes o suficiente.

O Facebook é a rede da vez. Ela morrerá, surgirão outras. Abandoná-las é tão inviável quanto viver sem cartão de crédito, celular, conta bancária, plano de saúde, emprego ou qualquer tipo de atividade que deixe registros.

Mais do que isso, abandoná-las reduz oportunidades reais de autoexpressão, convívio, crescimento pessoal, aprendizado e intercâmbios sociais em geral.

Já que os processos de socialização digital e construção de identidade são inevitáveis é importante redefinir, com eles, os limites e regras de etiqueta no convívio.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luliradfahrer/2014/05/1448779-eu-nao-quero-saber-da-sua-vida.shtml>. **Acesso em:** 03 jun. 2014.

ANEXO E – Atividade Inicial de Produção Escrita

O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO: ATIVIDADE I

Sobre o texto: Eu não quero saber da sua vida

1. O autor introduz o tema e seu ponto de vista sobre o assunto nos quatro primeiros parágrafos do texto.

a) No 1º parágrafo, ele começa citando um fato sobre o qual as pessoas em geral reclamam. Qual é esse fato? _____

b) Nos três parágrafos seguintes, ele expõe sua opinião sobre o fato mencionado. Qual é ela? _____

2. Nos parágrafos de 5 a 8, o autor traz exemplos e argumentos que sustentam o ponto de vista anunciado. Para dar mais peso a seus argumentos, ele utiliza algumas estratégias. Encontre, no texto, as estratégias abaixo:

a) menção a fatos do cotidiano; _____

b) utilização de vozes de autoridade; _____

c) comparação com situações reais. _____

3. Nos três últimos parágrafos, o autor finaliza sua argumentação, ratifica seu ponto de vista e conclui seu texto com uma sugestão que ele acredita ser interessante para minimizar os problemas levantados.

a) O autor faz uma constatação sobre o assunto em debate. Qual é ela? _____

b) Em resumo, qual é a posição do autor a respeito do uso das redes sociais: ele é terminantemente contrário ou é favorável, ou busca uma posição intermediária? Explique. _____

4. Com base em suas respostas às questões anteriores, levante hipóteses:

a) Para escrever um artigo de opinião, é necessário defender apenas um lado da discussão e negar completamente o outro? _____

b) É preciso, no artigo de opinião, dizer necessariamente que um lado é bom e o outro é ruim? _____

c) Qual a vantagem de se fazerem ponderações sobre os diferentes lados do assunto em um artigo de opinião? _____

5. Agora é a sua vez. Imagine que, como adolescente, você tenha sido convidado (a) por um blog para escrever um artigo de opinião com base no tema: **Gravidez na adolescência: o papel da família, da escola, da mídia e do governo na conscientização dos jovens**. O seu texto comporá uma seção especial do blog com artigos de opinião diversos sobre o mesmo tema, escrito por médicos, pais, professores e estudantes. E a proposta é que você seja o representante adolescente, isto é, com base em sua experiência, escreva um texto expondo a sua visão do assunto.

ANEXO F – Texto Lido e Analisado no Módulo de Leitura

TEXTO I

GRÁVIDAS NO CONTRAFLUXO

Jairo Bouer

Recentemente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) lançou a pesquisa Indicadores Sociais 2007, e um dos dados que mais chamou a atenção foi o número de adolescentes que tiveram filhos nos últimos dez anos. Em 1996, 6,9% das garotas entre 15 e 17 anos já eram mães. Esse número subiu para 7,6% em 2006. Você pode até pensar que o aumento não foi tão grande assim, se não fosse por um detalhe: essa é a única faixa etária em que a taxa de fecundidade aumentou. Ou seja, as mulheres estão tendo menos filhos e as adultas estão esperando mais para se tornarem mães. Só as adolescentes vêm no contrafluxo. Para se ter uma ideia, na faixa dos 18 aos 24 anos, a fecundidade caiu de 38% para 34,9% durante os últimos dez anos. Quer mais um número impressionante? De todos os partos realizados pelo SUS (Sistema Único de Saúde) no ano passado, quase 16% deles envolveram garotas com menos de 19 anos, ou seja, elas engravidaram ainda na adolescência.

Esse aumento de mães adolescentes é bastante preocupante. Não é só por causa da questão emocional que a gravidez na adolescência deve ser evitada. Vendo sob o aspecto da saúde, a gestação precoce é considerada de alto risco, mesmo que a garota seja muito saudável. Como o corpo da adolescente ainda não está completamente desenvolvido, as condições para a realização do parto são mais complicadas. Além disso, os bebês gerados por adolescentes têm uma tendência maior a nascerem prematuros e abaixo do peso normal – o baixo peso, menos de 2,5 quilos ao nascer, é um dos fatores de risco para a mortalidade infantil. A chance de uma adolescente ter hipertensão (pressão alta na gestação), por exemplo, é cinco vezes maior do que uma mulher adulta. O risco de desenvolver anemia durante a gravidez também é maior entre as adolescentes. A coisa é bem séria: a gestação precoce é a terceira causa de morte de garotas entre 15 e 18 anos no Brasil.

Outro ponto a ser levado em consideração é a evasão escolar. Pense bem: se às vezes já é difícil levar os estudos direitinho sem ter que cuidar de um bebê, imagine uma garota que tem de amamentar, trocar fralda, preparar papinha e que não vai conseguir dormir bem porque seu bebê chora a noite inteira! Sem contar que muitas ficam com vergonha de voltar para a escola depois de terem seus bebês. Por isso, tantas meninas saem da escola quando engravidam. Um estudo feito pela ONU, com mais de 10 mil brasileiros na faixa etária de 15 a 17 anos, mostra

que 56% dos jovens que abandonam a escola são garotas. Um quarto delas parou de estudar porque engravidou na adolescência. Isso torna a gravidez precoce a maior causa de evasão escolar entre as meninas que deveriam estar no Ensino Médio.

O problema não é só durante a gestação ou logo após o parto. Mesmo depois de terem seus filhos, a taxa de retorno à escola é bem baixa entre as jovens mães. Para agravar ainda mais a situação, cerca de 40% das garotas que têm filho antes dos 18 anos voltam a engravidar dentro de 3 anos. Complicado, hein?

BOUER, Jairo. Disponível em: <http://blog.educacional.com.br/jairo_bouer/p74553/#cmnt>. Acesso em: 21 out. 2018.

ANEXO G – Atividades Propostas para o Módulo de Leitura

ROTEIRO DE ESTUDO

1. Diante do contexto histórico e das divergências que afetam o cenário social brasileiro, qual é a questão polêmica ou o problema social tratado no texto?
2. Qual a tese (ponto de vista) defendida pelo autor a respeito dessa questão?
3. Para apresentar a situação do problema social, o autor do texto lança como argumento: “Recentemente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) lançou a pesquisa Indicadores Sociais 2007, e um dos dados que mais chamou a atenção foi o número de adolescentes que tiveram filhos nos últimos dez anos. Você pode até pensar que o aumento não foi tão grande assim, se não fosse por um detalhe: essa **é** a única faixa etária em que a taxa de fecundidade **aumentou**”.
Que efeito de sentido o autor pretende provocar, ao utilizar os verbos destacados na 3ª pessoa do presente e do pretérito do indicativo?
4. Retire do texto um argumento que sustente a opinião defendida pelo autor.
5. Observe o quadro abaixo e, com base nos tipos de argumentos apresentados, relacione os trechos ao tipo correspondente.

Argumentos	Tipos de argumento
_____	Argumentos de autoridade: citação da fala de algum especialista no assunto ou de dados de pesquisa.
_____	Argumentos de princípio: citação de valores, direitos garantidos por lei ou fortemente aceitos por um grupo social.
_____	Argumentos com relação de causa e consequência: os argumentos são apresentados como “efeitos”, isto é, consequências de uma ideia antes apresentada.
_____	Argumentos por exemplificação: são apresentados fatos que exemplificam, ilustram a ideia defendida.

- a) Outro ponto a ser levado em consideração é a evasão escolar. [...] **Um estudo feito pela ONU, com mais de 10 mil brasileiros na faixa etária de 15 a 17 anos, mostra que 56% dos jovens que abandonam a escola são garotas.**

b) Outro ponto a ser levado em consideração é a evasão escolar. Pense bem: **se às vezes já é difícil levar os estudos direitinho sem ter que cuidar de um bebê, imagine uma garota que tem de amamentar, trocar fralda, preparar papinha e que não vai conseguir dormir bem porque seu bebê chora a noite inteira!** Sem contar que muitas ficam com vergonha de voltar para a escola depois de terem seus bebês. Por isso, tantas meninas saem da escola.

c) Só as adolescentes vêm no contrafluxo. **Para se ter uma ideia, na faixa dos 18 aos 24 anos, a fecundidade caiu de 38% para 34,9% durante os últimos dez anos.**

Observe o trecho, em seguida responda às questões 5 e 6.

“Outro ponto a ser levado em consideração é a evasão escolar. Pense bem: se às vezes já é difícil levar os estudos direitinho sem ter que cuidar de um bebê, imagine uma garota que tem de amamentar, trocar fralda, preparar papinha e que não vai conseguir dormir bem porque seu bebê chora a noite inteira! Sem contar que muitas ficam com vergonha de voltar para a escola depois de terem seus bebês. Por isso, tantas meninas saem da escola.”

6. A expressão destacada, **“Pense bem”**, introduz uma maneira dialógica que o autor utiliza para convencer o leitor a compactuar com o seu ponto de vista. Essa expressão pretende conduzir o leitor a:

- | | |
|-----------------------------|-------------------------|
| a) desacreditar da situação | b) duvidar do argumento |
| c) refletir sobre o assunto | d) indicar uma certeza |

7. Na frase: **“Por isso**, tantas meninas saem da escola quando engravidam”, o conectivo destacado relaciona a evasão escolar ao fato de uma gravidez precoce. Podemos dizer que a função do conectivo foi revelar:

- | | |
|-------------------|--------------------|
| a) uma explicação | b) uma alternativa |
| c) uma oposição | d) uma conclusão |

8) Onde esse artigo foi publicado? Ele poderia ter sido publicado em outro suporte? Qual (is)?

9) Baseado no suporte de divulgação de um artigo de opinião, em que esfera o gênero circula?

- | |
|------------------------|
| a) artístico-literária |
| b) publicitária |

- c) religiosa
- d) jornalística

10) O texto se encontra dividido em parágrafos. Vamos encontrar:

- a) O(s) parágrafo(s) em que o assunto é apresentado e em que a tese (ponto de vista) é formulada.
- b) O(s) parágrafo(s) em que o assunto começa a ser comentado, avaliado, argumentado e contra-argumentado.
- c) O parágrafo em que o articulista encerra o texto.

11) Com que finalidade o artigo foi construído?

12) Há relação entre o título e o ponto de vista do autor sobre o assunto tratado? Comente a resposta dada.

13) A quem o texto se destina?

14) O que significa contrafluxo? E, segundo o artigo, quem são as grávidas que se encontram no contrafluxo? Há relação entre o título e o texto? Explique.

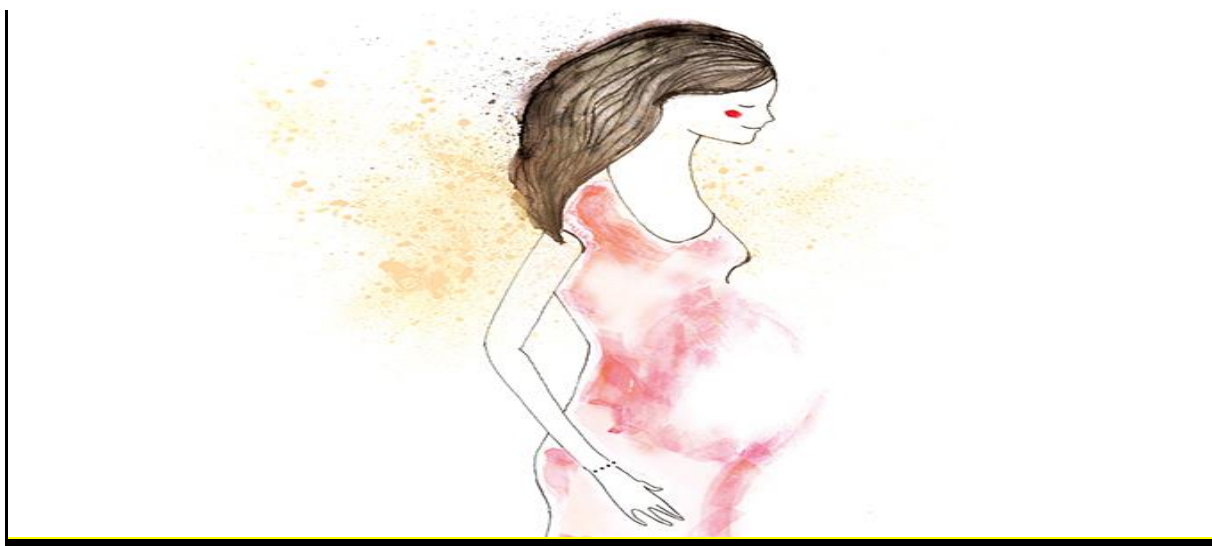
ANEXO H – Texto Lido e Analisado no Módulo de Leitura

TEXTO II

Gravidez não planejada, um problema de saúde pública

Carolina Sales*

O uso equivocado de métodos anticoncepcionais e a falta de planejamento público culminam em problemas que vão além do imaginado, como mostra uma *expert*.



A gravidez não planejada é um problema muito maior do que se imagina (Ilustração: Eva Uviedo/SAÚDE é Vital).

No Brasil, estima-se que, de cada dez mulheres que não desejam **engravidar**, oito estão em uso de algum **método anticoncepcional**. Isso mostra uma boa cobertura nas táticas de contracepção. Era de se esperar, portanto, que teríamos um baixo número de gestações não planejadas. Por incrível que pareça, não é isso que acontece: **mais da metade dos nascimentos no país não foi programada**. Como explicar tamanho paradoxo?

Vamos lá: gestações não planejadas têm múltiplas causas, como a qualidade da educação e a falta de metas dos governos em saúde reprodutiva. Mas por que a grande abrangência dos métodos anticoncepcionais não minimiza esse fenômeno?

Isso está relacionado à pequena quantidade de mulheres que usam métodos altamente eficazes e que não dependem da memória da usuária. Refiro-me aos DIUs e ao implante hormonal. Essas opções, cujo índice de falhas é igual ou menor que o do procedimento de laqueadura, são usadas por menos de 2% das brasileiras.

Por aqui, os campeões são a pílula e o preservativo, métodos mais sujeitos ao uso incorreto — não há como garantir a eficácia da pílula em caso de esquecimento ou má adesão. Não à toa, ela e a camisinha apresentam cerca de 20 vezes mais falhas que os DIUs e implantes.

De acordo com a pesquisa Nascer no Brasil: Inquérito Nacional Sobre Parto e Nascimento, 55,4% das mulheres não planejaram sua última gestação. Os grupos em que isso mais ocorre são os das adolescentes, usuárias de drogas e portadoras de doenças crônicas. Esse dado reforça a necessidade de criar estratégias diferenciadas para esses segmentos da população.

A ausência de planejamento faz com que boa parte dessas mulheres não se cuide da melhor forma durante a gravidez, aumentando os riscos para elas (depressão pós-parto, aborto ilegal, violência doméstica...) e para os bebês (parto prematuro, baixo peso ao nascer, menor tempo de amamentação...).

Sem falar nos prejuízos econômicos: calcula-se que o Brasil gaste 4,1 bilhões de reais por ano com gestações não planejadas. Por essas e outras, esse fenômeno perpetua o ciclo de pobreza, especialmente entre adolescentes, uma vez que só 25% das jovens que engravidam continuam estudando.

Educar a população e viabilizar o acesso aos melhores meios contraceptivos são formas de garantir às brasileiras o direito de decidir sobre o melhor momento de ter um filho. E, ao assegurar esse direito, poderemos diminuir as desigualdades entre homens e mulheres, resguardar a saúde delas e construir uma sociedade mais próspera.

*Carolina Sales é médica, professora do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e chefe do Setor de Anticoncepção da instituição.

Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/.../gravidez-nao-planejada-um-problema-de-saude-publica/>>. Acesso em: 8 mai. de 2018.

ANEXO I – Texto Lido e Analisado no Módulo de Leitura

TEXTO III

Gravidez na adolescência: riscos e cuidados necessários

Esses casos estão cada vez mais associados ao início precoce da vida sexual, falta de informação e desconhecimento de métodos contraceptivos eficientes.

Cláudio Basbaum

Em se tratando de gravidez na adolescência no Brasil - bebês nascidos vivos de mães entre 10 e 19 anos - embora tenha tido uma queda de 17% em comparação com os dados estatísticos oficiais de 2015, nosso país ainda está em uma posição muito alta dentre os países com fecundidade precoce, mesmo quando comparado com Índia e Paquistão, países que permitem o casamento infantil.

Hoje 66% das gravidezes em adolescentes são indesejadas. Em geral, não é uma decisão voluntária ou consciente, sendo muito frequentemente, produto de violência e abuso, mas também por busca de afeto e curiosidade sexual. Está diretamente associada à iniciação cada vez mais precoce da vida sexual, falta de informação e desconhecimento de métodos contraceptivos eficientes.

Mais frequentemente acontece com as jovens mais pobres, de cor negra e com menor escolaridade, tendo forte impacto negativo nas perspectivas futuras, tanto pessoais quanto profissionais, o que perpetua a pobreza e exclusão social.

A queda no número de adolescentes grávidas deve-se ao programa Saúde da Família do Ministério da Saúde que as aproxima dos profissionais de saúde, promove ações em educação sexual e direitos reprodutivos. Ademais, oferece mais acesso aos métodos contraceptivos, através da distribuição da pílula combinada e mini-pílula, anticoncepção de emergência, anticoncepcional injetável, diafragma, assim como preservativo feminino e masculino.

Quando uma adolescente engravida, em geral ela é solteira, ainda imatura emocionalmente, sendo o casal despreparado para ter uma relação estável e poder criar uma criança. Esta incapacidade conduz a profundas repercussões negativas em todos aspectos da vida dos protagonistas.

O suporte familiar para os jovens pais deve ser compreensivo e afetuoso, não apenas com os cuidados médicos-obstétricos no pré-natal, mas também sob os aspectos psicológico, social e com ênfase na orientação no campo da amamentação e puericultura.

Do ponto de vista biológico, ter sempre em mente que uma gravidez na adolescência predispõe a riscos, tais como, maior índice de malformações, abortamento espontâneo, atrasos no desenvolvimento do feto, maior índice de parto prematuro, parto cesariano e outros, fato que nos autorizam estar com um olhar muito mais atento para que as gestações em adolescentes, sobretudo naquelas com menor faixa etária, como sendo potencialmente gestações de alto risco.

Em geral as adolescentes demoram muito para descobrir e/ou comunicar que estão grávidas, por ignorância, medo ou vergonha, negligenciando os cuidados com seu estado e retardando a busca de um acompanhamento pré-natal competente.

A incidência de doenças infecciosas, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), doença hipertensiva, doenças metabólicas (entre as quais o diabetes), são mais frequentes nesta população de jovens gestantes fazendo com que o risco de morte seja 5 vezes maior, em função das complicações, tanto na gravidez, quanto no parto ou no pós-parto.

Por todos estes motivos, fica claro o importante papel do profissional da saúde na lida com a gestante adolescente e seus familiares, através de uma abordagem delicada, respeitosa, sem discriminação ou preconceitos, escutando, esclarecendo e orientando com a mais ampla disponibilidade.

Disponível em: <<https://www.minhavidade.com.br/saude/materias/31542-gravidez-na-adolescencia-riscos-e-cuidados-necessarios>>. Acesso em: 03 out. 2018

ANEXO J – Texto Lido e Analisado no Módulo de Leitura

TEXTO IV

Número de adolescentes grávidas no Brasil cai 17% entre 2004 e 2015

André Borges - 30 mar.2016/Agência Brasília



Educação em saúde tem sido a principal política de prevenção à gravidez na adolescência

10/05/2017

O número de bebês nascidos de mães adolescentes no Brasil teve uma queda de 17% entre 2004 e 2015. É o que mostra a Pesquisa Saúde Brasil, do Ministério da Saúde, divulgada nesta quarta (10), que leva em conta dados preliminares do Datasus.

O total de nascidos vivos de mães entre 10 e 19 anos caiu de 661.290 para 546.529 no período. Isso representa 18%, ou um em cada cinco, dos 3 milhões de nascidos vivos no país em 2015.

Apesar de o número absoluto ter diminuído, essa proporção variou pouco nos últimos anos, permanecendo em patamares bastante elevados, como mostrou reportagem da **Folha** em fevereiro. Nos Estados Unidos, por exemplo, os bebês de mães jovens são perto de 6% do total (taxa que caiu 44% entre 2007 e 2015).

O estudo do Ministério da Saúde também aponta que 66% do total de mães adolescentes em 2015 não desejavam a gravidez. Mostra ainda que a tendência nesta faixa etária é de

aumento nos partos normais – esse tipo de procedimento subiu de 55%, em 2013, para cerca de 70%, em 2014.

A pasta avalia que a redução das gestações precoces tem relação com políticas educativas e ações para o planejamento reprodutivo do governo. Uma das iniciativas, afirma, é a distribuição das Cadernetas de Saúde de Adolescentes, com orientações a meninas e meninos.

Outra política de prevenção, segundo o ministério, é a distribuição de métodos contraceptivos além dos preservativos, como a pílula combinada e a minipílula (orais), a anticoncepção de emergência (pílula do dia seguinte), o anticoncepcional injetável mensal e trimestral (injeções de hormônio) e o diafragma (copinho intravaginal).

Recentemente, a pasta anunciou a oferta do DIU de cobre (dispositivo intrauterino), que pode durar até dez anos, em todas as maternidades brasileiras. Entre os métodos distribuídos pelo governo federal, no entanto, esse é o único de longa duração.

Existem ainda o DIU hormonal e o implante, um bastão de 4 cm que é colocado abaixo da pele, no braço, e dura três anos. Esses modelos são apontados por médicos como os mais eficazes para evitar a gravidez na adolescência. Foram alguns dos recursos que ajudaram os EUA a reduzir suas taxas, por exemplo.

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1882762-numero-de-adolescentes-gravidas-no-brasil-cai-17-entre-2004-e-2015.html>>. Acesso em: 03 out. 2018

ANEXO K – Atividades Propostas para o Módulo de Leitura

ROTEIRO DE ESTUDO

- 1) Os autores dos textos 2 e 3 tratam da mesma problemática social? Explique com redação própria.
- 2) Em relação ao texto 2:
 - a) O autor atribui algumas causas responsáveis pela gestação indesejada em adolescentes. Quais?
 - b) Qual o perfil das adolescentes que mais engravidam precocemente?
 - c) O ginecologista apresenta alguma posição sobre o assunto?
- 3) Em relação ao texto 3:
 - a) O texto apresenta dados de uma pesquisa. Qual a finalidade dessa pesquisa?
 - b) Qual a importância da apresentação de dados estatísticos para esse modelo de texto?
 - c) Esse texto apresenta alguma opinião do autor sobre o assunto?
- 4) Os dois textos apresentam a queda do número de adolescentes grávidas no país. De que forma cada um apresenta essas informações?
- 5) O título de um artigo de opinião, como já vimos, deve ser construído em torno do ponto de vista a ser defendido pelo articulista, como estratégia de antecipar o que será tratado no decorrer da produção. Nesse sentido, lendo os títulos dos textos 2 e 3, qual deles é o mais propício para intitular o gênero em questão?
- 6) Cite, do texto 2, um argumento de causa e consequência, usado pelo autor em defesa do seu ponto de vista.
- 7) Para a construção da argumentação, no texto 2, o autor utiliza adjetivos, verbos, advérbios, entre outras escolhas vocabulares, para introduzir as opiniões e avaliações acerca da questão polêmica. Identifique o efeito de sentido de cada expressão destacada abaixo.

a) “**Hoje** 66% das gravidezes em adolescentes são indesejadas. [...] **sendo muito frequentemente**, produto de violência e abuso, mas também por busca de afeto e curiosidade sexual”.

b) [...] nosso país **ainda está** em uma posição muito alta dentre os países com fecundidade precoce [...]

c) Quando uma adolescente engravida, em geral ela é **solteira**, ainda **imatura emocionalmente**, sendo o casal **despreparado** [...]

8) Qual a importância do estudo baseado em pesquisas, para apresentar as informações acerca da temática abordada nos textos 2 e 3?

9) Retiramos do texto 2 mecanismos linguísticos responsáveis pela ligação entre argumentos e pontos de vistas. Informe os efeitos de sentido que esses elementos pretendem.

a) “[...] **embora** tenha tido uma queda de 17% em comparação com os dados estatísticos oficiais de 2015, nosso país **ainda está** em uma posição muito alta dentre os países com fecundidade precoce, [...]”.

b) “[...] nosso país **ainda está** em uma posição muito alta dentre os países com fecundidade precoce, **mesmo quando** comparado com Índia e Paquistão, países que permitem o casamento infantil”.

c) “[...] sendo muito frequentemente, produto de violência e abuso, **mas também** por busca de afeto e curiosidade sexual”.

d) “[...] **Esta** incapacidade conduz a profundas repercussões negativas em todos os aspectos da vida dos protagonistas”.

10) Os textos 2 e 3 pertencem a mesma esfera. Mediante esta informação, eles pertencem ao mesmo gênero? Qual o gênero desses textos?

11) Os textos 2 e 3 possuem a mesma finalidade ou objetivo? Explique com redação própria.

12) Lendo o último parágrafo dos textos 2 e 3, podemos chegar a uma determinada conclusão sobre o tema abordado? Explique, apontando em qual deles podemos encontrar uma sugestão para o problema social abordado.

ANEXO L – Atividades Propostas para o Módulo de Escrita

ROTEIRO DE ESTUDO

O ponto é empregado no final de frases declarativas.

A vírgula é um sinal de pontuação indicada para uma pausa breve. Ela é usada para separar palavras na oração, bem como orações no período composto. Dentre algumas de suas atribuições, os autores Cereja e Cochar (2012) orientam que não se deve separar o sujeito do verbo e o verbo de seus objetos com vírgula; os referidos autores elencam ainda algumas atribuições para o uso deste sinal. Dentre elas, escolhemos algumas para trabalharmos.

- a) Separar termos que exercem a mesma função sintática, exceto ligados por: e, ou, nem;
- b) Isolar expressões explicativas, como isto é, por exemplo, ou melhor, a saber, ou seja;
- c) Isolar as orações subordinadas adverbiais, quando vêm antepostas ou intercaladas à oração principal;
- d) separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pela conjunção “e”.

1) Os trechos abaixo foram retirados de artigos em processo de produção, que apresentam a ausência ou o uso indevido desses sinais de pontuação. Identifique-os e corrija-os.

- a) “[...] algumas familias podem ser a favor pois como a taxa de gravidez ou seja a chance de engravidar da mulher decai com a idade algumas mulheres podem querer ser mãe mais cedo [...]”
- b) “A gravides na adolescência, e um fato comun hoje em dia que ocasiona problemas emocionais familiares e físicos que pode chegar ao ponto que a adolescente abórta a crinaça”
- c) “Primeiramente eu acho que os adolescentes deviam ter consciência que não deveriam ter filhos tão novos, e deviam usar camisinha mas já que quase todos os adolescentes tem filho eu acho que o governo deveria legalizar o aborto no caso de ‘estrupe’ [...]”
- d) “A mídia muitas vezes ficam apunhalando esses jovens, mas eles deveriam ficar calados.”
- e) “A familia é o principal tem que apoiar, dar amor porque a familia que dar apoio ajudar com o bebê que estar vindo da amor à criança dar ensino a criança ensinar o que é e o que é errado.”

2) Na língua escrita, uma grande variedade de palavras recebe acento gráfico para indicar a sílaba tônica e para facilitar a leitura e a compreensão destas. Temos o acento agudo, que indica sons abertos, e o circunflexo, que indica sons fechados ou indicação de nasalização. Algumas regras básicas de acentuação são apresentadas pelos autores Cereja e Cochar (2012):

- a) Recebem acentos gráficos as paroxítonas terminadas em ditongos;
- b) São acentuados os monossílabos tônicos terminados em “a” e “o”;
- c) Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas;
- d) Os verbos ter e vir são acentuados na terceira pessoa do plural para diferenciá-los da forma do singular;
 - Com base nessas regras, observe os trechos apresentados na questão anterior, identifique os problemas referentes à acentuação e faça as devidas correções.

3) Nos fragmentos retirados de artigos em processo de produção, encontramos mais alguns desvios de acentuação. Que palavras devem ser acentuadas?

- a) “Eu acho que os jovens deveriam ter mais consciencia de seus atos, ter filhos na adolescencia não é certo.”.
- b) “[...] fazer o possivel para a criança não crescer com a mesma indole da Mãe ou do Pai.”
- c) “A familia e a primeira a saber e a ultima a tentar ajudar as vezes.”
- d) “A escola e a midia tem grandes papeis para a consientisação.”
- c) “Ja à escola deveria ajudar a jovem a superar o trauma da gravidez na adolescência.”

4)) Leia a expressão abaixo, retirada de mais um texto em processo de produção e aplique os conhecimentos adquiridos em aulas anteriores, sobre linguagem formal e linguagem informal. Utilizando a linguagem formal, reescreva essa parte do texto, atente também para a acentuação e a pontuação.

“Muitas vezes a gente toma cuidado mas nem sempre dá certo, as vezes até mesmo é planejado, mas não deixam de julgar, se for por consciência sua, beleza.”

5) De acordo com Cereja e Cochar (2012), a **ortografia** é a parte da gramática que trata das normas do sistema de escrita da língua; os referidos autores elencam algumas normas básicas de escrita:

- a) Emprega-se a letra “z” em substantivos abstratos resultantes de adjetivos + **ez** ou **eza**;
- b) “Há” como forma do verbo haver, escreve-se com “h”;

- c) Distinguir foneticamente o “sc” dígrafo do “sc” encontro consonantal;
- d) Só devemos usar o “ç” antes de “a”, “o”, “u”;
- e) Usa-se “por que” em frases interrogativas – diretas ou indiretas – e afirmativas, e “porque” em orações que explicam algo ou indicam a causa de algo.

- Com base nas regras expostas, observe os fragmentos abaixo, identifique as inadequações apresentadas e corrija-as.

I- “A gravidez na adolescência, é um fato comum hoje em dia [...]”.

II- “Eu acho que os jovens deveriam ter mais consciência de seus atos [...]”.

III- “Hoje em dia é comum você andar pela rua e ver jovens com bebês nos braços [...]”.

IV- “Bom gravidez na adolescência é uma coisa muito complicada por que a família não sabe como agir [...]”.

V- “No mundo há vários métodos de prevenção e os números só aumentam.”

ANEXO M – Texto Lido e Analisado no Módulo de Escrita

TEXTO V

Índice de gravidez na adolescência no Brasil é um dos mais altos do mundo

18 de setembro de 2018



Por Valéria Ribeiro, *coach* familiar especializada em psicologia e desenvolvimento humano

A menina que se encontra nessa fase da vida, marcada por mudanças físicas e mentais, não está suficientemente preparada para a gestação.

Apesar de toda a informação e as campanhas de conscientização, seja na TV, internet ou mesmos nas escolas públicas e privadas, o índice de adolescentes que engravidam na adolescência, entre os 12 aos 19 anos, no Brasil, ainda é bem grande. Os números se comparam a países onde é permitido o casamento infantil, tais como Sudão do Sul, Índia e Nigéria.

Segundo estudo divulgado em 2013 foi constatado que, no Brasil, 12% das adolescentes de 15 a 19 anos têm pelo menos um filho. Em 2000, foram 750.537 bebês nascidos por partos de adolescentes de 10 a 19 anos. Nesse mesmo ano, o Brasil estava em 54º lugar no ranking mundial do índice de fecundidade em meninas entre 15 e 19 anos. Outro dado alarmante é que cerca de 30% das meninas que engravidam na adolescência acabam tendo outro filho no primeiro ano pós-parto. Em recente pesquisa no Estado de São Paulo, devido às políticas públicas implementadas, o índice diminuiu em 34%, mas somente para este estado.

Valéria Ribeiro, *coach* familiar especializada em psicologia e desenvolvimento humano, destaca inúmeras consequências na saúde de uma gravidez na adolescência: anemia, maior índice de aborto natural, pressão alta durante a gravidez, dificuldade durante o parto por imaturidade da pelve, aumento no índice de rejeição ao bebê, aumento da possibilidade de depressão pós-parto e óbito da mãe e/ou do bebê.

Valéria conta que “a gravidez precoce também pode gerar conflito interior, pela insegurança financeira e as dificuldades em educar a criança, por isso, os adolescentes necessitam de cuidado, atenção e apoio dos pais. Entretanto, esse apoio da família nem sempre

acontece, pois há pais que acabam, ainda nos dias de hoje, por expulsar suas filhas de casa, fato esse que acontece bem menos com meninos”, explica.

A gravidez na adolescência leva vários adolescentes a deixarem de estudar e assumirem um relacionamento sério devido à gestação. Há também os que optam por abortar e, em alguns casos, ocorre o abandono do bebê logo após o nascimento. Na atualidade, 90% dos bebês que nascem de gravidez na adolescência acabam sob o cuidado dos avós, que cuidam e assumem a responsabilidade que não é deles, pois, os pais adolescentes ainda querem curtir a vida e viver como se nada tivesse acontecido. “Nesses casos é preciso encontrar um equilíbrio entre as responsabilidades dos pais e a ajuda dos avós, pois é preciso que esses adolescentes se conscientizem do ato cometido, para que, assim, não voltem a incorrer no mesmo problema”, aconselha Valéria.

Muitas adolescentes quando se descobrem grávidas pensam em aborto e, muitas vezes, são incentivadas por seus parceiros que também são adolescentes. O aborto no Brasil é ilegal e põe em risco a vida da menina, pois esses procedimentos acontecem em lugares clandestinos. Nesses casos, é mais aconselhável deixar os bebês para adoção logo após o nascimento, assim poderão ter a oportunidade de terem um lar, bem como uma mãe e pai.

Cabe dizer, que essa não é uma decisão fácil e deve ser discutida entre os pais adolescentes e os avós do bebê que nascerá.

A gravidez na adolescência pode ocorrer por diversos fatores: atividade sexual precoce e inconsequente violência sexual, dificuldade no diálogo familiar sobre o assunto; desconhecimento dos métodos para evitar a gravidez e o apelo midiático quando o assunto é sexo.

“Há diversos métodos contraceptivos, mas é principalmente recomendada a utilização de camisinha em todas as relações sexuais, não somente para evitar a gravidez, mas também para não contrariem doenças venéreas”, alerta a especialista.

Porém, a melhor prevenção é que as jovens tenham uma boa educação sexual dentro do seio familiar. “É importante informar sobre os riscos e complicações da gravidez na adolescência e todas as mudanças que acontecem a partir do momento que engravida. O diálogo em família é essencial e deve haver uma conversa aberta e transparente para que as jovens tenham toda a informação ao seu alcance e possam ter atitudes responsáveis e não ter surpresas indesejadas”, finaliza Valéria.

Disponível em: <<https://www.papodema.com.br/2018/09/18/indice-de-gravidez-na-adolescencia-e-um-dos-mais-altos-do-mundo/>>.

ANEXO N – Atividades Propostas para o Módulo de Escrita

ROTEIRO DE ESTUDO

O autor do artigo defende o ponto de vista de que o número de adolescentes grávidas, no Brasil, ainda é bem grande, mesmo com todas as informações e campanhas de prevenção sobre a gravidez na adolescência. Para sustentar a opinião, o articulista utiliza variados argumentos, como:

Argumento por evidência, baseado em evidências que se aplicam aos dados considerados;

Argumento por exemplificação, baseado em exemplos representativos para justificar a tese;

Argumento de autoridade, baseado em autoridades no assunto;

Argumento por causa e consequência, baseado em efeitos relacionados a causas anteriores.

1. Após essa revisão do assunto, identifique no artigo um argumento para cada tipo apresentado:

a) Argumento por evidência: _____

b) Argumento por exemplificação: _____

c) Argumento de autoridade: _____

d) Argumento por causa e consequência: _____

2. Há contra-argumentação no artigo? Caso encontre, comente-a.

3. Observe o fato apresentado na tirinha e identifique, no artigo lido, o argumento que condiz com o texto da tira.



Fonte: <<http://www.humordaterra.com/tirinhas/gravidez-na-adolescencia/>>

4. O trecho seguinte faz parte de um artigo em processo de produção, nele encontramos argumentos inconsistentes, usados para sustentação da tese. Tente encontrar soluções para resolver estas dificuldades.

“Eu acho que a mulher tem que ter filho quando ja tiver madura e souber criar uma criança porque se ela não souber criar uma criança, ele pode adoecer ou algo pior. Uma mãe tem que ter muita responsabilidade com os filho tipo dar banho, levar a escola etc [...]”.

5. Para apresentar e alicerçar os seus argumentos, o autor do artigo recorreu a algumas expressões da língua para construir relações de sentidos entre as ideias. Sendo assim, aponte os efeitos de sentido, expressos nos trechos destacados:

“A gravidez precoce **também** pode gerar conflito interior, pela insegurança financeira e as dificuldades em educar a criança, **por isso**, os adolescentes necessitam de cuidado, atenção e apoio dos pais. **Entretanto**, esse apoio da família **nem sempre** acontece, **pois** há pais que acabam, **ainda nos dias de hoje**, por expulsar suas filhas de casa, fato que acontece **bem menos** com meninos, explica”.

6. É comum, nos textos, a presença de elementos que indiquem retomada, substituição de termos para evitar a repetição desnecessária, antecipações. Dessa forma, indique os termos a que se referem as palavras destacadas:

“A gravidez na adolescência leva vários adolescentes a deixarem de estudar e assumirem um relacionamento sério devido à gestação. Há também **os** que optam por abortar e, em **alguns** casos, ocorre o abandono do bebê logo após o nascimento. Na atualidade, 90% dos bebês que nascem de gravidez na adolescência acabam sob o cuidado dos avós, **que** cuidam e assumem a responsabilidade que não é **deles**, pois, os pais adolescentes ainda querem curtir a vida e viver como se nada tivesse acontecido”.

7. Releia o trecho: “**Na atualidade**, 90% dos bebês que nascem de gravidez na adolescência acabam sob o cuidado dos avós, que cuidam e assumem a responsabilidade que não é deles, pois, os pais adolescentes ainda querem curtir a vida e viver como se nada tivesse acontecido”. Qual o efeito de sentido da expressão modalizadora sublinhada no texto?

8. Conforme já estudamos, os elementos de coesão são fatores importantes em um texto, pois o

uso desses mecanismos permite a coerência entre as ideias, além de evitar repetições demasiadas nas produções. Leia os trechos abaixo, retirados dos artigos em processo de produção, e faça os devidos ajustes:

a) “[...] acho que a mídia e o governo ajudar nesse problema pois o governo deveria disponibilizar mais empregos e mais oportunidades de emprego e mais ensino com bons ensino [...]”.

b) “O numero de grávidas na adolescencia aumenta e a população fica assustada com esse numero exorbitante. No mundo a varios metodos de prevenção e os numeros so aumentão”.

c) “Embora pensarmos que seja impossível ‘vencer’ essa barreira, podemos enfatizar mais esse assunto que está quase sendo esquecido, pois é essencial lembrar esse assunto, para que possamos ajudar-los”.

ANEXO O – Livro com artigos de opinião produzidos pelos alunos

Josefa Rejane Luiz Ferreira

Mestranda em Letras (PROFLETRAS - UFPB)
e Professora de Língua Portuguesa
da Rede Pública de Ensino.



Carla Alecsandra de Melo Bonifácio

Professora Doutora do Mestrado em Letras:
PROFLETRAS - UFPB



Manoel Geraldo da Costa

"Não precisa ser sofista, mas para defender as
suas teses, irá precisar de uma boa
argumentação."

Professor e Diretor Geral da E.E.E.F.M. Professora
Argentina Pereira Gomes



Norma Alves Ferreira

" A importância em conhecer o mundo
das letras é se tornar uma delas"

Escritora e Vice-diretora da E.E.E.F.M.
Professora Argentina Pereira Gomes



Gravidez na Adolescência

O começo e o...

FIM

Alunos do 9º ano A (2018)
E.E.E.F.M. Profª Argentina Pereira Gomes
Professora/Pesquisadora: Josefa Rejane Luiz Ferreira

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA – O Começo e... O Fim

APRESENTAÇÃO

O livro **“Gravidez na Adolescência - O Começo e o... Fim”** apresenta o produto da dissertação de Mestrado em Letras da professora/pesquisadora, Josefa Rejane Luiz Ferreira. O exemplar demonstra o resultado de um projeto de escrita que foi desenvolvido para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, acerca da produção do gênero discursivo artigo de opinião.

Na referida obra, o leitor vai encontrar 30 artigos de opinião produzidos pela turma do 9º ano A (2018), do turno da tarde, da Escola Professora Argentina Pereira Gomes, da cidade de João Pessoa – Paraíba, sobre o tema gravidez na adolescência. Os textos refletem o posicionamento dos alunos, após a realização de várias leituras, pesquisas, debates e discussões a respeito dessa temática.

O objetivo do livro é divulgar os artigos elaborados pelos participantes da investigação para os pais e responsáveis, para a comunidade escolar e circunvizinhança. A intenção, também, foi despertar, em outros alunos da escola, o gosto pela produção textual escrita, bem como estimular o professor de Língua Portuguesa a utilizar o gênero discursivo como objeto de ensino da língua.

Considerando que a construção de um artigo de opinião requer conhecimento sobre o assunto a ser focalizado e que nem todos os pontos de vistas são iguais, os textos, ora apresentados, esboçam fundamentações também diferenciadas. Vale ressaltar que esses aspectos podem ser constatados mediante a leitura dos artigos.

Por fim, expressamos o nosso agradecimento aos alunos pela participação efetiva, à escola pela parceria e apoio dado ao projeto, à professora orientadora da pesquisa e a toda comunidade escolar que, de forma direta ou indireta, contribuiu para a conclusão deste trabalho.

Boa Leitura!

Josefa Rejane Luiz Ferreira

Professora/pesquisadora

SUMÁRIO

1 Gravidez na adolescência	6
2 Mudanças inesperadas	7
3 Gravidez na adolescência: um problema a ser enfrentado.....	9
4 A gravidez na adolescência	10
5 Gravidez precoce	11
6 Gravidez antes do tempo	13
7 Gravidez fora de hora	14
8 Os conflitos da gravidez precoce	16
9 Gravidez na adolescência	18
10 Gravidez precoce	19
11 A gravidez precoce	20
12 Concepção precoce, um problema?	22
13 Gravidez na adolescência	23
14 Gravidez na adolescência: e agora?	24
15 Gravidez na adolescência: um caso de saúde pública	26
16 Gravidez na adolescência	27
17 A gravidez na adolescência	28
18 Gravidez indesejada ou não conversada	30
19 Adolescência interrompida	32
20 Gravidez na adolescência e suas consequências	33
21 Gravidez na adolescência e suas consequências	34
22 Gravidez na adolescência, e eu com isso?	35
23 Gravidez precoce	37

24 Gravidez na adolescência: problemas ocorridos	39
25 Gravidez na adolescência	41
26 Gravidez na adolescência no Brasil	42
27 Gravidez não desejada	44
28 Gravidez na adolescência	46
29 Gravidez inesperada	48
30 Gravidez precoce e suas mudanças	49
Redação	51

Gravidez na adolescência

Gravidez na adolescência é um assunto muito polêmico e delicado que choca muitas famílias quando isso acontece, fazendo com que algumas sejam a favor e outras contra, ou seja, algumas aceitam e outras não. O meu ponto de vista sobre o assunto é neutro.

É triste dizer que, em alguns casos, as jovens abortam essa criança que não tem culpa por simplesmente ter nascido. Não acho certo, porque elas devem ter consciência que não há como voltar atrás e devem arcar com as responsabilidades que vêm pela frente. Infelizmente, às vezes, o pai abandona a mãe e o filho, não assumindo a criança. Por isso, caso queira ter um filho nesta fase, é bom escolher com cuidado o seu parceiro e ter certeza de que está preparada para enfrentar as consequências e não se complicar no futuro.

Para aquelas que querem evitar a gravidez, há vários métodos como injeções, pílulas, preservativos e até cirurgias. Para as que querem engravidar cedo, conversem com sua família, seu parceiro e até consigo mesma, para ter certeza de que você quer engravidar.

Mudanças inesperadas

No Brasil, segundo o Sistema de Informações de Nascidos Vivos (Sinasc), a gravidez precoce entre meninas de 10 a 19 anos caiu 17% nos últimos anos. Enquanto que em 2014 o número era de 661, 290 nascimentos, em 2015 diminuiu para 546, 329. O que parece uma boa notícia, do meu ponto de vista, ainda é preocupante, já que uma gravidez iniciada nessas idades é considerada de risco, porque o corpo da adolescente ainda não se encontra formado.

Ao que tudo indica a necessidade da liberdade que o adolescente busca e imagina que um filho pode lhe proporcionar isso, a falta de diálogo, um exemplo de um parente ou até mesmo da mãe da adolescente de ter passado por tal problema, além de pais que não dão a atenção que essa fase necessita, podem ser algumas das causas que levam meninas a engravidarem tão cedo.

Por isso, é importante que o histórico familiar seja considerado também, pois pode influenciar afirma a psicóloga, Leila Cury Tardivo.

É possível que a vida acadêmica e social seja afetada, pelo fato de que a chegada de um filho requer muita atenção que pode desviar a adolescente do meio escolar, sem contar com o julgamento de alguns amigos. Isso pode afetar a mente da jovem, pois a mesma sofrendo um julgamento, sente-se desconfortável e poderá se isolar ou provavelmente adquirir uma depressão. Sem dúvidas, esse isolamento

da adolescente proporciona risco grande para o bebê, pois um acompanhamento pré-natal é essencial para o desenvolvimento saudável da criança durante a gestação e quando não é realizado, tanto a mãe como o filho correm sérios riscos.

Enfim, para a diminuição desses números, devem ser criadas atividades dentro e/ou fora da escola para que os jovens tenham mais informações sobre a gravidez precoce, de forma que não pareça ser um assunto chato de conversar.

Não podemos esquecer também, de conscientizar os pais dos adolescentes para que eles possam realizar diálogos sobre esse assunto com os filhos, pois muito deles, ainda alimentam a cultura dos tempos antigos em que esse assunto era restrito.

Gravidez na adolescência: um problema a ser enfrentado

A adolescência é uma fase em que os jovens querem aproveitar muito a vida e se esquecem dos perigos que algumas atitudes incorretas podem trazer. Uma delas é a gravidez precoce que é algo bem comum no Brasil, principalmente, nas áreas mais pobres do país, onde há um número maior desses casos.

Isso é um fato que nos preocupa bastante porque uma gravidez, nesta fase, pode ocasionar uma pobreza maior no país, pois a maioria das jovens que engravida tem que largar a escola para cuidar dos filhos, mesmo bem nova. Isso faz com que seus projetos e sonhos sejam deixados para trás e consequentemente, um aumento de dependência familiar.

Além disso, os filhos que nascem, podem crescer revoltados por terem sido criados na pobreza e na ausência do pai, que por ser também muito novo, acaba abandonando a mãe, às vezes, com o bebê ainda na barriga.

Para evitar estes e outros motivos é sempre bom conscientizar os jovens, através de campanhas, projetos promovidos pelas escolas e pelo governo ou até mesmo uma boa conversa em casa, sobre o uso de preservativos e os perigos de engravidar nesta fase da vida. Acredito que iniciativas como essas, já são um bom começo.

A gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência é um dos problemas que a sociedade enfrenta nos dias atuais. Sabemos muito bem, que precisamos colaborar diante dessa situação para que esse problema seja diminuído.

Provavelmente, a população sofre com a falta de informação e precisa de palestras e ações na comunidade, além de outras atitudes que tragam conhecimentos mais específicos para o público juvenil. O papel da família também é importante, no sentido de alertar sobre a carga de compromissos que espera por eles, pois uma gravidez na adolescência é sinônimo de restrição de liberdade e aceitação de responsabilidade.

A família, a escola e o governo devem interferir profundamente nesses casos, tanto na conscientização de prevenção do sexo seguro como em relação à parte econômica, pois boa parte dessas pessoas tem dificuldades financeiras, ou seja, não tem dinheiro para custear suas necessidades.

A escola, por sua vez, deve explicar aos alunos a importância de se prevenir, pois além de uma gravidez, outros problemas podem vir juntos, como uma das mais conhecidas e temidas das DSTs, a AIDS.

Enfim, o diálogo auxiliará muito nas escolhas dos adolescentes.

Gravidez precoce

A gravidez de forma precoce pode ser vista como uma enorme falta de informação. É tanto que, mais da metade dos nascimentos do país, quando ocorre nesta fase, não foi programada de nenhuma forma. Isso é um problema maior do que se pode imaginar.

Esse ato está quase sendo tratado como casos normais de natureza do ser humano, de tão habitual que está se tornando. São pessoas pouco informadas sobre o assunto e sobre o uso de métodos contraceptivos. E por ser, a adolescência, um forte período em que os jovens estão destinados a descobrir coisas novas da vida, com elas também devem assumir as responsabilidades e os deveres conscientes de adquirir um método contraceptivo e estar com ele em mãos, no momento da relação sexual.

Isso porque, uma gravidez no momento errado, pode ser um adeus a sua vida pessoal, a partir daquele momento, parte de sua paciência, da sua renda, do seu tempo e responsabilidade são totalmente voltados para seu filho, até o final de uma dessas vidas. Isso é um comprometimento muito forte, enquanto vários casais planejam uma gravidez durante anos, jovens muito mal informados tratam isso como uma enorme brincadeira.

Com certeza, os métodos contraceptivos são diversos e podem ser adquiridos por qualquer pessoa, de qualquer classe social. É

melhor utilizá-los do que adquirir sequelas como as DSTs ou mesmo uma gravidez imatura. Dentre os mais populares está a camisinha, porém existem outros como: a tabelinha, pílulas, laqueaduras e DIUs que também são de fácil acesso.

Enfim, eu volto a destacar que, adolescentes com hormônios a flor da pele não se dariam ao trabalho de seguir o conselho dos pais, portanto o governo, a mídia e as escolas devem abordar temas como o uso correto do preservativo, como maneira de evitar uma gestação precoce. Acho que esta é a forma de proteção mais prudente para inibir esses casos.

Gravidez antes do tempo

Hoje em dia, infelizmente, é normal as meninas ficarem grávidas antes do tempo, muitas vezes se deixam levar pelo momento e nem pensam nas consequências.

Quando se começa uma vida sexual ativa, deve-se conscientizar que mesmo tomando todos os cuidados não há garantia que você não engravide.

Defendo a ideia de que os pais deveriam ser mais abertos com seus filhos para conversar sobre isso, porém é um assunto que não deve ser tratado só em casa, mas nas escolas também, porque a “vida” dos adolescentes começam, praticamente, na escola, por isso a importância da educação sexual.

Quando uma jovem engravida, isso pode atrapalhar seus estudos, porque vai ter que trabalhar para se sustentar, não vai poder sair para se divertir com os amigos, dentre outras privações.

Assim, deveríamos quebrar esse tabu e alertar mais os jovens sobre esse assunto, mas se a gravidez for uma escolha consciente dos dois, ok!

A gravidez fora de hora

A gravidez na adolescência é um problema a ser diminuído com urgência. Segundo o ginecologista, Cláudio Basbaum, só no Brasil 66% das gravidezes em adolescentes são indesejadas. Isso tudo é falta de cuidado porque o governo distribui preservativos, tanto feminino quanto masculino.

Além disso, outro dado preocupante é que 23% da população do Brasil é composta de jovens, o que indica que mais adolescentes podem ficar grávidas fora de hora e quando isso acontece, lamentavelmente, as meninas-mães são quem mais sofrem com essa situação, que devido a falta de maturidade, elas acabam se descuidando de alguns detalhes durante a gestação, o que pode trazer riscos de saúde para elas e para os bebês.

Na maioria desses casos, o pai da criança abandona a jovem grávida e o filho cresce sem o amor paterno. Isso traz alguns efeitos negativos para a criança como os sentimentos de rejeição e de abandono, por isso a família deve orientar os adolescentes para não terem filhos tão novos.

Enfim, a gravidez fora de hora é um caso que está, praticamente, prejudicando a vida dos jovens de hoje, estabelecendo limites e dando responsabilidades para eles, mas que pode ser reduzido com trabalhos educativos de prevenção e o uso, por exemplo, de preservativos, de

anticoncepcionais como pílulas e injeções e de contraceptivos como o diafragma. Por isso você que é jovem, use camisinha para não ter filhos fora de hora.

Os conflitos da gravidez precoce

No Brasil, o número de adolescentes que engravidam entre 15 e 17 anos é um assunto que tem um forte impacto em nossa sociedade, pois observamos que a maioria dessas gravidezes ou não foram planejadas ou são sérios frutos de violência sexual.

Algumas pesquisas apontam que, anualmente, dois milhões de adolescentes ao redor do mundo dão à luz antes de completarem 15 anos. Sem dúvidas, o número de gravidez precoce é alto e cada vez mais, a idade para as mulheres engravidarem vem caindo. Mesmo com tantos casos, é um problema considerado pela maioria dos jovens como uma realidade que nunca vai atingi-las e assim, continuam a praticar as relações sexuais sem nenhuma proteção.

Isso provoca uma fração de problemas para a mãe, como o aumento dos riscos de parto prematuro, doenças hipertensivas na gestação e anemia gestacional.

Muitas famílias já estão conversando com seus filhos em relação à gravidez precoce, alertando sobre as consequências desse ato impensado e alguns movimentos populares, também estão realizando projetos nas comunidades para ajudar os jovens a não começar a vida sexual tão cedo.

Enfim, o nascimento de uma criança deve ser programado e para isso, a família e a escola têm um papel muito importante na formação

do pensamento desses jovens imaturos, não apenas para prevenir a gravidez antes do tempo, mas para mostrar que haverá o momento certo para tomar essa decisão.

Gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência é um fato comum, atualmente, em nossa sociedade. Ao que tudo indica três a cada cinco jovens engravidam nesta fase.

Constatamos, diante de pesquisas, que o uso de camisinha é uma das melhores opções para os jovens não engravidarem na adolescência.

Consequentemente, muitas jovens saem da escola quando engravidam, além de outras complicações de saúde, resultantes de uma gravidez precoce, tanto para a mãe como para o recém-nascido. O bebê, por exemplo, além da prematuridade pode apresentar baixo peso ao nascer, como também, está exposto aos riscos de malformação.

Em resumo, a família deve apoiar e ajudar para que a adolescente não crie problemas afetivos com o bebê, a escola também é muito importante, ela pode fazer palestras para conscientização dos adolescentes e a mídia deve apresentar campanhas de prevenção, tanto para as garotas como para os garotos, pois ambos devem ser ensinados a se prevenirem contra a gravidez tão cedo.

Gravidez precoce

A gravidez na adolescência é um problema que atinge muitos jovens pelo Brasil. Muitas vezes são adolescentes que não têm a atenção suficiente dos pais ou não receberam informações sobre o uso de preservativos, remédios e outros métodos. Eu não sou a favor da gravidez nesta fase, porque as jovens não têm experiência com filhos, os abandonam ou até abortam.

Quando isso acontece, algumas meninas desistem dos seus objetivos, outras buscam reestabelecer a sua vida, tanto estudantil quanto social e financeira. A maior prova disso é a minha própria mãe, sim, eu sou fruto de uma gravidez precoce. No começo ela pensou em desistir dos estudos e se tornar uma simples empregada doméstica, mas decidiu fazer uma reviravolta e se formou em técnica de enfermagem.

Para concluir, com todas as leituras e pesquisas que fizemos, aprendemos que a gravidez na adolescência é uma coisa prejudicial para as mães, tanto na vida pessoal, quanto na social. E para prevenir, os jovens devem usar preservativos, anticoncepcionais e outros métodos a mais.

A gravidez precoce

A gravidez precoce consiste na gravidez de uma adolescente e pode trazer consequências futuras para a jovem. A evasão escolar é uma delas, outras como a possibilidade de aborto espontâneo, também aumenta nos casos de partos prematuros. Envolve ainda, além de problemas físicos, problemas emocionais, pois muitas das jovens que engravidam precocemente, não estão mentalmente preparadas para dar existência a uma outra vida.

Com certeza, muitos adolescentes que iniciam sua vida sexual, precocemente, estão cientes de como evitar uma gravidez indesejada, pois pensamos que a maioria dos jovens está exposta à quantidade necessária de conhecimento sobre a prevenção, além disso, a utilização da internet é bastante popular entre eles e isso auxilia na pesquisa de contraceptivos.

Porém, sabemos que em alguns casos, o investimento em campanhas educativas para conscientização dos jovens, quanto ao uso correto dos contraceptivos, reforçaria mais, no sentido de diminuir os casos alarmantes de adolescentes grávidas, pois segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 7,3 milhões de adolescentes são mães a cada ano e a UNICEF afirma que no Brasil, 2,1 milhões de jovens adolescentes entre 12 e 18 anos se tornam mães a cada ano.

Em resumo, para a conscientização dos adolescentes, deveria ser investido na educação sexual em escolas de ensino público, onde têm mais jovens de baixa renda, bem como, ações de esclarecimento sexual sobre o uso correto de contraceptivos. Necessitaria ademais, da intensificação de campanhas de conscientização à gravidez precoce e seus riscos nas redes sociais, revistas e TVs.

Concepção precoce: um problema?

Os tempos mudaram e com eles, os hábitos juvenis também. Mesmo com várias propagandas sobre sexo seguro, os jovens não se conscientizam e o índice de gravidez na adolescência só aumenta, consequentemente, provocando a superpopulação. Uma contribuição nada agradável.

Uma grande parte das gravidezes indesejadas é de adolescentes, na maioria das vezes, de classe média baixa, sem acesso à educação sexual ou qualquer tipo de informação sobre o assunto.

Muitas delas não utilizam ou utilizam de forma inadequada, os métodos anticoncepcionais. Logo, são mais propícias a darem início a uma gravidez indesejada e assim, o medo toma conta dessas jovens, pois o preconceito ainda é comum tanto fora, como dentro de casa.

Além disso, a maioria das adolescentes que engravida nessa fase, não retorna aos estudos devido ao pouco tempo livre que elas têm por causa de seus bebês e sem estabilidade financeira nem muito menos psicológica, para focar nos estudos.

Em resumo, devemos conscientizar os jovens, aumentar a distribuição de camisinhas por todos os postos de saúde do Brasil e incentivá-los a prevenir-se. Inserir a educação sexual nas escolas também é uma boa ideia.

Gravidez na adolescência

Gravidez na adolescência significa a gestação de meninas menor de idade que engravidam, geralmente, entre 10 e 17 anos. Isso acontece ainda na escola, quando estão estudando e muitas param de frequentar o colégio, por motivo de saúde ou por vergonha da barriga.

Na minha opinião, elas deveriam pensar nos estudos, para depois pensar em manter relações sexuais, pois muitas não têm como cuidar de um filho se vier a engravidar. Porém, se manter relações sexuais for uma opção do casal de adolescentes e se estes têm a aceitação dos familiares para manter esta convivência mais íntima, que usem o bom senso de se prevenir e escolham a camisinha que é um dos métodos mais simples de prevenção.

Quando os pais não aceitam, a mãe-adolescente é quem mais sofre, sem trabalho, sem casa própria e, na maioria das vezes, sem marido, porque os rapazes quando engravidam não querem assumir a responsabilidade.

Por isso, eu recomendo as meninas que estudem e se tornem independentes antes de ter um filho e que as escolas reservem um tempo para orientar e trabalhar com os adolescentes, as formas de prevenção e os riscos que uma gravidez precoce e indesejada pode trazer, para mãe e para a criança.

Gravidez na adolescência: e agora?

Os casos de gravidez na adolescência vêm se agravando mais nos últimos anos e isso nos permite entender que as mulheres estão se tornando mães muito cedo, muitas vezes sem prática nenhuma para cuidar de um filho.

De acordo com a pesquisa Saúde Brasil, do Ministério da Saúde, divulgada em 2017, o número de bebês nascidos de mães adolescentes no Brasil teve uma queda de 17% entre 2004 e 2015, porém ainda vemos um grande número de meninas grávidas na sociedade e o que nos preocupa é que a maioria delas não planejou ou desejou ter um filho nesta fase.

Provavelmente, tanto as meninas como os meninos têm acesso às informações de prevenção, o problema é que não utilizam na hora que é necessário e acabam sofrendo as consequências. Para as mães, os problemas de saúde e as desavenças familiares são as mais comuns e para os bebês, a malformação, a desnutrição e o nascimento antes dos nove meses, são os que mais prejudicam.

Alguns especialistas afirmam que, quando a escola promove explicações e ações de formação em Educação Sexual, há mais chances de diminuição desses casos, já eu acho que, antes da escola, deve vir a conversa com a família e, a escola como complemento dessas informações.

Enfim, se todos agirem com responsabilidade, a família fazendo o papel de orientação, a escola com a educação sexual, a saúde com a distribuição de métodos preventivos e os jovens seguindo os conselhos dados, quem sabe, vamos reduzir esses casos de gravidez antes do tempo.

Gravidez na adolescência: um caso de saúde pública

A gravidez na adolescência, para alguns especialistas, é um caso de saúde pública bem grande e que deve ser o quanto antes, diminuído.

As adolescentes mais atingidas são as mais pobres e com menor escolaridade consequentemente, são os grupos de pessoas que têm menos informações, afirma o ginecologista, Cláudio Basbaum. Na maioria das vezes, os pais encaram como um “tabu”, para falar sobre o assunto. E você, fala com seu filho ou filha sobre isso?

Segundo o Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC) o número de nascidos registrou queda de 17% no Brasil, mas essa redução ainda não é considerada suficiente para a diminuição da evasão escolar dessas jovens que é mais alta, por conta de estarem grávidas e/ou por terem de cuidar do bebê sem o pai ou a família por perto.

Resumindo, os pais devem falar com seus filhos sim, sobre gravidez precoce, as escolas e o governo devem aumentar a parceria para promover campanhas e políticas educativas, quanto ao uso de preservativos e contraceptivos, tanto para meninos como para meninas e com o auxílio da mídia, fazer um levantamento de enquetes sobre a opinião das jovens, acerca da conscientização desse assunto tão polêmico.

Gravidez na adolescência

No Brasil, a maioria das adolescentes que engravida está na faixa etária entre 14 e 15 anos. Do meu ponto de vista, não devemos julgá-las até porque, isso pode acontecer com qualquer uma.

Com certeza, ter uma criança é uma responsabilidade muito grande, pois 99% das adolescentes que são mães terminam se prejudicando muito, tanto nos estudos quanto nos planos feitos para o futuro. Para que isso não venha a acontecer, uma das formas de se prevenir é procurar os anticoncepcionais e informações sobre outras maneiras de se evitar a gravidez.

Para reduzir esses casos, o governo deveria se mobilizar para ajudar a encontrar alguma solução para esses adolescentes, ao mesmo tempo, a família deve conversar sobre os métodos de prevenção e dar todo apoio possível para a jovem, que caso ela venha a engravidar, tenha pelo menos, oportunidade de concluir os estudos. É hora de juntos, ajudarmos a quem se encontra nessa situação.

A gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência, no Brasil, é um assunto que vem gerando muitas discussões nos debates entre profissionais de saúde e especialistas da área. Isso porque, a maior parte dos jovens começa a ter relação sexual mais cedo, sem uso de nenhum método preservativo, resultando em uma gravidez indesejada. Muitas vezes, isso ocorre por curiosidade sexual ou muita falta de informação sobre o assunto.

Quando uma adolescente engravida, geralmente, ela é solteira, uma jovem que ainda não está preparada para cuidar de um bebê muito menos ainda de uma família. Além disso, como explica o psicólogo Jairo Bouer, uma garota, para conseguir estudar sem muitas dificuldades é difícil, imagina uma adolescente que tem de amamentar, trocar fralda ou preparar papinha. Na maioria dos casos, muitas delas até sentem vergonha de voltar para a escola após terem seus bebês e acabam desistindo dos estudos.

E não são poucos, os casos de gravidez precoce, como mostra o relatório da Organização Mundial de Saúde, a cada mil adolescentes brasileiras entre 15 e 19 anos, 68,4 ficaram grávidas e tiveram seus bebês, ou seja, são números que impressionam diante do cenário social e econômico brasileiro.

Para finalizar, o número de jovens mães solteiras vem crescendo muito e para diminuir esses números, as campanhas de prevenção e valorização de educação sexual devem ser feitas pela escola e pelos profissionais da saúde de cada comunidade, buscando conscientizar os jovens a não tomar tal atitude, sem conhecimento das consequências que a imaturidade pode causar.

Gravidez indesejada ou não conversada

Gravidez na adolescência, hoje em dia, ainda é considerada por muitas pessoas como um “tabu”. É um assunto que não é conversado ou até não lembrado, as pessoas simplesmente deixam passar e isso vem provocando uma série de problemas para os jovens, envolvidos nesse processo.

Existem várias formas de prevenção para os jovens, como: camisinhas, pílulas, DIUs, cápsulas, injeções e remédios, mas muitas vezes passam despercebidos por eles e a maioria acaba, segundo especialistas da saúde, engravidando entre 10 e 19 anos. Do meu ponto de vista para ajudar, as autoridades no assunto, como: psicólogos, profissionais de saúde e professores podiam conversar e falar sobre os riscos de uma gravidez precoce.

O papel da escola é fundamental também, pois 90% das adolescentes desistem dos estudos, e algumas até sofrem *bullying*, pelo fato de terem engravidado. Para ajudar a diminuir o número de mães adolescentes poderia se criar projetos, palestras e atividades de conscientização a serem desenvolvidos no ambiente escolar.

Enfim, surgem muitas dificuldades, não só na família, mas financeiramente também, pois a mãe e o pai da criança não têm condições de criar e recorrem à família que, muitas vezes, não aceitam e os expulsam de casa ou até mesmo querem que abortem o bebê,

porém é importante destacar que o apoio, principalmente, da família é muito importante nesta hora e que em alguns casos, os parentes se disponibilizam a ajudar a jovem, a criar o filho.

Adolescência interrompida

A gravidez na adolescência é muito comum nos dias de hoje. Isso acontece por falta de responsabilidade dos mesmos, porém a família exerce um papel muito importante nessas horas.

Em minha opinião, a família em si tem que dar todo o apoio, cuidado e atenção e receber esse novo ser com muito amor, fazendo com que a adolescente se sinta abraçada, pois pode acontecer de muitos amigos e até alguns parentes abandoná-la nesse momento.

O papel da escola, da mídia e do governo é conscientizar os adolescentes com palestras e filmes falando sobre o assunto, para que não aconteça com outras pessoas e se acontecer, pelo menos, que eles tenham sido avisados.

Gravidez na adolescência e suas consequências

Hoje em dia, a gravidez na adolescência está muito comum, pois os jovens não têm noção da responsabilidade do que é cuidar de uma criança. Eu acho que uma gestação, neste momento, pode atrapalhar os sonhos dos adolescentes, como paralisar os estudos e perder a liberdade.

É importante que o governo e a escola cumpram o papel de conscientizar os jovens, mostrar que existem meios de prevenção para evitar a gravidez e conscientizar as meninas, para que elas não queiram abortar, porque matar um ser indefeso é crime e com essa atitude, a jovem não vai deixar apenas de ser mãe de uma criança e sim de uma criança morta.

Quanto aos pais, devem orientar seus filhos, porém se a filha aparecer grávida, eles deverão apoiar, dar suporte, todo amor, em vez de ficar criticando a jovem que já se encontra abalada, emocionalmente, para que não entre em depressão.

Gravidez na adolescência e suas consequências

Hoje em dia a gravidez na adolescência é bastante discutida entre jovens e adultos, assim como suas consequências. Mesmo assim, a cada ano o número de gravidez indesejada, “ou antes do tempo” ainda é considerado elevado.

Para uma adolescente deve ser muito difícil aceitar uma gravidez, porque nem sempre os pais aceitam suas filhas, de 15 ou 16 anos, estarem esperando um filho e acabam expulsando-as de sua própria casa.

A jovem pode sofrer, entrar em estado de depressão e acabar tirando a própria vida. Os meninos - pais dessas crianças - abandonam suas parceiras para não lidar com essa responsabilidade, pois também são apenas jovens sem experiência no assunto, porém nem todos são assim, uns até ajudam com alimentação, fraldas e roupas.

Para finalizar, a gravidez na adolescência não é uma brincadeira e sim uma grande responsabilidade, tanto para o menino como para a menina, portanto usar proteção durante a relação é sempre muito importante, para que não ocorram gravidezes indesejadas.

Gravidez na adolescência, e eu com isso?

Atualmente, muitos problemas preocupantes rondam nossa juventude, entre eles, a gravidez na adolescência. Frequentemente, nos perguntamos o porquê de se encontrar tão elevado, o índice de gravidez precoce, mas pouquíssimas vezes nos perguntamos como enfrentar tal problema.

Infelizmente na sociedade em que vivemos, adolescentes grávidas, precocemente, são julgadas e excluídas socialmente. A meu ver, todos nós - enquanto humanidade - devemos apoiá-las, pois não se trata “apenas” de duas pessoas despreparadas para acompanhar o desenvolvimento de uma criança, mas sim de uma família que, provavelmente, irá prosseguir sem estrutura de vida.

Sem dúvidas, o machismo imposto pela humanidade atinge bem mais as mulheres, fazendo com que as mesmas desistam de seus estudos, sonhos e outras atividades que possam ajudar em seu desenvolvimento. Julgar e expressar opiniões negativas sobre as adolescentes não irá ajudar e sim, fazer com que as mesmas retrocedam emocionalmente.

O governo faz um grande papel, entregando contraceptivos gratuitamente em postos de saúde, porém os próprios pais acabam considerando esse ato como um incentivo ao sexo. Deixo uma

advertência, para que os pais abram suas mentes e conversem com seus filhos sobre determinado assunto. A mídia, também, poderia alertar mais, no entanto acaba incentivando mais do que precavendo.

Fazer com que os adolescentes recebam uma educação sexual familiar ajuda muito, pois creio que a gravidez na adolescência sempre vai existir, mas podemos diminuir os números, criando projetos, informando e dialogando com os adolescentes de uma maneira mais compreensiva.

Gravidez precoce

Gravidez na adolescência é um assunto muito comum, ultimamente, porém muito preocupante também. Os jovens, de hoje em dia, já acham isso muito normal, mas não é.

Como duas crianças praticamente vão cuidar de outra? É muito triste isso.

Eles desconhecem que com a vinda de uma criança, vêm também muitas obrigações e quando o fato chega a acontecer, muitos desistem de estudar, além de perderem toda a diversão da adolescência, porque vão gastar a maioria do seu tempo cuidando do filho.

Lembramos que essa atitude pode ser evitada com, apenas, o uso de uma camisinha, mas os adolescentes não têm consciência e preferem fazer sem proteção e correr o risco de engravidar.

Eles deveriam pensar mais, antes de praticar uma relação sexual desprotegida, mas como não pensam nas consequências, acabam pagando um preço alto, que só após determinado tempo vão conseguir enxergar.

Isso tem que mudar e logo. As aulas sobre educação sexual, na escola, devem ser colocadas com urgência, o diálogo dos pais com os filhos também é importante e até mesmo uma conversa com alguém

mais experiente ou que já tenha passado por isso, poderá ajudar bastante.

Gravidez na adolescência: problemas ocorridos

A gravidez na adolescência no Brasil é algo que já vem ocorrendo há muito tempo, mas ainda vem preocupando bastante pela falta de planejamento, pois de acordo com o ginecologista Cláudio Basbaum, hoje 66% das gravidezes em adolescentes são indesejadas.

Nesse período, muitas dessas jovens tomam a atitude de sair de casa ou até mesmo realizar o aborto. Há casos em que elas largam os estudos ou até abandonam o filho e assim acabam fugindo das suas responsabilidades.

O apoio da família é essencial para amenizar as consequências geradas por uma gravidez precoce e não planejada como: a depressão, a baixa autoestima e vários outros problemas físicos e emocionais que podem ocorrer com esse tipo de gestação. É preciso pensar bastante em formas de ajudar essas jovens, pois a gravidez precoce é considerada como uma das maiores causas de renúncia dos sonhos e isso pode acabar com o futuro dessas meninas.

Se no começo da adolescência, uma boa educação direciona a um bom caminho, é necessário, portanto, incentivarmos o uso de preservativos durante as relações sexuais, para que os jovens possam passar por essa fase de alteração de hormônios sem a experiência de uma gravidez precoce, mas se por acaso venha a acontecer, é preciso manter a situação sobre controle.

A gravidez na adolescência sempre irá existir, mas podemos diminuir os números com a utilização de medidas preventivas e com a educação ofertada pelos pais.

Pedro Henrique Marques

Gravidez na adolescência

A gravidez precoce é um assunto delicado que acontece muito no Brasil e essa realidade não é de hoje, muitas jovens têm filhos dos 13 aos 16 anos e sofrem com isso. Sou contra esse tipo de gravidez, pois há várias formas de prevenção, o que falta é conscientização.

Engravidar e ainda ter que ver se os pais vão aceitar, porque a maioria rejeita e não apoia a filha (que já sofre com a criança), já é um problema, além do mais, correm risco de morte e os filhos podem nascer com problemas de saúde, por exemplo, nascer antes do tempo, sem falar que algumas delas têm vergonha de ir para o colégio e acabam evadindo da escola.

As meninas mais afetadas com esse tipo de gravidez são as de camadas sociais mais necessitadas e com isso, enfrentam dificuldades para sustentar a criança. Quando não têm outra saída, algumas mães abandonam seus filhos ou deixam para os avós cuidarem e eles acabam adquirindo uma responsabilidade que não é deles.

Então, é bom não engravidar enquanto for adolescente, porque além de sofrer com problemas financeiros e psicológicos, o bebê também sofre. E para impedir que isso aconteça, campanhas educativas e distribuição de preservativos devem ser intensificadas pelos responsáveis de cada setor.

Gravidez na adolescência no Brasil

A gravidez na adolescência é um problema muito comum em nosso país. São jovens que, atualmente, estão perdendo uma parte da sua vida, porque estão se tornando pais muito cedo. Segundo o relatório apresentado no G1-globo.com, o Brasil tem gravidez na adolescência acima da média latino-americana. Você acha isso certo?

A média latino-americana é estimada em 65,5 bebês nascidos de mães adolescentes, a cada mil meninas de 15 a 19 anos. O Brasil supera esta média com 68,4 bebês nascidos de mães adolescentes, diz a OMS (Organização Mundial de Saúde). O órgão também divulgou que a América Latina é a única região do mundo com uma tendência crescente de gravidez entre adolescentes menores de 15 anos.

Esse tipo de gestação também pode interferir na vida da mãe, prejudicando a sua saúde e a do bebê, podendo trazer muitos riscos como: pré-eclâmpsia e eclâmpsia, parto prematuro, bebê com baixo peso ou subnutrido, complicações no parto que pode levar a uma cesárea, entre outros. Essas consequências são resultantes de causas como a falta de informação para iniciar um pré-natal adequado.

E isso não traz apenas problemas de saúde para a jovem, pode também prejudicar a sua vida social. Ela pode se afastar dos seus amigos e familiares, se sentir envergonhada, pelo fato de ter um bebê muito jovem e não saber lidar com a situação e ainda se sentir

excluída da sociedade, se afastar dos estudos e abandonar os projetos planejados para o futuro.

Concluimos que, a gravidez na adolescência é uma ocorrência que pode e deve ser evitada, com conversas frequentes entre os jovens e seus familiares sobre o uso de anticoncepcionais e contraceptivos. Os adolescentes devem procurar se informar o bastante para evitar este acontecimento que, infelizmente, é algo muito comum hoje em dia, mas que pode trazer sérias consequências, se não tiver sido planejado.

Gravidez não desejada

Gravidez na adolescência é uma atitude errada, porque existem várias formas de se prevenir, como: remédios, comprimidos, injeções, cápsulas e mesmo assim, o número de adolescentes grávidas é alarmante.

De acordo com a pesquisa Nascer no Brasil: Inquérito Nacional sobre parto e nascimento, 55,4% das mulheres não planejaram sua última gestação e esses números nos amedrontam pelo fato de que a maioria desses casos ocorre com jovens meninas.

Na maioria das vezes, quando isso acontece, os pais ou a família não sabe como lidar com o assunto e querem que a adolescente aborte ou que saia de casa, porque não aceitam o fato de ver a filha grávida.

Sempre é bom ter a família por perto, para dar apoio e conversar, até porque é um momento difícil para a adolescente, mesmo sabendo que algumas delas engravidam por descuido ou em caso de estupro.

A escola pode fazer palestras e projetos para conscientizar os alunos de como se prevenir, para que outros adolescentes não cometam o mesmo ato. Poderia também, incentivá-los para não desistirem dos estudos, pois algumas desistem e têm dificuldade na hora de conseguir emprego.

Para finalizar, a mídia pode e deve fazer várias reportagens sobre este assunto, para conscientizar a todos sobre a gravidez na

adolescência e para diminuir ainda mais, esses índices. O governo poderia acrescentar o número de camisinhas a ser distribuído e incentivar os profissionais da saúde a trabalhar sobre esse assunto em parceria com a comunidade.

Gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência é uma questão que deve ser discutida não só em casa, mas também na escola, pois se trata de um assunto sério que pode acabar prejudicando a vida, tanto da menina como do menino, quando ele resolve assumir a responsabilidade da paternidade.

Os pais devem, primeiramente, chamar os filhos para conversar sobre os problemas e sobre o trabalho que é cuidar de um bebê, pois requer muita responsabilidade, por exemplo, a amamentação e bastante atenção. E, é por causa dessa “bastante atenção” que a vida das meninas acaba sendo prejudicada, porque muitas vezes têm que abandonar a escola para poder arrumar tempo de cuidar do recém-nascido.

Por outro lado, quando o rapaz escolhe assumir sua responsabilidade, muitas vezes, tem que dividir seu tempo entre a escola e o trabalho. Isso, quando também não desiste de estudar. Porém, se mesmo com o diálogo a gravidez precoce não for evitada, os pais devem dar apoio e ajudar no que for preciso.

A escola deve fazer palestras sobre os riscos e os cuidados de uma gravidez prematura e sobre doenças que podem ser transmitidas durante uma relação sexual desprotegida e ainda, sobre o nascimento

do bebê com poucos quilos ou até mesmo a morte do pequeno, além dos cuidados com a alimentação, tanto da mãe como da criança.

Diante de tantas complicações, é importante lembrar de que o uso de preservativos e outros contraceptivos é essencial e não pode ser esquecido.

Por fim, é muito importante o apoio da família, do governo e das autoridades de saúde, todos têm o dever de orientar os adolescentes sobre complicações que uma gravidez na adolescência pode provocar.

Gravidez inesperada

A gravidez na adolescência é um fato impactante na sociedade brasileira e a cada dia que passa o número de adolescentes grávidas não para de crescer. Uma gestação precoce traz consequências para a menina, que além de ser muito nova e inexperiente, corre também um grande risco de saúde, tanto ela quanto o bebê.

Muitas das vezes engravidar nesta fase, significa desperdiçar os momentos de liberdade que a adolescência permite, é ter que se desligar dos estudos, adiar os seus sonhos e amadurecer antes da hora.

Diante de uma gravidez, a família tem que dar o apoio necessário, pelo menos no início, pois já é algo complicado lidar com essa situação, imagine sem a ajuda dos familiares, porque as consequências já serão meios de aprendizado.

Há também, alguns eventos sociais que são promovidos para evitar a gravidez de nós, jovens, tanto nas escolas quanto nas instituições de saúde, mas o que efetivamente deve ser feito para a redução desses números é o diálogo entre pais e filhos, uma conscientização dos mais experientes e um pouco mais de atenção aos problemas que eles enfrentam, pois gravidez precoce não é um assunto novo nem tão pouco está perto de se tornar extinto.

Gravidez precoce e suas mudanças

A gravidez na adolescência é um assunto bem polêmico e delicado, mas na maioria dos casos acontece por vontade própria.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, são casos de meninas que engravidam entre 10 e 19 anos. Uma época de várias descobertas e, ao mesmo tempo, de exposição aos riscos de saúde que esse ato pode provocar tanto para a mãe, por ser muito nova, como para o bebê que pode nascer antes do tempo.

Parte das jovens escolhe não se prevenir, mesmo sabendo dos riscos, algumas são solteiras e não têm maturidade para criar e cuidar de uma criança, por isso decidem abortar, por sofrer muita pressão e algumas têm sim, conhecimento de alguns métodos para a prevenção contra a gravidez, por exemplo, as pílulas, as camisinhas, os DIUs e as injeções, no entanto não os utilizam.

Sem dúvida, são várias dificuldades que a adolescente enfrenta por ser menor de idade, não ter como arrumar um emprego e, às vezes, nem pode pedir ajuda ao pai da criança ou aos avós.

O papel da escola é incentivar os alunos, conscientizá-los quanto à gravidez precoce que é um problema maior do que muita gente imagina, principalmente, quando se diz respeito à família, pois a maioria não apoia a menina ou a expulsam de casa, ficam com raiva, se distanciam, pouquíssimos parentes dão apoio.

Para finalizar, entre os adolescentes hoje em dia, sempre há um pensamento que nada de diferente pode acontecer na vida deles. Diante desse fato, é necessário que projetos sociais e campanhas educativas sejam realizados o quanto antes, pelas instituições responsáveis no sentido de conscientizá-los.

REDAÇÃO

Edição: Josefa Rejane Luiz Ferreira

Arte: João Victor Quaresma da Silva

Revisão: Carla Alecsandra de Melo Bonifácio

Revisão da Apresentação: Luiz Fábio Alves Jales

Organização: Josefa Rejane Luiz Ferreira

Direção: Josefa Rejane Luiz Ferreira

Data desta edição: dezembro / 2018

Tiragem inicial: cinquenta exemplares